



O ESTILO DE JESUS

LIÇÕES PRÁTICAS DA SUA
VIDA E MINISTÉRIO

Gayle D. Erwin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Erwin, Gayle D.

O estilo de Jesus : lições práticas da sua vida e ministério /
Gayle D. Erwin ; tradução Cristina Frey.
— São Paulo : Shedd Publicações, 2005.

Título original: The Jesus style.

Bibliografia.

ISBN: 85-88315-41-6

1. Jesus Cristo - Conhecimento 2. Jesus Cristo - Ensinaamentos
3. Jesus Cristo - Pessoa e missão 4. Ministério Ensino bíblico I.
Título.

4674

CDD: 232.954

índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Ensinaamentos : Cristologia
232.954

*A minha esposa, Ada, e meus filhos, Valerie, Clyde,
Gloria e seu marido Peter, Angela e seu marido Mark,
por seu amor incondicional.*

© Shedd Publicações Ltda-Me

Título original: *The Jesus style*

Publicado por Yahshua, 1997

1ª Edição - Agosto de 2005

1ª Reimpressão - Abril de 2011

2ª Reimpressão - Setembro de 2014

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por

SHEDD PUBLICAÇÕES

Rua São Nazário, 30, Sto Amaro

São Paulo-SP - 04741-150

Tel. (011) 5521-1924

Vendas (011) 3577-0177

Email: sheddpublicacoes@uol.com.br

www.loja.sheddpublicacoes.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco
de dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

ISBN 978-85-88315-41-6

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

TRADUÇÃO - Cristina Frey

REVISÃO - Regina Aranha

CAPA - Magno Paganelli

Sumário

Prefácio à edição brasileira	7
Introdução	9
Prefácio	13
UM ESTILO PRÓPRIO	
Jesus, sim	15
A aproximação de Jesus.....	19
O FORMADOR DE ESTILO	
O número um	33
Um por todos.....	35
Todos por um	37
Um entre muitos.....	43
O ESTILO DE JESUS	
Ao nosso alcance	47
A suas ordens	49
A pirâmide do poder.....	55
Eu prefiro um sermão.....	63
Nem mais, nem menos	69
A criança é	79
De segunda mão	85

Educando para ser o último.....	89
Um lugar na manjedoura.....	95
Adeus à violência.....	101
Olá, eu sou o reverendo	107
Pés no chão	117
Tal Pai, tal Filho	121
Pastores não correm	127
Descobertas felizes feitas por acaso	129
O detentor do poder.....	131

VIVENDO O ESTILO

O doce e o amargo.....	137
O osso do tornozelo ligado ao do pé	139
Prisioneiros da história	143
Unindo-nos	151
Em casa com o Corpo.....	153
Compartilhando a dor	159
Uma palavra segue a outra	161
O estilo de todas as épocas	163

O ESTILO DE JESUS AO NOSSO ALCANCE

GUIA DE ESTUDO	163
----------------------	-----

Prefácio à edição brasileira



Mais um livro sobre Jesus! Que proveito pode tirar dele o leitor? Jesus Cristo é o personagem central do universo, o unigênito Deus que se fez carne para revelar definitivamente a glória e a graça de Deus. Que valor isso tem? Em *O estilo de Jesus*, o autor nos dá uma resposta que mudou radicalmente a história do mundo, uma resposta prática que mudará a vida de cada servo verdadeiro de Cristo que põe em prática o “estilo de Jesus”.

Gayle Irwin, palestrante renomado, descreve as implicações do estilo de vida que Jesus escolheu. Mesmo sendo Deus, rei, criador do universo, escolheu viver de modo simples e tratar de modo indiferente o luxo e a fama terrenos para atender às necessidades das pessoas carentes. Observando muitos detalhes que aos leitores podem passar despercebidos, Irwin faz uma descrição da mentalidade de Jesus que Paulo valorizou muito quando escreveu: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se, mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo[...]” (Fl 2.5-7, NVI).

O imenso valor da leitura cuidadosa deste livro depende de uma série de fatores. Entre eles, está a questão da motivação. Mahatma Gandhi disse certa vez: “Mostre-me um cristão que vive como Jesus viveu, e eu me tornarei cristão”. O fato de o

famoso “pai” da índia livre não ter se tornado cristão demonstra que ele não encontrou alguém que exemplificasse o estilo de Jesus. Esse deve ser um forte incentivo para se mergulhar na leitura deste livro. Cristãos têm uma inclinação muito maior para aceitar a Jesus do que para viver com o estilo de Jesus.

Ao exortar os coríntios a tornarem se imitadores de Cristo, como ele próprio era, Paulo não pretendia que todos chegassem a Jerusalém e morressem cravado na cruz. Seguir as pisadas de Jesus, como Pedro encorajou aos seus leitores da Ásia Menor a fazer, certamente não significava buscar um bando de homens sem vocação acadêmica nem especialização religiosa para passear nos trilhos poeirentos da Palestina e proferir palestras. Os passos de Jesus são mais desafiantes.

Acima de tudo, *O estilo de Jesus* confirma que, além de comissionar os seus discípulos a ensinar às nações a obedecer tudo o que Jesus ensinara, era para se adotar a mentalidade de Cristo, ou seja, a de ser servo humilde como ele foi. Neste livro, a meditação é altamente recomendável para todos que querem tomar sobre si o *jugo* e desejam aprender com Jesus. Sua humildade e mansidão trarão descanso para almas atribuladas, bem como grande melhoria para a vida em família e na igreja.

A Deus toda a glória!
Russell P. Shedd, Ph.D.

Introdução



A primeira vez que o mundo teve contato com Cristo, foi com o ser humano, com a pessoa, o homem Jesus... O carpinteiro judeu que se tornou um rabino itinerante. Seus ensinamentos eram radicais, passando diretamente pela ortodoxia religiosa e a visão convencional do Rei-Messias e seu reino. Atualmente, não sabemos ouvir o que Jesus diz, já que sempre incorremos no risco de interpretar seus ensinamentos radicais baseados no que pensamos e acreditamos já saber dentro de nosso contexto cultural e teológico. Nossas tradições estão sempre no caminho.

Em “O estilo de Jesus”, Gayle Erwin ajuda-nos a ver, sentir e ouvir Jesus como se fosse pela primeira vez, sem qualquer preconceito, predisposição ou parcialidade. Ajuda-nos a nos libertar de nossas tradições e da mesma prisão dogmática à qual os religiosos contemporâneos de Jesus estavam atados:

Ele respondeu: “Bem profetizou Isaías a respeito de vocês, hipócritas, como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens.’ Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens” (Mc 7.6-8).

Alguns estudiosos de Teologia têm insistido que a questão

crítica da igreja está no que cremos sobre Jesus Cristo. Basicamente ele sempre tem sido a questão crítica da igreja e, por esta razão, também da história. Invariável e inevitavelmente, quando qualquer outra coisa torna-se a questão, ela tende a dividir aqueles que acreditam em Jesus Cristo como o Salvador e Senhor. Uma maneira de se analisar isso é que quando outras questões permitem polarizar aqueles para os quais Cristo é o Senhor, esta questão, qualquer que seja, eleva-se a uma posição de maior importância que o próprio Cristo. Um eminente estudioso, pelo qual tenho profunda admiração e respeito, coloca a questão desta maneira: “Você faz o ídolo de acordo com as dúvidas que cria”.

Que Cristo é a questão crítica é indiscutível. Eie fez de si mesmo a questão quando confrontou seus discípulos, em Cesaréia de Felipe, com a pergunta fundamental, em cuja resposta está a fundação sobre a qual ele construiu sua igreja:

“E vocês”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?” Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Respondeu Jesus: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (Mateus 16.15-17).

O apóstolo João, que escreveu sua primeira epístola àqueles que “acreditam no nome do Filho de Deus”, foi claro sobre a questão central quando definiu o critério para a verdade:

Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus, não procede de Deus (1 João 4.2-3).

A primeira heresia da igreja não negava a divindade de Jesus, mas sim sua humanidade. O gnosticismo, acreditando ser a matéria o mal, rejeitava a ideia de que Cristo tinha um corpo físico, e afirmava que ele somente “aparentava” ser humano. No primeiro terço do século passado, a controvérsia sobre o aspecto

divino de Jesus dominou a igreja. Em sua justificada preocupação com a divindade de Cristo, os evangélicos pareciam estar perdendo, de alguma forma, o senso da humanidade de Jesus. Com isso, por razões práticas, abandonaram o modelo humano que Deus enviou para nos mostrar, não somente como é Deus, mas a compaixão como Deus a concebeu.

A mais pura essência da estratégia divina, a consumada revelação de Deus de si mesmo na carne humana, em consequência foi sacrificada por um dogma, o qual, apesar de absolutamente correto, fez-nos perder contato com o aspecto essencial de Deus identificando a si mesmo com o homem.

Esta é a convicção estabelecida por este autor, hoje crítico da aproximação evangélica de um mundo descrente. Em vez de apresentar um Jesus-homem fascinante e irresistível, nós comunicamos uma doutrina. A tendência é pedirmos a uma pessoa que acredite nisso ou naquilo sobre Cristo, mais do que pedir que realmente o conheça, o receba, confie nele e o ame. Nosso evangelho tornou-se um dogma que está acima da pessoa fascinante que foi o centro e a circunferência da fé apostólica. Os apóstolos sabiam muito pouco sobre Jesus, mas o conheciam. Nós hoje tendemos saber muito sobre ele, mas não sabemos como gozar de uma íntima relação com ele.

A questão crítica, portanto, é quem foi Jesus, o que ele disse e fez em sua peregrinação terrena. Gayle Erwin coloca-nos face a face com o homem Jesus, a pessoa real que caminhava pelas empoeiradas estradas da Galiléia, vivia uma vida real, em situações reais, com pessoas reais e comunicava as mais profundas verdades em termos mais simples.

Como resultado de sua experiência pastoral, e se poderia acrescentar alguns tropeços iniciais, o autor força seus leitores a considerar honestamente, ou talvez seja ainda melhor dizer reconsiderar, os simples ensinamentos de Jesus com os quais já estamos muito familiarizados. Neste livro, somos apresentados a

um Jesus, do Novo Testamento, de uma maneira que penetra em nossas visões tradicionais e exige que abandonemos as racionalizações que temos criado para nos permitir professar sermos discípulos de Jesus, quando ao mesmo tempo, estamos dando a ele apenas obediência parcial, com somente parte do coração envolvido.

Pessoalmente encontrei Jesus de uma nova maneira ao ler este livro, pelo que estou profundamente grato.

Ao ler pensei na frase de abertura de João, em sua primeira epístola: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam — isto proclamamos a respeito da Palavra da vida [...] para que vocês também tenham comunhão conosco”. (1Jo 1-1,3).

Richard C. Halverson (1916-1995)
Capelão, Senado dos Estados Unidos

Prefácio



Este livro surgiu de uma crise de entendimento e propósito que ocorreu em minha vida durante o início de meu pastorado. Naquela época, eu não sabia a extensão que os efeitos dessa crise trariam. Chegou um momento no qual, por uma questão simples de integridade, senti a necessidade de começar a relacionar minhas atividades pastorais com o que acreditava ser os ensinamentos bíblicos, e não permitir que tradições e expectativas culturais regessem minhas ações. Entretanto, descobri que a ponte entre o real e o ideal está em más condições. Você tem que atravessá-la por conta e risco e não pode carregar o excesso de bagagem de seus hábitos passados.

Atravessar esta ponte torna-se fonte de desilusão em relação às coisas que são familiares ao seu redor e aproxima-se perigosamente de um abismo de cinismo indiferente. Sempre desejei fazer uma pergunta a Deus e saber que ele a responderia completamente: “Por que você deixou sua igreja chegar a uma situação tão triste com facções, brigas e heresias?” Eu não tenho esta resposta, mas cheguei a um entendimento sobre princípio e propósito que me resgatou e, sob meu ponto de vista, tem o potencial de libertar a igreja e transformá-la no que Jesus gostaria que ela fosse.

Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará (Mc 8.35).

Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas, Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo (Fp 3.8).

Um estilo próprio

Jesus, sim.



Era apenas um dos muitos cartazes que vimos sendo carregados pelos manifestantes da década de 1960, mas chamou-me a atenção. O cartaz simplesmente dizia, “Jesus, sim! Cristianismo, não!”

Eu refleti: “Por que em todos esses anos a realidade de Jesus permanece atraente, enquanto nossas interpretações dele se mostram menos cativantes?”. Em algum lugar perdemos a capacidade de entendê-lo de uma maneira que o retrate corretamente. Mas, onde foi? Será que há algo sobre ele que não tenhamos pesquisado ou analisado? Há uma chave, um momento, uma solução? Compartilho minha busca com vocês.

O foco ao longo do tempo, em toda a história, todo o estudo (minha tendenciosidade é evidente) é a pessoa de Jesus Cristo. Ainda assim, este livro não é sobre a onisciência, onipotência e onipresença de Jesus, não é sobre a predestinação ou o pré-conhecimento de Deus. Estas características, da maneira que são apresentadas em teologias sistemáticas e a maneira como tratam a natureza de Jesus, colocam-no fora de meu alcance, o que creio, algumas vezes, ser algo bom. Que mais pode ser dito sobre sua aparência impressionante do que as palavras apresentadas no primeiro capítulo de Apocalipse?

Em vez dessas descrições dominadoras e majestosas com infinitas

possibilidades de distorções, quero falar sobre sua encarnação. Quero tomar seu imenso poder, comprimi-lo dentro do corpo que lhe foi dado, colocar sua mão contra a pele dele e, se sua mente puder lidar com isso (eu sei que seu espírito pode), deixar você saber que o toque e o calor que sente é o próprio Deus.

Quando aquele primeiro choro foi ouvido vindo no estábulo de Belém, sob os cuidados de Maria e José, chegou um bebê enrugado e coberto de sangue. O universo alcançou seu momento de mudança. Pela primeira vez, o Deus e Criador que antes havia sido apenas ouvido, podia agora ser visto e tocado. Tudo que ele era, agora ocupava a carne... acessível, palpável, vulnerável.

Mesmo assim, a humanidade prefere o Deus distante e invisível. Temos dificuldade com o Deus que é carne. Preferimos nos confrontar com princípios, dogmas e ideias a ouvi-lo nos chamar para ele como uma pessoa.

Mas Deus não quis dessa maneira. Jesus, o ponto de divisão do tempo, podia ser tocado, e ele nos pôs em contato com Deus. É apropriado que os relatos mostrem-no indo por toda parte, tocando as pessoas, mesmo aqueles que, até aquele momento, eram intocáveis. Ironicamente, os relatos também mostram que aqueles que foram tocados por ele, não entenderam quem ele era. Até seus seguidores mais próximos muitas vezes ficaram incertos.

O Reino às avessas

João Batista, primo de Jesus, é um exemplo dessa dúvida. Ele, no início de sua pregação, disse sobre Jesus: “Este é ele!” Mais tarde, demonstrando sua dúvida, ele perguntou a Jesus: “Você é ele?”

O que aconteceu nesse meio tempo? Por que ele ficou confuso sobre quem Jesus realmente era? João nos dá um indício

do que possa ter sido a fonte de sua confusão. Na época em que fez sua primeira declaração, João revelou que não teria reconhecido Jesus se não fosse pelo Espírito que desceu e permaneceu nele. Em outras palavras, não houve nada de automaticamente messiânico em sua aparência (o que é difícil de acreditar pelos retratos artísticos feitos de Jesus), nem suas ações condiziam com o que tradicionalmente se esperava do Messias.

Apesar de João pregar a mensagem de preparação que lhe foi dada, ele, juntamente com os discípulos que frequentemente questionavam Jesus sobre quando ele livrar-se-ia de Roma e estabeleceria seu reino, poderia muito bem ter em seu íntimo um entendimento tradicional do Messias. A questão é: “Como alinharmos nosso entendimento à verdade?”

Os discípulos incessantemente confrontavam-se com o que Jesus tentava ensinar-lhes sobre o reino de Deus. Disputavam posições, manipulavam por favores especiais, discutiam sobre quem era o melhor. Eu, francamente, aprecio notar suas fraquezas humanas.

Naturalmente, hoje, considero-me muito evoluído para curvar-me a uma maneira tão grosseira de aproximação. Ao contrário, quando vou a reuniões de comitê, planejo como posso fazer para que os outros façam o que eu gostaria que fizessem, fazendo-os crer que é o que eles realmente querem fazer e ainda, por fim, fazer com que me dêem o crédito pela ação. Ou junto-me a outros em inteligentes manobras políticas por trás do pano, em convenções da igreja, e permaneço convenientemente cego em relação a meus motivos.

Jesus respondeu de maneira clara e sutil às competições dos discípulos (e aos meus motivos):

Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário,

quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.42-45).

Esse homem disse que veio mais para servir do que ser servido. Ele governa, como certo autor observou, um “reino às avessas”. Quando o estudamos, ficamos tão surpresos quanto os discípulos ficaram. Quando João Batista perguntou: “Você é ele?”. Jesus respondeu, enumerando suas ações de cura e caridade. Ações de alguma maneira menos dramáticas do que as tradicionalmente esperadas de um Messias. João ainda estava na prisão. Roma ainda estava no controle. Onde estava Jesus, o rei? Ou alguma coisa havia dado errado, ou tudo havia sido mal compreendido. Jesus, sabendo da tensão entre sua realidade e nossa compreensão, colocou: “Feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa” (Lucas 7.23).

Este é o Jesus sobre o qual quero falar. O Jesus que chamava a si mesmo de servo. Por razões que não posso entender, não encontrei nada, a não ser estudos superficiais e breves em minhas pesquisas de características de sujeição, que parecem ser tão evidentes e básicas na definição da pessoa de Jesus. Sei apenas que a simples percepção da existência dessas características e, até mesmo, a mínima incorporação delas em sua vida, têm um poder indescritível. Posso apenas convidá-los a vivê-las.

Analisaremos estas características no capítulo que se segue.

A aproximação de Jesus



Colocaremos uma questão especulativa. E se você fosse Deus e quisesse revelar-se ao mundo? Sabendo da incrível disparidade entre você e as pessoas que habitam este mundo, qual seria seu primeiro ato?

Não há fim para a ironia e incongruência na maneira que Deus escolheu para revelar a si mesmo. Analisaremos alguns eventos paradoxais que aconteceram quando Jesus entrou neste

Nascido em um celeiro

Que lugar mais improvável para um rei nascer! Após uma difícil jornada para uma mulher no nono mês de gravidez, um estábulo é o último lugar em que um marido amoroso gostaria que ela estivesse. As cenas de presépio, que decoram tantos lugares na época do Natal, são menos do que precisas. Nenhum deles tem o cheiro certo. Realmente não compreendemos quão insalubres eram as condições ao se ter de andar cuidadosamente entre os excrementos dos animais e, além disso, ter que deitar um recém-nascido, recém chegado por meio das dores do parto, em uma manjedoura cheia de saliva de animais.

Não compreendemos completamente o embaraço que José deve ter sentido ao assistir sua mulher passar por essa dor

rodeada por esse ambiente. O Filho de Deus merecia algo melhor.

Meus quatro filhos nasceram todos sob condições muito sanitárias. Tão sanitárias que eu não fui bem-vindo. Como pai, foi, de alguma maneira, devastador ver as enfermeiras removerem rapidamente o bebê recém-nascido do quarto da mãe, porque eu estava entrando.

Se Deus houvesse me consultado, já que tenho alguma experiência em relações públicas, eu o teria aconselhado a estalar os dedos e criar um hospital de vários andares, super moderno, com uma magnífica fachada e um gigante diamante brilhante no topo, para captar os raios de sol e refleti-los sobre tudo ao seu redor. Seu Filho, é claro, seria o único e exclusivo paciente. Todo o mundo poderia, depois, visitá-lo e suspirar maravilhado com o lugar de nascimento do Filho de Deus.

Mas ele não me consultou e, em vez disso, teve seu Filho nascido em um estábulo. Esse foi um nascimento que não poderia impressionar ninguém, e certamente ninguém se sentiu ameaçado por ele. A maioria das pessoas poderia até vangloriar-se por ter condições melhores. Talvez possamos ficar mais contentes com a cidade escolhida. Podemos?

E sua escolha de local? Uma cidade famosa aumentaria a possibilidade das pessoas lembrarem dele e, definitivamente, melhoraria sua imagem. Mas, Belém? Não há hotéis suficientes e centros de convenções para ser um lugar apropriado para se visitar e honrar a memória do Rei. Não. Belém não era grande o suficiente para que o Filho de Deus nascesse lá. Mas ele nasceu. Ninguém poderia sentir-se intimidado por seu lugar de nascimento. Ah, mas realeza é realeza, e a sofisticação de sua paternidade apareceria. Apareceria?

E sua paternidade? Agora acreditamos no nascimento vindo de uma virgem. A doutrina tem sido ensinada e aceita pela maioria do mundo cristão. Entretanto, na época do nascimento de Jesus,

eles não sabiam sobre a virgindade. Jesus cresceu em meio a sussurros de “bastardo” e o estigma de ter sido concebido fora das bênçãos do casamento.

E se uma garota de um proeminente grupo de jovens da igreja aparecesse grávida? Nada em sua vida indicava que tal coisa aconteceria algum dia, portanto, todos ficariam chocados. O líder do grupo, com grande hesitação e vergonha, finalmente juntaria coragem suficiente para perguntar a ela quem era o pai. Ela responderia: “O Espírito Santo”. A igreja riria dela com escárnio.

Você acha que os amigos e vizinhos de Jesus nunca perguntaram por que ele não se parecia com José? Você acha que seus amigos de infância nunca se reuniram e riram de sua declaração de que o Espírito Santo era seu pai? Você acha que os fariseus nunca trouxeram esse fato à tona?

Nos tempos bíblicos um bastardo e seus descendentes até a décima geração eram excluídos da assembleia do Senhor. Bastardos não tinham direito aos cuidados paternos e aos privilégios costumeiros e à disciplina de uma criança legítima. Apesar de sabermos que Jesus não era bastardo, o mundo o via de modo diferente. Se você procurava ser reconhecido como Deus, não iria querer esse tipo de coisa em seu registro. Qualquer oponente teria um prato cheio de lama para atirar em seu rosto. Os cochichos e fofocas seriam devastadores. No entanto, as muitas pessoas que haviam nascido sob o escárnio do mundo, agora haviam encontrado uma pessoa cujo nascimento não os intimidaria, uma pessoa que poderia redimi-los. Quão tremendamente vulnerável ele se fez para este mundo cáustico. Nascido de uma virgem. E, como se isto não fosse suficiente, seus ancestrais deixaram-no com poucas coisas de que se vangloriar.

Asujeira debaixo do tapete

A genealogia nunca me inspirou, e, pelo que ouço, muitas pessoas ficam cansadas ao ler a Bíblia quando têm que passar pela

descrição das inúmeras gerações e descendências. Mas há mais nos registros dos ancestrais de Cristo do que simplesmente uma lista de nomes. Da mesma forma como um estudo de nossa ascendência pode resultar no aparecimento de um ou dois ladrões de cavalo, Jesus, se não fosse “Deus entre nós”, ficaria envergonhado por alguns daqueles que o geraram.

A tão cara pureza de linhagem judaica estava comprometida com Rute, a moabita, e Raabe, a cananéia. Vergonha ainda maior! Raabe era uma prostituta. Jacó, como seu nome indicava, era um conhecido trapaceiro. Judá era um mulherengo. Davi, em cujo trono Cristo se sentou e cujo nome ele carrega, era um adúltero e assassino, cujas mãos manchadas de sangue impediram a construção do Senhor. Da união de Davi com Bate-Seba, por quem ele assassinou Urias, veio Salomão, que, apesar de sua sabedoria, teve centenas de esposas e amantes e afastou seu coração de Deus.

Nós podemos ser orgulhosos de linhagens genéticas proeminentes ou da realeza de nossos ancestrais, mas este surpreendente Jesus não pôde se dar a esse luxo, e seus ancestrais nunca poderiam nos intimidar, e os céticos nunca poderiam dizer que ele foi meramente o produto final de uma super raça.

Jesus também administrou sua vida, como Messias, sem o privilégio de um nome raro, diferenciado. Vocês podem protestar que o nome de Jesus não é um nome comum e certamente não é um nome fraco. Precisamos entender sua origem antes de nos apressar a tirar conclusões.

Primeiro, seu nome não era realmente Jesus. Seu nome era Josué. Era um bom nome, significando “Jeová é a salvação”; mas era um nome muito comum, nada apropriado para um rei.

Em grego, o nome Josué significa Jesus. Nós adotamos, sem contestar, o significado grego. É fácil entender essa mudança quando observamos como James é traduzido para o espanhol, bem como Tiago ou Jaime.

Como Josué era um nome comum e não se diferenciava dos outros, a mudança é uma indicação de sua natureza, já que ele também foi chamado de Emanuel, que significa “Deus entre nós”. Ele escolheu identificar-se com seu povo, em vez de ficar à parte deles.

Que nome recomendaríamos para ele, se tivéssemos que sugerir um nome mais apropriado a um rei? Gostaríamos que fosse um nome único, atraente, com som suave, *hollywoodiano*, que ficasse bem escrito em néon? Alas, Josué? Provavelmente havia três Josués somente no quarteirão em que ele morava. Por que se incomodar em anunciar um nascimento que já começou mal desde o princípio? E da maneira como foi conduzido, deveria ser considerada uma anunciação pobre.

Novamente vocês poderiam protestar: “Espere um momento. Não havia anjos cantando quando eu nasci. Como vocês podem chamar aquilo de fraca anunciação?”. Vocês verão a seguir.

O modo como ele chegou

Para iniciar, se Deus tivesse me consultado, eu teria recomendado que ele fizesse o anúncio com um pouco mais de *glamour*. Talvez ele devesse ficar na lua, com um caríssimo microfone, com alto-falantes de dois bilhões de *watts* espalhados pelo espaço e, então, anunciar: “Alô-ô-ô-ô, Mu-u-u-un-do. Aqui é De-u-u-us”.

Ou, já que Deus preferiu um coral, eu teria recomendado que seguisse a hierarquia da época e fosse ao Sinédrio primeiro, ou tivesse usado suas energias com mais inteligência e fosse ao mercado anunciar ao maior número possível de pessoas e de maneira mais rápida.

Mas não, ele insistiu em escolher um local isolado. E se você tivesse sido um dos membros daquele coro angelical escolhido para anunciar o nascimento? Você esteve ensaiando por duzentos anos e aguardava a gloriosa apresentação com grande

antecipação. Tudo estava perfeitamente preparado para o concerto de todos os tempos. Por cem anos um palco estava sendo construído no céu para aquele grande momento.

Nesse momento, Gabriel diz: “Ele nasceu! Vamos lá, companheiros!”. As cortinas abrem-se e você vê uma multidão de seis pastores!? Que decepção! Alguém retruca: “Está bem, mas quem foi o responsável pelos cartazes?”.

Os pastores não eram exatamente o centro da comunicação. Seu público atento só poderia conversar com outros carneiros. E também, pastores não eram os melhores mensageiros para levar notícia tão importante. No tempo de Jesus, eles haviam perdido a respeitosa reputação que devem ter tido nos tempos de Davi. Agora, esse era um grupo de reputação questionável. Tinham tendência a ter dedos um pouco leves em relação à propriedade alheia. Nem eram particularmente bem-vindos na cidade. As pessoas não punham muita fé em sua palavra também.

Você consegue imaginar uma conversa em um lar de Belém? Os pastores visitaram a manjedoura e depois foram à cidade, batendo de porta em porta, gritando: “Josué nasceu! Josué nasceu!”.

“Puxa vida, mais um Josué nessa vizinhança. Era só o que nos faltava. Quem foi que fez esse anúncio, mesmo?”.

“Ah, somente nosso amigo ladrão local.”

“O que você disse?”

Quando lemos sobre esse anúncio primitivo do nascimento, ficamos surpresos com aquele que se eleva na presença de um servo, Jesus. De qualquer forma, espere até ver seu rosto. Nós ficaremos encantados, não é mesmo?

Sua aparência

Jesus não era um homem bonito. Você deve achar difícil de aceitar isso. Você poderia responder: “Agora, você foi muito longe. Eu tenho seu retrato na minha parede e ele não é feio.

Ele é formidável. A figura de um homem realmente bonito”. Desculpe-me, mas Isaías nos conta como ele se parecia:

Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada havia em sua aparência para que o desejássemos (Is 53.2).

Jesus era tão comum na aparência que frequentemente se perdia no meio das pessoas. Judas teve de identificá-lo com um beijo, mesmo após ele ter se tornado popular há mais de três anos. Quem sabe, o traidor tinha melhor aparência do que o traído?

Esta foi uma boa razão para Jesus ser tão próximo das pessoas. Eu sei como me sinto na presença de homens extraordinariamente bonitos - com ciúmes!

Mas Jesus veio de uma forma que não intimidava ninguém. Todos podiam sentir-se à vontade ao seu redor. Sua aparência não separava de maneira alguma das pessoas pobres e comuns por quem ele havia sido enviado. Mas se sua aparência não o distinguia, certamente seu lar o faria, não é? Vamos olhar sua origem.

Você alguma vez já pensou no que você teria feito se o Messias tivesse nascido dentro de sua família? Aqui você tem a mais preciosa jóia de toda a história. Agora, o que você vai fazer com ela? Que tipo de casa você compraria? Que tipo de cidade você escolheria? E que tipo de vizinhança? Que tipo de amigos você permitiria que ele tivesse? Algumas coisas são tão valiosas que você não sabe o que fazer com elas. Você não levaria o diamante da Esperança por aí, em seu bolso, ou não o usaria em uma corrente à volta do pescoço em lugares públicos.

Alguma coisa boa pode vir de Nazaré?

Mas, José e Maria tinham agora o Filho de Deus em sua posse. O que deveriam fazer? Eles o levaram para Nazaré (após fugirem para o Egito para salvar suas vidas). Mas certamente Nazaré não era o lugar para se criar o Filho de Deus. A reputação

moral e religiosa dessa cidade era tão ruim que a reação de Natanael ao encontrar Jesus de Nazaré foi: “Nazaré? Pode vir alguma coisa boa de lá?” (Jo 1.46).

Portanto, Jesus constantemente encontrava-se e identificava-se com os menos favorecidos na vida. Mas seu Pai possui todo o gado sobre mil colinas. Vamos ver o que aconteceu quando ele começou a gastar esse dinheiro.

Possuir coisas é essencial para a sociedade ocidental. Quando passei por Beverly Hills, em Hollywood, Califórnia, fiquei, como se esperava, impressionado com a demonstração de riqueza das casas, automóveis e guardas de segurança. A importância dos proprietários era evidente.

Mas Jesus nunca possuiu mais do que podia carregar sobre os ombros. Ninguém poderia ficar muito impressionado ou intimidado por isso. Ele dizia sobre si mesmo: “As raposas tem suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8.20).

Como ele esperava impressionar este mundo capitalista sem ao menos uma casa para dormir? Ele simplesmente não via os ricos da mesma maneira que nós. No sermão do monte, suas palavras eram diretas:

Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração (Mt 6.19-21).

Jesus não era iludido pelo dinheiro. Não era importante para ele. Para ele que foi capaz de pagar seus impostos com moedas encontradas na boca de um peixe e transformou pedras em pães, seria muito fácil ter sido o barão financeiro de todos os tempos.

O problema com a riqueza, entretanto, é que ela afeta nossos

relacionamentos com as pessoas. Quando sei que as pessoas são ricas, acho difícil ser natural ou autêntico perto deles. Torno-me extremamente “gentil”. (Afinal, você nunca sabe quando pode precisar emprestar dinheiro deles.)

A decisão de Jesus de permanecer sem envolvimento com os bens deste mundo, libertou-o das armadilhas do ciúme, que afetaria qualquer diálogo com alguém mais rico ou menos rico que ele. Assim, foi capaz de dirigir todas as suas energias e sensibilidade para as necessidades reais das pessoas às quais ele estava pregando e foi capaz de agir apenas por amor.

Paulo, em 2Coríntios 8.9, escreveu “que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos”. Jesus ao escolher andar na terra, desapegado de riquezas, estava escolhendo não deixar que nada fosse um obstáculo em seu caminho de se dar às pessoas. Ele não veio para redimir coisas. Ele veio para redimir pessoas. E doou-se completamente a nós.

E foi precedido por um homem muito estranho

Se estivesse organizando uma série de cruzadas por meu ministério e enviasse alguém à frente para preparar o caminho, eu enviaria um embaixador bonito, elegantemente vestido e de fala mansa, que não me envergonharia de maneira alguma. Jesus obviamente não fez do meu jeito. Ao invés disso, usou um homem desgastado e delirante, que não se vestia apropriadamente para um ministro e era adepto de comidas orgânicas. E para completar encerrava seu culto fazendo a coisa mais indigna possível, afundando na água aqueles que tinham coragem suficiente para responder ler a sua mensagem:

Assim surgiu João, batizando no deserto e pregando um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados. João vestia roupas feitas de pêlos de camelo, usava um cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre (Mc 1.4,6).

João dizia às multidões que saíam para serem batizadas por ele: “Raça de víboras! Quem lhes deu a ideia de fugir da ira que se aproxima? (Lc 3.7).

Que falta de tato! Se eu fosse Jesus, ficaria com medo de ter que passar a maior parte do tempo explicando as ações de meu predecessor. Entretanto, a vida toda de Jesus foi marcada pelo uso das pessoas mais improváveis. Ele sempre viu as pessoas de maneira diferente da forma como vejo. Essa sua maneira de ver as pessoas tornou-se óbvia quando observamos suas outras escolhas.

Seu grupo variado

Nos Estados Unidos, quando temos um novo presidente todos observam atentamente de quem ele se cerca, que tipo de funcionários e gabinete ele escolhe. No entanto, o Filho de Deus vem à Terra e começa a revelar que tipo de “reino” ele terá, juntando seu bando itinerante de pessoas.

Eu teria dito a ele para ir ao mais conhecido seminário e escolher pelo menos três professores que tivessem um bom conhecimento em teologia e todas suas ramificações. Depois ele deveria ir a Hollywood e escolher pessoas com “carisma” que pudessem guiar a atenção de multidões e explicar-lhes o que ele queria dizer quando tivesse algo a dizer. Depois iria a Wall Street e escolheria alguns milionários. (E sempre bom ter alguns em seu time.) Por fim, iria a uma academia e escolheria seis guarda-costas, senão aqueles líderes religiosos poderiam querer crucificá-lo.

Entretanto, Jesus não me consultou. Ao invés disso, foi às ruas e ao cais e escolheu o mais estranho grupo para ser responsável pela missão de mudar o mundo. Se estivesse andando a alguns metros deles, você provavelmente sentiria o cheiro de peixe. Ele tinha, em seu grupo, um fanático e um cobrador de impostos. (Esta é uma combinação não muito diferente do que

um revolucionário negro e um membro da Ku Klux Klan.) Alguns deles tinham sotaque carregado e inapropriado às necessidades de eloquência do grupo. Jesus era frequentemente encontrado entre os sórdidos: dos violentos aos astuciosos ou libertinos.

Eu teria, em uma ou duas semanas, demitido Pedro. Sua vida indicava que sofria do mal de sempre cometer gafes. Sua impulsividade diminuía sua utilidade à metade, no máximo, ainda assim, Jesus deixou-o ficar e ainda lhe deu lugar de destaque. Como poderia isso acontecer, se Jesus não visse as pessoas de maneira muito diferente que eu e pacientemente virasse o melhor deles?

Penso que a análise de seu grupo é muito encorajadora. Se ele podia trabalhar com eles, quer dizer que ele poderia trabalhar comigo... com você. Ele não usou o critério que nós naturalmente usamos. Um anúncio procurando pelos fracos e oprimidos dificilmente é a maneira de se juntar os mais talentosos seguidores. E ele continuava a chamar pelos improváveis:

Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. [...] a fim de que ninguém se vanglorie diante dele (1 Co 1.26,27,29).

Seu amor e sua visão das pessoas estão além dos limites de minha compreensão, mas são muito compatíveis com sua natureza.

A única coisa que restou e que poderia salvar sua reputação, seria um rápido e soberbo resgate de sua morte. Mas temo que sua morte foi o golpe final em qualquer chance de impressionar que ele tivesse.

Vejamos o que aconteceu.

A maneira como ele morreu

Todos nós concordaríamos que Jesus teve uma morte notória, mas ainda assim não compreendi a extensão de sua vergonha. Não consegui compreender a verdade da descrição das Escrituras: “Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo [...]” (1Co 1.18). A cruz nunca foi loucura para mim. Eu a vejo em todos os lugares. Ela enfeita graciosamente grandiosos campanários. Feita em prata brilhante ou madeira polida, adorna o interior de igrejas ou outras edificações religiosas. Está pendurada em sofisticadas joias à volta de elegantes pescoços. Enfeita a lapela de paletós e está impressa em papel timbrado de importantes igrejas. Já foi cantada e proclamada. Pessoas carregam enormes e pesadas cruzes por penitência ou publicidade. Meu mundo está repleto de cruzes. Mas ela nunca foi símbolo de loucura. Como poderia?

Entretanto, ocorreu-me que eu não havia realmente entendido o significado da cruz, principalmente por que, hoje em dia, as pessoas não morrem na cruz. Se Jesus tivesse vindo em nossa época, nós o teríamos tratado com muito mais humanidade. Nós o teríamos eletrocutado, ou enforcado, ou colocado em uma câmara de gás, ou talvez à frente de um pelotão de fuzilamento, ou, no mínimo, teríamos lhe dado uma injeção com drogas letais.

Imaginem o resultado de uma execução tão moderna. Eu agora estaria ouvindo as pessoas na rua, falando dessa maneira: “Cara, meu melhor amigo acabou de morrer na cadeira elétrica por você. Se você crer nisso e erguer sua cadeira elétrica e segui-lo, você será salvo”. Nossos hinos certamente seriam diferentes. Você consegue ouvir-nos cantando: “Na cadeira elétrica, na cadeira elétrica, onde eu primeiro vi a luz?”. Ou: “Há um lugar na câmara de gás para você?”. Ou: “Pegue seu pelotão de fuzilamento e siga-me”.

Nós nos tornaríamos motivo de riso para o mundo. Ficaríamos

envergonhados por nossa “esperança” ter morrido tão vergonhosamente, apesar de saber que ele havia ressuscitado. Essa morte na cruz é realmente dura para nós. Parafrasearemos a Escritura para sentir como soa:

Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo *eletrocutado*, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios (1Co 1.22-23; paráfrase, com minhas desculpas).

“Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, *eletrocutado*’ (1Co 2.2; paráfrase, com minhas desculpas).

Se tivesse que me identificar com alguém em sua morte, eu gostaria que essa morte tivesse sido heroica, merecedora de medalha de honra, fosse mais do que a morte de um criminoso comum. Sua “taça” foi mais do que uma simples morte, ela foi à sentença degradante e vergonhosa que recebeu por ter carregado em seus ombros os pecados, os crimes e as atrocidades de toda a criação. Agora, vamos olhar para trás e ver o que descobrimos.

A chance de escolher

Quando olhamos para os indícios que discutimos, os quais indicam a natureza de Jesus - nascido em um celeiro, legitimidade questionável, ancestrais nada recomendáveis, nome comum, anunciação mal dirigida, não era bonito, criado em uma vizinhança ruim, sem posses, cercado de colaboradores ineptos e controversos e cuja morte foi vergonhosa -, acho toda sua aproximação incapaz de se enquadrar em métodos que automaticamente me vêm à mente quando penso em “convencer o mundo”.

Toda sua aproximação poderia ser facilmente descrita como não ameaçadora ou não manipuladora. Ele parecia, em cada etapa da vida, liderar com fraqueza. Ele não tinha nada deste mundo e tudo de Deus e do Espírito.

Jesus, com esse tipo de aproximação que usou conosco, podia ter

certeza que nossa resposta seria honesta. Não foi utilizado nenhum método que pudesse nos coagir e obter algo que não fosse uma crença genuína. Isto é uma indicação de amor verdadeiro. Sendo uma pessoa voltada a agir pelos outros e a servi-los, o levava a querer libertá-los para que fosse o mais real e honesto possível. Ele queria que fossemos capazes de tomar decisões verdadeiras.

No dia de Ação de Graças de 1956, eu tremi mais por medo e excitação do que pelo forte frio de Memphis, Tennessee, quando segurei um anel em minhas mãos e pedi que Ada Faye Brown se tornasse minha esposa. Felizmente, ela aceitou. Eu poderia ter feito isso de outra maneira. Eu poderia ter segurado o anel em uma mão, e uma pistola, na outra, para depois dizer que ela se casaria comigo para seu próprio bem. Se a tivesse coagido dessa forma, a cada refeição que ela preparasse para mim, eu teria que fazer com que o cachorro a experimentasse primeiro, para certificar-me de que ele continuaria vivo. O amor só precisa de uma resposta verdadeira.

Tomamos tão poucas decisões genuínas na vida. A maioria das escolhas que fazemos é afetada por forças ou exigências externas. Mas quando é para tomarmos a mais importante decisão de nossa vida - sobre Deus - Jesus quer apenas uma decisão verdadeira.

Portanto nós somos tocados de uma maneira que nos liberta amorosamente para tomar essa decisão genuinamente. Nós podemos aceitá-la ou rejeitá-la. Deus recusa-se a violar nosso direito pessoal e nosso poder de decisão. Isto é amor.

O formador de estilo

O *número um*



Se examinássemos objetivamente a Bíblia e tentássemos listar os eventos e pessoas a partir de algum tipo de prioridade, Jesus seria, sem dúvida, a figura central. O próprio Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. Se vocês realmente me conhecessem, conheceriam : também o meu Pai. Já agora vocês o conhecem e o têm visto” (Jo 14.6,7).

O Espírito Santo ajudou Paulo a ver Jesus como foi registrado em sua carta aos Colossenses:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas (Cl 1.15-20).

Já que Jesus é tudo que Deus é, expressado na forma de um corpo, e já que todos os tesouros de sabedoria e conhecimento estão nele, cada um de nós pode dizer:

Se for para conhecer Deus, eu o conhecerei através de Jesus.
Se for para obter conhecimento, este estará depositado em Jesus.
Se for para ter sabedoria, eu a encontrarei em Jesus.
Se Deus vive em mim, é por que Jesus vive em mim.
Se desejo estudar Deus, devo estudar Jesus.
Se o Espírito Santo é ativo em minha vida, eu o ouvirei falar de Jesus.

Sua personalidade, sua vida e sua Palavra devem ser agarradas e assimiladas com toda nossa energia. Em tudo ele deve ter supremacia. Entretanto, tenho que confessar que outras coisas encontraram um lugar mais certo em minha vida. Grande parte de minha vida como pensador está concentrada em coisas que parecem nos dar segurança como, por exemplo, aquisição de fundos e títulos ou a realização de ambições. Talvez estes fatos tenham ganhado importância em minha vida devido a minha falta de visão da realidade de Jesus. A miopia espiritual tende a distorcer minha visão. Tudo que “dá certo” ou “prospera” (como eu, culturalmente, entendo a prosperidade) e que tem seu nome ligado a ele, assim o é (frequentemente, eu concluo) porque estou fazendo as coisas da maneira de Jesus, e, portanto, ele as está abençoando. Portanto, muitos dos citados sistemas de funcionamento “bem sucedidos”, são aceitos por mim, sem pensar, como sendo uma inspiração de Deus simplesmente por que estão revestidos do nome de Jesus ou sob a égide de uma igreja.

Mas para perceber meu erro, não é necessário compreender nem seguir a resposta. Como posso corrigir esta visão falha? Preciso viver verdadeiramente a natureza de Jesus? Para uma resposta vamos olhar a ordem que ele deu e enfatizou, exigindo literalmente que os discípulos se adaptassem a ela.

Um por todos



Jesus deu muitas ordens aos discípulos e a todos aqueles que o seguiam, mas todas elas eram meras extensões de uma ordem primária que ele nos deixou: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” Jo 13.34,35).

Duas outras coisas chamaram imediatamente minha atenção quando li essa passagem. Primeiro, Jesus autorizava apenas uma marca que identificasse seus seguidores, o amor uns pelos outros. Não meu conhecimento da Escritura, nem o estilo de minhas roupas, nem a porcentagem de meu corpo que estava coberta. Nem os rituais que frequento a cada semana. Nem minha associação a uma organização específica. Nem o comprimento de meu cabelo ou qualquer outro adorno. Nem mesmo minha ortodoxia. Apenas meu amor pelos outros é que me rotula apropriadamente.

Dizer isso traz imediatamente um protesto a minha mente. Parece como se Cristo estivesse negando a necessidade de conhecimento, ou de uma vida santa, ou de uma aparência apropriada quando diz que somente aqueles que amam são seus. Mie nem mesmo menciona, nesse contexto, o seguir apropriado da prática e da experiência espiritual. E a convicção, a salvação, a

santificação, o batismo, a vida sagrada, o dízimo? Estes não são rótulos? Eles também não me identificariam rapidamente? Em nossas mentes eles poderiam identificar-nos, mas Jesus certamente não dava nenhum crédito a eles. Esse evangelho, que ele está finalmente oferecendo a nós, é fácil e barato? De maneira alguma! Não levei muito tempo para perceber que sou um egoísta sem esperança, uma pessoa não amorosa (com algumas notórias, mas inconsistentes, exceções), sem a presença e o poder de Cristo dentro de mim.

O segundo item que chamou minha atenção foi a ordem de amar-nos uns aos outros “como eu vos amei”. Eu sabia que havia uma pegadinha em algum lugar. Isso significa que todos nós teremos que ser crucificados exatamente como ele foi, pois de outro modo não amaremos como ele o fez? Francamente, acho essa possibilidade nada atraente e muito pouca prática. Se todos os cristãos forem crucificados, quem espalhará o evangelho? Isto poderia levar a um novo ritual interessante na igreja. Mas espere! Quando Jesus deu essa ordem marcante aos seus discípulos, ele ainda não havia sido crucificado, e, ainda assim, eles pareciam entender o que queria dizer. Nem mesmo Pedro perguntou: “O que você quer dizer com *amor*?”. Todas as ações de Jesus em relação a eles até aquele momento, não só os havia convencido de seu amor por eles, como também havia colocado um padrão a ser imitado e praticado.

Em nossa sociedade, se desejamos que alguém saiba que o amamos, simplesmente dizemos: “Eu amo você”. Mesmo que Jesus tenha dito isso, não há evidência nas Escrituras de que ele tenha usado desse expediente. Eu duvido que ele tenha alinhado os discípulos e dito: “Pedro, eu amo você. Tiago, eu amo você. João, eu amo você. Judas, hum...”.

A sujeição de Jesus aos discípulos tornou claro seu amor. Ninguém nunca os havia amado dessa maneira totalmente altruísta. Essa ordem e esse exemplo são tão importantes que, uma vez que você consiga vê-los com clareza, percebe que eles são a linha que costurou e juntou o Novo Testamento.

Todos por um



Poucos temas são mais claros no Novo Testamento do que aquele sobre o amor. O próprio Jesus aponta sua importância.

Um deles, perito na lei, o pôs à prova com esta pergunta: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?”. Respondeu Jesus: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: “Ame o seu próximo como a si mesmo”. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22.35-40).

Em outras palavras, *isto é tudo que a Bíblia quer dizer*. Incrível! Com toda essa ênfase dada ao amor de Deus e ao amor pelo seu próximo, é um choque para mim que tal declaração esteja faltando em importantes declarações doutrinárias religiosas, faltando em grandes teologias sistemáticas, em declarações do credo e, mais chocante ainda, faltando em nossa vida cotidiana.

Mas, mesmo assim, a natureza servil de Jesus completa todos os elementos do amor de Jesus? E que coisas o amor fará? O apóstolo Paulo faz uma declaração clássica sobre o amor em 1Coríntios 13. Ele nos conta, nessa passagem, que a glossolalia e a eloquência, a profecia e o conhecimento, a fé e a filantropia são todas inúteis sem o amor. Isso nos atinge em nosso ponto mais

frágil. O círculo daqueles que usam a palavra é mais facilmente aberto àqueles que são eloquentes, aos que nos comovem e aos que nos incitam com a possibilidade de falar a linguagem dos anjos, no entanto, Paulo condena estes locutores “dinâmicos”, se eles não tiverem amor. Periodicamente, jovens profetas aparecem para nos revelar datas, épocas, períodos ou para nos transmitir a mais recente palavra, vinda diretamente de Deus. Nossa fome nos leva a recebê-los de braços abertos, mas Paulo, novamente, relega-os a pó, se não houver amor.

Lecionei em uma faculdade. Lá, conhecimento é o máximo. E a única coisa que sabemos como avaliar e quantificar, e é a única coisa que realmente traz a recompensa de uma graduação. Pessoas com esse conhecimento e graduação são tomadas como exemplos em nossas instituições, no entanto, ainda assim, Paulo não os leva em consideração se o amor não for a força que os move.

A fé e o ensino da fé é um grande negócio em círculos cristãos. Se um praticante aparecesse e declarasse que moveria o Pão de Açúcar, do Rio de Janeiro para Brasília, e assim o fizesse, toda a mídia do país o seguiria sem descanso, e ele seria altamente requisitado para falar nos maiores auditórios. A fé demonstrada é um grande empreendimento, mas Paulo reduz isso a paganismo se ela não for motivada pelo amor.

O mundo aceita com prazer os esforços de um filantropo, especialmente daquele que é tão generoso que aceite ser servo de outra pessoa. Mas, por mais estranho que possa parecer, mesmo isso pode ser motivado por outra coisa que não seja o amor e, portanto, ser sem sentido. Algumas doações são feitas para se obter influência ou por benefícios fiscais.

A eloquência, a fé, o conhecimento, as doações são coisas benéficas a nossos olhos, mas o amor é que é o ponto alto de nossas conquistas. Até o bem e o que é benéfico tornam-se entregadores da morte se não são motivados pelo amor.

Paulo nos dá uma lista poderosa e impressionante do que é o amor e do que ele é capaz:

- O amor é paciente
- O amor é gentileza
- O amor não tem inveja
- O amor não se vangloria
- O amor não é orgulhoso
- O amor não é rude
- O amor não é egoísta
- O amor não fica facilmente irado
- O amor não mantém um registro de erros
- O amor não se delicia no mal
- O amor regozija-se na verdade
- O amor sempre protege
- O amor sempre confia
- O amor tem sempre esperança
- O amor sempre persevera
- O amor nunca falha.

A sujeição preenche estas ações por sua natureza. Veja também a exigência de amor nas cartas de João:

Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade (1Jo 3.16-18).

Quando fui atingido pelo fato de que nosso relacionamento com Deus e nossa utilidade no mundo é condicionada a nossa habilidade de amar uns aos outros, comecei a ver que, no Novo Testamento, havia muitas instruções sobre como devemos tratar "uns aos outros". Aqui está uma amostra:

Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal.

Prefiram honrar uns aos outros mais que a si mesmos.

Compartilhem seus pensamentos uns com os outros.

Não julguem uns aos outros.

Procurem a paz uns para os outros.

Pratiquem a hospitalidade uns aos outros.

Aconselhem uns aos outros.

Saúdem-se uns aos outros com um beijo sagrado.

Cuidem-se uns dos outros.

Sirvam-se uns aos outros.

Sejam tolerantes uns com os outros.

Sejam gentis e carinhosos uns com os outros.

Perdoem uns aos outros.

Sejam submissos uns aos outros.

Não mintam uns para os outros.

Confortem-se uns aos outros.

Edifiquem-se uns aos outros.

Sejam imparciais uns com os outros.

Aguardem uns pelos outros.

Orem uns pelos outros.

Amem-se uns aos outros (muitas vezes).

Aqui, novamente, a sujeição preenche estes mandamentos por sua natureza e por sua definição. Anos atrás, ouvi um pregador, no culto na manhã de Páscoa, dizer que a Bíblia tem muito a ensinar sobre o que se deve acreditar, mas pouco a dizer sobre como devemos nos relacionar com as pessoas. Nada poderia estar mais longe da verdade! É hora de tomar esse abundante estoque de instruções e desenvolver uma teologia de relacionamentos. Dessa maneira poderíamos ser mais capazes de viver como cidadãos do reino de Deus. Com essa compreensão dos relacionamentos, podemos ver mais claramente os princípios da Escritura, sob a perspectiva apropriada. Com isso, poderíamos interpretar, a Escritura, de forma menos abusiva, visando ganhos próprios.

Todos os anos, em aulas que apresentam os estudantes aos

princípios da educação cristã, peço que eles escrevam uma breve redação sobre o professor que mais afetou suas vidas e mais os motivou a aprender. Sem exceção, todos escreveram sobre professores que os amaram e demonstraram esse amor. O conhecimento da matéria ou o refinamento de métodos de ensino ficaram em segundo plano à vista do poder do amor. Entretanto, nenhuma instituição de ensino que eu conheça, incluindo institutos de estudos bíblicos, escolhem seu corpo docente fundamentados em sua capacidade de amar.

A necessidade de amor e de amar como Jesus amou certamente não é um assunto cansativo. Tenho esperança de que ficará claro que a natureza servil de Jesus responde a todas as questões que possamos ter sobre o amor.

Um entre muitos



A magnífica prece de Jesus, altamente sacerdotal, registrada no décimo sétimo capítulo do Evangelho de João, pode apenas ser compreendida dentro do contexto de seu mandamento anterior: “Amai-vos uns aos outros”. Por meio de seu grande mandamento no capítulo treze, ele deixou claro que nosso relacionamento com Deus está evidenciado por meio de nosso relacionamento uns com os outros. No entanto, ele, em sua prece, revela que o lado evangélico do relacionamento também está ligado a nossa habilidade de amar nossos irmãos.

Jesus, por cinco vezes nesta grande prece, ora pela mesma coisa. Uma repetição que deveria chamar nossa atenção. Ele ora por seus seguidores para que, mesmo sendo muitos, sejam feitos um só. Sua prece é surpreendentemente simples. Ele ora para que sejamos um só, como ele e o Pai são um só! Devo admitir que apesar de crer na Trindade, eu não a compreendo. É difícil para eu entender como três pessoas, separadas e distintas, possam ser um Deus inseparável, sem ser um comitê. Um comitê que talvez tenha votado dois contra um para enviar Jesus à terra. Ainda assim, sua unidade era tamanha que Jesus disse: “lodo aquele que me vê, vê o Pai”.

Que tipo de unidade devemos ter para ser capazes de dizer: “Se você deseja saber que tipo de cristão eu sou, verifique

qualquer outro cristão... Eu sou como ele”. Para que isto ocorra, deve haver mudanças e melhorias no tipo de amor que temos expressado uns aos outros por meio e dentro de diferentes linhas denominacionais.

Outra expressão que ele conecta a sua prece por unidade tem sérias implicações para a evangelização. Ele pregou: “Que eles *sejam* levados à plena unidade, *para que o mundo saiba que tu me enviaste*, e os amaste como igualmente me amaste” (Jo 17.23; grifo do autor). A maioria de meus esforços evangélicos tem sido focada no desenvolvimento de meios para fazer com que o Evangelho ultrapasse as defesas do mundo. Procurei melhores sistemas de vendas para ganhar e entrar na alma das pessoas. Usei programas de auditório, com pregadores mais eloquentes, com o uso mais dramático da mídia. Ainda assim, a fonte de poder para efetivamente ganhar a atenção do mundo está na forma que amamos uns aos outros e fazemos valer a unidade que Jesus prega.

Por que deveria o mundo nos ouvir antes que o fruto, a indicação mais clara de nossa fidelidade a Cristo, ficasse evidente? Até que o fruto da unidade esteja evidente, o cristianismo é meramente um outro sistema filosófico a ser debatido, não vivido. Certamente, podemos ver que o egoísmo é a fonte da divisão, e que a sujeição é a base da unidade. Se o amor verdadeiro estivesse aparente entre nós, o mundo poderia mesmo começar a se interessar e bater a nossa porta para “participar do reino de Deus”.

Jesus, em sua ordem em João 13 e em sua prece em João 17, colocou seus seguidores para ser julgados pelo mundo: “Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos”, e: “Para que o mundo creia que tu me enviaste”. Aqui novamente minha mente protesta. Parece injusto! A maior parte de minha vida, me escondi atrás da racionalização: “Você não pode me julgar; pois só vê o exterior, mas Deus vê meu coração”. Isso pode ser verdade, entretanto, Deus aqui autorizou o mundo a checar nosso fruto de salvação e de crescimento.

Tenho uma árvore em meu quintal que me disseram, quando comprei a casa, ser um pessegueiro. É verdade, ela tem a forma de um pessegueiro, e tem as folhas similares às dele, mas ela, em todos esses anos, nunca deu um fruto sequer. Quando decidi me aproximar da árvore com um machado para que ela não mais ocupasse à toa meu terreno, ela poderia implorar-me: “Não me corte. Você não pode me julgar pelo meu exterior. Em meu coração, sou realmente um pessegueiro”. Tais súplicas não surtiriam efeito. Ela foi criada e plantada para dar frutos, não para apenas ter coração de pessegueiro!

Outra pergunta que devo me fazer é se sou parte integrante dessa prece de Jesus. Serei eu um portão para seu reino ou a trava na porta que não deixa ninguém entrar a menos que saiba a senha correta? Minha senha, é claro. Aqui novamente me confronto com a necessidade de amar e servir aos outros. Primeiro, para ser identificado como cristão; segundo, para conseguir ganhar e convencer o mundo. Portanto, o que isso nos diz? Se, como Jesus ordenou, devo amar e ser uma unidade com o corpo de Jesus, tenho de saber que ele é a revelação completa do Pai e é o exemplo a ser seguido. Se eu estou cheio do Espírito Santo, devo ouvi-lo falar de Jesus e seguir a orientação do Espírito, uma vez que ele é como Jesus.

O estilo de Jesus

Ao nosso *alcance*



Nenhuma teologia representa ameaça nem resultado até que tentemos aplicá-la em nossa vida. Este é o caso desse estudo sobre Jesus. Com certeza nossa vida será monótona até que ousemos viver conforme nosso mestre. Depois, podemos esperar que esta promessa de Jesus torne-se realidade: “Todos odiarão vocês por minha causa” (Mt 10.22). Essa é uma promessa que não é encontrada em muitas caixas de promessas.

Como vimos na primeira parte, muitos indícios sobre a natureza de Jesus parecem unicamente designados a revelar a intenção e o caráter do Pai e não constituem ordens diretas, que devemos cumprir. Por exemplo, eu não poderia ter nascido em um celeiro, ter filiação questionável, receber um nome comum e ser anunciado por um anjo. Embora eu tenha crescido na pobreza e em uma vizinhança péssima, isso não significa que serei redimido. O mesmo é verdade em relação a outros sinais de Jesus, tais como sua comitiva heterogênea e sua morte vergonhosa.

Embora estes, para nós, não passem de indicadores de sua natureza, os quais não podem ser copiados, sua natureza, conforme expressa tanto em ensinamentos como “o maior do Reino” como em Filipenses 2.5-11, está definitivamente ao nosso alcance.

Quem é o maior no reino dos céus?

Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos (Mc 9.35).

Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos (Mc 10.42-44).

Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo-lhes verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou (Jo 13.14-16).

Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus (Mt 18.4).

Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas (Mc 10.14).

Mas, vocês não serão assim. Ao contrário, o maior entre vocês deverá ser como o mais jovem, e aquele que governa, como o que serve (Lc 22.26).

Pois aquele que entre vocês for o menor, este será o maior (Lc 9.48).

As suas ordens



*Se alguém quiser ser o primeiro,
será o último, e servo de todos*

Quando Jesus começou a ensinar aos discípulos o que significava ser o maior do reino, estava ensinando sobre sua natureza, pois na verdade ele era, e é, o maior no reino. Naquela época, os discípulos tiveram oportunidade de observar a sujeição de Cristo e entender o que ele queria dizer.

Portanto, o maior deve ser o servo de todos, apenas um servo. É totalmente o contrário de todas minhas inclinações naturais. Minha cultura ensina-me que se eu seguir os preceitos de vida do cristianismo, Deus me recompensará com prosperidade e com consistente ascensão de meu *status* até eu me tornar chefe, ou mesmo presidente. Como é estranho o fato de a verdadeira natureza de Jesus ser tão diferente de minha expectativa ambiciosa.

Como minha família reagiria se chegasse em casa e me vangloriasse de haver sido escolhido como servo? Provavelmente, não com muita alegria! Na verdade, isso não é algo de que eu gostaria de me vangloriar. Talvez nada na natureza de Jesus e em minha vivência dela mereça ser divulgado.

Uma maneira de eu tentar driblar a sujeição é selecionar uma “boa” clientela, a qual eu possa servir com alegria. Mas as

Escrituras não me permitem escapar com esse pensamento. Jesus disse: “[...] servo de todos”.

O serviço de um servo é fazer todo possível para melhorar a vida de outros, deixando-os livres para ser tudo que puderem ser. O interesse principal de um servo não é ele mesmo, mas, os outros. Contudo, não estou falando de escravidão. Sujeição é uma escolha carinhosa que fazemos para prestar auxílio aos outros. Não é resultado de coerção, nem em sua forma mais sutil, a manipulação.

Não tropece no capacho

Não há felicidade alguma em ser capacho, mesmo um “capacho conforme o exemplo de Jesus”. É fácil sermos vítimas de manipulação e nos tornarmos meramente um capacho, a menos que entendamos a dinâmica subjacente da manipulação e como a natureza de Jesus a evita.

A manipulação permeia nossas relações com os outros. Mediante meios astuciosos e coercivos conseguimos que outros cumpram nossas ordens. Quando sucumbem a nossa esperteza, não os respeitamos por isso, na verdade, os menosprezamos. E quando não cedem, frequentemente, com justa indignação, informamos a eles o quanto deveriam querer nos servir.

Já houve pessoas que me pediram para fazer, o que eu sabia não ser a melhor coisa para elas, e quando recusei da maneira mais educada possível, elas disseram: “Mas eu pensei que você fosse cristão. Os cristãos não devem fazer coisas assim?”. Isto é dito para causar-me sentimento de culpa! Quando eu não quero fazer algo, mas cedo para não me sentir culpado, ou perder o prestígio com pessoas importantes, ou quando fico com medo de fazê-lo, então, fui manipulado.

Quando sou manipulado, sinto-me ainda pior. Sei que fui “logrado” novamente, e minha auto-estima cai mais um degrau. Talvez a manipulação mais poderosa, já usada comigo, seja quando as pessoas insinuam que se um cristão fizer determinada

coisa para eles, podem considerar a possibilidade de se tornar cristãos. Está claro que essa manipulação funciona até o momento em que se tornar uma questão de decidir se, ao fazer o que estão solicitando, serei eu a trazê-los para o reino de Deus.

Algumas vezes somos forçados a fazer coisas para pessoas que não nos dão amor nem dinheiro até que o façamos. Os pais, às vezes, manipulam os filhos, fingindo-se doentes até que os filhos obedeçam. A lista pode ser bem longa.

Jesus passou por clássicos episódios em que tentaram manipulá-lo. Alguns fariseus e herodianos foram enviados para confundi-lo com suas próprias palavras:

Estes se aproximaram dele e disseram: “Mestre, sabemos que és íntegro e que não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. E certo pagar imposto a César ou não? Devemos pagar ou não?” Mas Jesus, percebendo a hipocrisia deles, perguntou: “Por que vocês estão me pondo à prova?” (Mc 12.14-16).

A melhor maneira de resistir à manipulação é a humildade, saber quem realmente somos e encarar isso. Jesus conhecia a si mesmo e estava confortável com ele mesmo, portanto, não era influenciado pela bajulação. Se fosse comigo, talvez eu pensasse que essas pessoas houvessem reconhecido meu valor e agora fosse um bom momento para a eloquência. Não há nada errado em receber um elogio verdadeiro, mas a humildade é sensível à bajulação e percebe quando isto ocorre.

Jesus resistiu à manipulação com vigor, como havia feito em um encontro anterior:

Os fariseus vieram e começaram a interrogar Jesus. Para polo à prova, pediram-lhe um sinal do céu. Ele suspirou profundamente e disse: “Por que esta geração pede um sinal

miraculoso? Eu lhes afirmo que nenhum sinal lhe será dado”. Então se afastou deles, voltou para o barco e foi para o outro lado (Mc 8.11-13).

Jesus sabia que os fariseus estavam lá por razões hostis e não para pedir ajuda. Frequentemente, essa hostilidade está clara. Devido a sua humildade (sendo quem ele é, nem mais nem menos), Jesus foi capaz de expressar a raiva que sentiu naquele momento. E pelo fato de uma maior interação não ser benéfica, retirou-se.

Portanto, outra forma de resistir à manipulação é retirar-se. Jesus usou esse método mais de uma vez. João recorda que: “Sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte” (Jo 6.15).

Uma característica da manipulação é que ela destrói nossa capacidade de escolha. Ela nos força a agir defensivamente em um padrão ou molde, que outros escolheram para nós. Nenhuma única pessoa que tentou manipular Jesus teve a resposta que esperava. Todos receberam uma indicação dos verdadeiros sentimentos de Jesus. Ele, em todos os casos, preservou sua capacidade de escolha.

Há uma notável diferença entre escravidão coerciva e sujeição por escolha. Quando Jesus afirmou que escolheu sacrificar sua vida e que ninguém a estava tomando dele, ele estava descrevendo o elemento básico do amor. O amor sempre escolhe fazer o certo e ser útil aos outros, mas é uma escolha. Você só pode amar por escolha. O verdadeiro amor não pode ser resultado de decreto, força ou manipulação. Qualquer coisa que eu faça que prive alguém do direito de escolha é uma violação da própria pessoa. Quando percebo que meu direito de escolha está sendo ameaçado, então sei que não estou sendo amado, e as portas não estão abertas para minha pregação.

Humildemente, posso dizer algo assim: “Embora possa não ser verdade, estou me sentindo pressionado e manipulado. Não

sou capaz de escolher e agir com amor quando me sinto dessa maneira, portanto, estou me retirando dessa situação até que me sinta livre para fazer a escolha que ache correta”.

Algumas vezes, quando percebemos que há manipulação em um pedido, um simples não é a melhor coisa a ser dita. A exigência fundamentada em um motivo é frequentemente parte do processo manipulador. Para resistir de maneira apropriada devemos saber que não precisamos dar resposta, mas sim viver com integridade para que tenhamos o poder de fazer escolhas amorosas dirigidas a outros.

Com frequência, quando dizemos não, a pessoa que está tentando nos coagir faz uma cena. Isso também é parte do processo manipulador. E está incluso no preço a ser pago se desejamos manter nossa integridade. Não permita que a cena o engane. Ela também pode ser parte do processo de cura para o manipulador.

Ser manipulador é ser doente. Quando permitimos que nos manipulem, contribuimos e reforçamos a doença da pessoa. Resistir à manipulação, ainda que seja difícil e provoque cenas, é contribuir para a saúde das pessoas e certamente para a sua.

Outra forma de manipulação, que geralmente ocorre com os que tentam viver a vida de Jesus, é dirigida a eles mesmos. Nós vemos as necessidades do mundo e percebemos que o mundo precisa de nós, mesmo que sejamos tão poucos. Portanto, não conseguimos descansar. Tentamos responder a cada necessidade real que apareça até que nossos recursos estejam totalmente esgotados e sucumbimos dizendo que não poderemos jamais rentar viver o estilo de Jesus novamente.

Uma vez mais, a humildade nos fornece a resposta. Não somos Deus. Portanto, podemos desistir de tentar ser ele e, em nossa mortalidade, tentar resolver todos os problemas do mundo. Quando somos honestos sobre nós mesmos e reconhecemos que estamos ficando sem gás, então, o certo é ficar em isolamento e

descansar por um tempo. Jesus estava sempre levando os discípulos para algum lugar a fim de descansar. Embora fosse Deus, ele recusava a manipulação de sua vida. Ele sempre mantinha sua força para fazer escolhas com amor. E ele nos chama para fazer as escolhas cheias de seu amor e necessárias para servir a todos.

*Neste ponto inicia-se uma lista que capta a natureza de Jesus à medida que ele se revelou em seus ensinamentos “do maior no reino”. Esta lista sintetiza a mensagem mais importante deste livro. Portanto, no final de cada um dos capítulos que se seguem, nós lembraremos a vocês da característica principal daquele capítulo e dos anteriores. A lista vai até quatorze. Neste capítulo, a principal característica é **Servo**.*

Recapitulação:

1. Servo

A pirâmide do poder



*Os governantes das nações as dominam [...]
não será assim entre vocês*

Surpreende-me o número de igrejas e sistemas religiosos que sucumbem quando analisados sob a luz desse mandamento, e ainda assim continuamos a reivindicar que nossa estrutura é bíblica e autorizada por Deus.

O princípio de ser o servo de todos é devastador para as cadeias de comando e para os sistemas em que a submissão é ascendente. Muitas estruturas religiosas são cópias carbono de fluxogramas de grandes corporações em que o sistema está representado em forma de pirâmide. No reino de Deus, a pirâmide do poder está invertida, de cabeça para baixo, de forma que a autoridade esteja na base, não no topo.

Quando Jesus se refere à submissão, ela é sempre dirigida aos líderes ou àqueles que querem ser grandes no reino, e estes são sempre ordenados a submeter-se a um inferior, não a um superior. Por exemplo, em Mateus 20.26, Jesus diz expressamente: "Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo".

Essa submissão descendente parece ser uma consequência natural da maneira que Jesus via as pessoas. Ele as servia, pois

conhecia o valor delas. Nós as dominamos porque não reconhecemos seu valor e não as vemos da maneira como Jesus as vê.

Aqueles que lideram no reino de Deus reconhecem que cada cristão tem uma relação única e direta com Cristo, o chefe da igreja. Distintamente de sistemas seculares cujo objetivo é controlar, o líder do reino é escolhido para equipar as pessoas para o ministério, trazer unidade em fé e conhecimento, e amadurecê-las para prover estabilidade (ver Ef 4.11-16).

Jesus reservou suas palavras mais fortes para os líderes espirituais de hoje. Ele está tocado de compaixão pelas massas que são como cordeiros sem pastor. Ele não pressiona as massas para submeter-se ao líder, mas os líderes para salvar a todos.

“Estou no comando aqui”

Com frequência, escuto líderes atuais comentando sobre como seus seguidores, as massas populares, deveriam ser honestos, obedientes e submissos. Contudo, é de total responsabilidade do líder que os seguidores sejam livres para responder honestamente e sem coerção.

Primeiro, como fez Jesus, os líderes devem tomar a iniciativa de servir para revelar sua vida. Infelizmente, poucos pastores ou líderes religiosos são conhecidos a fundo por seu rebanho. Devido ao treino que receberam ou aos livros que leram, muitos ministros sentem que devem manter uma distância profissional das pessoas, colocando-se, assim, acima delas.

Essa postura ocasiona problemas devastadores e estruturais. Quem está no topo da pirâmide de autoridade encontra-se isolado da realidade. As pessoas que estão abaixo não são mais completamente honestas, pois só alimentam a pessoa do topo com as informações necessárias para proteger seus empregos. A única maneira pela qual a pessoa do topo pode assegurar-se da honestidade e veracidade daqueles abaixo dele é despidendo-se de sua posição, deixando de lado seu poder e autoridade e

aproximando-se deles como um servo, E essa iniciativa deve partir da pessoa que está no topo. Não pode vir daqueles que estão abaixo dele, somente a revolução vem desta direção. Na natureza de Jesus só é possível submeter-se, no reino humano, aos que estão em uma posição inferior.

Certa vez, li um artigo sobre uma pessoa que se submetera completamente a um líder. O líder, com o propósito de ensinar a sujeição do submisso, solicitou-lhe que cortasse sua grama. Isto é uma perversão do estilo de Jesus. A sujeição deveria ser ensinada cortando a grama de outra pessoa.

Aquele que lidera no estilo de Jesus não usa nenhuma forma de coerção nem depende de posição institucional para ter autoridade. Ao contrário, servindo as pessoas, ele as lidera à medida que elas reconhecem sua capacidade e escolhem voluntariamente segui-lo. E aqueles que seguem, por qualquer razão, tornam-se como seus líderes, para melhor ou para pior.

Certa vez, um líder religioso, sob fogo cruzado por usar sua posição para ganhos pessoais, defendeu-se dizendo a seus seguidores que ele não havia feito nada que eles não fariam se estivessem em seu lugar. Em outras palavras, se eles pudessem escapar impunemente, também agiriam da mesma maneira. Esta afirmação foi a maior acusação feita contra o sistema e o treinamento ético deles.

Talvez uma boa maneira de lidar com as armadilhas da liderança seja escrever *serro* nas portas de nossos luxuosos escritórios e eliminar tudo ao redor que fosse incompatível com isso. Lembre-se, o poder corrompe e o poder absoluto corrompe totalmente.

Um servo não tem nenhum título que o coloque acima daquele nível raso e definitivamente nenhum título que o coloque acima de outros. Um servo não deve ter símbolos de *status*, mas apenas as cicatrizes decorrentes do trabalho duro. Você não esperaria que um servo tivesse uma vaga especial no

estacionamento. Um servo não teria um escritório maior nem mais pomposamente decorado para mostrar sua posição. Um servo não usaria roupas que intimidassem ou impressionassem as pessoas de qualquer forma, que não fosse para reafirmar sua posição de servo. Um servo não usaria sua posição para limitar a expressão da capacidade de seu mestre. Um servo não tentaria usar seu “poder” para proteger sua posição de “primeiro”.

A natureza de Jesus está de tantas maneiras em oposição direta aos padrões de liderança do mundo, os quais têm sido adotados sem questionamento pela igreja, que esta lista poderia ser interminável. Na verdade, isso é triste, pois esse modelo visível tem mais força do que a expressão da doutrina. Temos sido muito cuidadosos em identificar heresia doutrinai; talvez seja o momento de identificar a heresia de prática.

“Mas as pessoas são ovelhas tolas e precisam ser motivadas”, é o que sempre escuto em defesa do sistema de liderança mundial. Se desejamos admitir que não temos nada com a igreja nem com Jesus, então podemos motivar pessoas da maneira que quisermos para que cumpram nossas ordens. Mas se desejamos ser seguidores de Jesus, então precisamos, como dizem os especialistas, amar as pessoas e qualquer motivação deve vir da aceitação voluntária do amor, mesmo que os resultados não pareçam tão rápidos ou eficientes. Não podemos finalizar, por meio dos sistemas mundiais, a obra iniciada por Jesus por meio do Espírito Santo.

O que aconteceria ao corpo de Cristo se nos relacionássemos conforme a natureza de Jesus e nossos líderes vivessem o resto de seus dias primeiramente por nós? Minha mente balança diante desta possibilidade. O que fazemos agora nos foi ensinado, portanto, poderia certamente nos ter sido ensinado algo diferente. Se fosse assim, o mundo derrubaria nossas portas para fazer parte da igreja.

Os dois lados da moeda

Talvez o lugar mais significativo para se começar a virar a pirâmide de cabeça para baixo seja a família. A primeira instituição do mundo tem tido um caminho acidentado. Alguns dos buracos lamacentos na estrada do casamento foram lá colocados por meio do ensinamento de vários sistemas religiosos. A fim de constatar como a natureza de Jesus afeta dramaticamente o casamento, observaremos primeiro o ensinamento da época de Jesus.

“No topo da cadeia de comando está um homem.” Todas as mulheres estão em algum lugar abaixo nessa escala. O acesso a Deus é frequentemente proibido à mulher, a não ser que aconteça por meio da autorização de um homem. O ensinamento daquela época enfatizava isso, especialmente no matrimônio. O fundamento desse ensinamento encontra-se em Efésios, quando Paulo diz que as esposas devem ser submissas a seus maridos como o são ao Senhor.

Livros escritos por mulheres para mulheres também se beneficiam desse entendimento de submissão e o apoiam de maneira interessante. As mulheres podem aprender como conseguir que seus maridos façam o que elas querem que façam, usando o poder do sexo e dessa coisa sutil chamada submissão. Isso é degradante, mas, por fim, as mulheres sempre vencem. Consequentemente, os homens são forçados a assumir o papel de Deus, com o qual eles não sabem lidar, e as mulheres são forçadas a assumir um papel subalterno, o qual elas não querem. A submissão amarga é o resultado da não compreensão da natureza de Jesus.

Vejamos cuidadosamente a passagem de Efésios, mas comecemos um pouquinho antes que alguns outros o façam:

Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo. Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o

cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos. Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a Igreja e entregou-se por ela (Ef 5.21-25).

Assim, o primeiro mandamento é nos submetermos uns aos outros. Esta é a maneira como o corpo deveria funcionar. Depois os próximos mandamentos serão como uma expansão do primeiro. Fies nos dizem como a submissão funciona em uma relação marital: as esposas são submissas a seus maridos e ao Senhor; e os maridos amam suas esposas como Cristo amou a igreja.

Há muito tempo a posição da esposa já é bem clara. Mas e a descrição do marido a quem ela se submete? Bem, como Cristo amou a igreja? Ele veio à igreja como um servo, não ordenando a ninguém, sendo um exemplo, sendo humilde, sendo menos, sendo como uma criança, como um jovem, como o último, não usando a força, não tendo má reputação, obediente a sua natureza até a morte. Toda vez que eu tratar minha esposa desta maneira, submissão não será nunca um ponto de discórdia. E submissão que é coerção não é submissão. Lembre-se, também, que o fardo de iniciar o papel de servo repousa no líder ou no chefe.

A humildade permite aos cônjuges resolverem suas diferenças sem Colar um ao outro. Em vez de atacar e acusar quando as brigas ocorrem, eles podem ser honestos sobre seus sentimentos.

É importante notar que na nova ordem divina, todos somos membros da família de Deus antes de ser membros de nossa família terrena. Portanto, minha esposa é minha irmã em Cristo antes de ser minha esposa. Logo, devo tratá-la como uma filha de Deus e com cuidado ainda maior do que esperaria que alguém tratasse meus filhos. Eu não ousa ser superior e manipulador com um dos filhos de Deus.

Visto e não ferido

Como nós podemos ser servos para nossos filhos sem mimá-los? Na verdade, a sujeição é a melhor garantia de saúde espiritual. Se entendermos que nossos filhos são filhos de Deus primeiro, então entendemos que os estamos educando no interesse de Deus, como seu servo e deles também. Consequentemente, estaremos ansiosos por instruí-los e discipliná-los por meio de nossa sujeição para reproduzir o Espírito do Pai neles.

A sujeição nos faz estar presentes a nossos filhos, em contato com suas necessidades, suprindo-as, alertas a suas tendências de desviar-se da natureza do Pai e comprometidos em confrontar tal desvio. A sujeição significa fazer escolhas certas no interesse dos filhos e não abandoná-los. A sujeição significa dizer não quando não for para o benefício deles. É também consistente com o conselho de Paulo: “Pais, não irrite seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4). Viver no estilo de Jesus não irá exasperar as crianças, mas fará com que saibam que são amadas.

A sujeição significa equipar os filhos para uma fase adulta independente para fazê-los se voltar para seu outro Pai. Não significa nem rigidez nem permissividade: significa adequação.

Ser colocado por Deus como servo, encarregado de seus filhos é uma responsabilidade impressionante. Mas não importam as circunstâncias, Deus reverencia o amor servil dos pais.

Quando eu tinha seis anos de idade, meu pai foi gravemente ferido em um acidente de avião o que o deixou parcialmente paralisado e com comprometimento cerebral. Minha mãe tornou-se então o arrimo de nossa família.

Pelo fato de minha mãe quase “nunca estar lá”, pois tinha que ganhar a vida e meu pai “não estar lá” física e mentalmente, o palco para um fracasso familiar estava pronto. Mas nossa família não fracassou! Ao longo dos tempos difíceis, nossos pais

permaneceram fiéis a Deus e a nós. Oração, fé, firmeza e amor nos rodeavam — dinheiro e casa luxuosa, não.

Quando meu pai morreu, meus dois irmãos e eu ficamos em frente a seu caixão e fizemos a seguinte afirmação aos amigos reunidos para o funeral: “Nosso pai não nos deixou um império financeiro para dar continuidade. Muitas das coisas que normalmente um pai faz com seus filhos, o nosso não pôde fazer. Não foi capaz de nos ensinar muitas coisas que um pai normalmente ensina. Mas nos deixou o que tinha. Deixou-nos o amor de Deus, o amor pela Bíblia, o amor pelas pessoas, a compreensão do culto e a incapacidade de odiar. Nós sentimos que ele nos deixou somente coisas que durarão. Portanto, diante de todos, como seus filhos, declaramos publicamente que seguiremos a Deus”.

Pais servis, que valorizam profundamente o dom de Deus em seu lar, reconhecem o privilégio e a responsabilidade de cultivar cuidadosamente o jardim divino da vida. Portanto, seus filhos são criados com menos hematomas, espírito mais forte e personalidade mais saudável. O fato de Jesus ter sido criado em uma vizinhança ruim é evidência de que a sujeição não exige família ou situação física ideal para obter sucesso. Nem exige opulência financeira. Exige apenas nossa obediência à natureza servil de Jesus.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...

Eu prefiro um sermão



*Apresentei-lhe um exemplo que você deveria
seguir, como eu o segui por você*

Minha família, em uma ocasião, estava enfrentando, com bravura, uma jornada de quatrocentas milhas para ir ao meu encontro no acampamento onde eu estava palestrando. A viagem os levou primeiro através de uma grande cidade cuja configuração de ruas era um tanto confusa. Por duas horas, eles tentaram atravessar a cidade. Pediram informações a um policial e a outras pessoas. Mas todas as tentativas de seguir as informações acabaram em frustração.

Finalmente, já à beira do desespero, pararam em outro lugar para mais uma tentativa de conseguir informações adequadas. Após todas as indicações dadas, minha família respondeu: “Mas já tentamos esse caminho. Não funcionou”. Contudo, um homem que estava ouvindo a conversa disse: “Estou neste carro vermelho estacionado aqui. Sigam-me. Vou lhes mostrar o caminho”.

Assim, através da selva de ruas, ele os levou, guiando-os pelas mais intrincadas interligações até que estivessem muitos quilômetros além da cidade. Quando restou apenas uma rodovia, ele parou e disse: “Agora vocês não vão se perder. Fiquem nesta

estrada”. Aquele homem foi como Jesus para minha família. Eu não sei se ele é um seguidor de Jesus, mas ele certamente teve uma compreensão melhor do estilo de liderança de Jesus que muitos de nós, que somos seus seguidores.

A forma mais efetiva de liderança cristã é a liderança fundamentada no exemplo. Jesus não disse: “Faça como eu digo, não como eu faço”. Ao contrário, como Mateus relata:

Então, Jesus disse à multidão e aos seus discípulos: “Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés. Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens. Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes bem longas; gostam do lugar de honra nos banquetes e dos assentos mais importantes nas sinagogas, de serem saudados nas praças e de serem chamados ‘rabis’. Mas vocês não devem ser chamados ‘rabis’; um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. A ninguém na terra chamem ‘pai’”, porque vocês só têm um Pai, aquele que está nos céus. Tampouco vocês devem ser chamados ‘chefes’, porquanto vocês têm um só Chefe, o Cristo. O maior entre vocês deverá ser servo” (Mt 23.1-11).

No exército de Deus, generais não ficam em postos protegidos atrás das linhas. Não, a posição deles é na frente das tropas, expondo-se primeiro ao tiro mais certo do inimigo e mostrando como a batalha é vencida.

Ouvi uma vez, com incredulidade, um estudante de teologia reclamar que a faculdade que frequentava não tinha um dormitório separado para os de “sua classe” de modo que não fossem perturbados ou corrompidos, pelos que não estavam interessados no “ministério”.

Essa época se assemelha à de Jesus no que se refere à remoção da influência de pecadores sobre crentes. Em todo lugar, guetos cristãos estão aflorando. A luz está escondida sob os bancos da igreja em vez de brilhar escancaradamente. Ficamos longe do pecador, enquanto ele se arrasta desamparadamente para o Juízo Final, e, com segurança, os aconselhamos a não fazer isso!

Mas Jesus foi Deus-Emanuel conosco, e ele nos convidou a segui-lo. Ele não “foi o senhor absoluto” de seus discípulos. Ele nunca pediu que fizessem qualquer coisa que ele não tivesse feito primeiro e mostrado como fazer. Se realmente amássemos as pessoas, como Jesus o fez, nós nos envolveríamos com elas para demonstrar isso.

Ensinando sem paredes

Enquanto ensinava em um colégio cristão, percebi que meu discurso sobre a oração e a elaboração de boas perguntas sobre oração em testes não ensinavam os alunos a orar. Tudo que o sistema os ensinava era como tirar nota e como responder às perguntas das provas. Eu fui capaz de ensinar a oração apenas para aqueles com quem eu orei.

Um mestre, de um conhecido seminário, admitiu ingenuamente que seu seminário não treinava pessoas para ser pastores; treinava pessoas para ensinar em seminário, porque esse era o exemplo dado, em sala de aula, aos alunos. Jesus decidiu ensinar por meio do exemplo, e não em sala de aula, e esse foi seu estilo particular de doutrinação. Aprender uma atitude ou habilidade que não vimos ser desempenhada é extremamente difícil. Agradeço o fato de um motorista haver me ensinado a dirigir um carro; mãos gentis guiaram as minhas para que eu aprendesse a amarrar meus sapatos.

Se o velho clichê — aqueles que podem, fazem; aqueles que não podem, ensinam — fosse verdadeiro, não haveria nenhum

ensino, pois o ensino é uma orientação prática. Também é por meio do exemplo que alguém pode ser verdadeiramente o último, sendo o primeiro. Quando os alunos estão ansiosos com a perspectiva de ser o primeiro em alguma nova atividade, o professor, assumindo o papel desfavorável de ser o primeiro, desempenha um ato de sujeição, muito parecido, na história, com o do provador de comida do rei.

Educação é o que chamamos de processo de transmissão de conhecimento e valores e de modelar o comportamento. Para o cristão existe outra dimensão além desta — o caminhar ao longo da vida. Somente a vida gera vida.

Há anos a igreja fundamenta sua maneira de educar a partir do mundo, não a partir de que Jesus disse: “O discípulo não está acima do seu mestre, mas todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre” (Lc 6.40). Levamos, nas salas de aula, os alunos para fora da vida. Jesus trouxe os alunos para o meio da vida. Limitamos em uma ou duas horas o tempo gasto para a educação. Jesus deu todo seu tempo para educar os discípulos. Nós nos envaidecemos em classes cada vez maiores. Jesus escolheu doze para estar “com ele”. Mantemos os professores isolados desempenhando o papel de palestrantes, que nada revelam. Jesus expôs sua vida aos discípulos. Nós despejamos nossos filhos em um reservatório cheio de alunos e deixamos sua educação nas mãos de estranhos. Conforme ensina a Bíblia, a responsabilidade primeira é dos pais.

Se você é um professor, lutando contra qualquer limitação que lhe foi imposta, o princípio que você segue deve ser um chamado encorajador, não uma frustração.

Na educação, conforme o estilo de Jesus, o professor deve caminhar com os alunos, revelando-lhes sua vida e suas lutas — o professor deve ter as qualidades servis de Jesus. Conforme o estilo de Jesus, a educação reconhece que só o aluno justifica sua existência, não o professor nem o administrador, e assim modela adequadamente suas ações.

Conforme o estilo de Jesus, a educação treina pessoas a, em primeiro lugar, ser membros do reino de Deus, não, cidadãos dos Estados Unidos ou qualquer outro país. Os professores e outros trabalhadores, inseridos na estrutura que escolheram, exemplificam o reino de Deus para os alunos.

Conforme o estilo de Jesus, a educação prepara o lar para ser a principal força do treinamento espiritual. A educação, conforme o estilo de Jesus, percebe a diferença entre a lei do amor no reino de Deus e as forças da cultura e da tradição, e não ensina cultura e tradição como caminho para o reino.

Conforme o estilo de Jesus, a educação limita o número de alunos à quantidade que o professor seja capaz de amar e se relacionar profundamente. A educação, conforme o estilo de Jesus, não utiliza um processo de avaliação que diminua a percepção que a pessoa tem de si mesma.

Conforme o estilo de Jesus, a educação não constrói nenhum sistema de disciplina que não tenha nascido ou sido apoiado por um relacionamento íntimo com os disciplinadores.

Conforme o estilo de Jesus, a educação utiliza como critério de aparelhamento dos alunos tudo o que Deus lhes concedeu. Não usa o perfil de outras expectativas como um molde ao qual devam se ajustar.

Conforme o estilo de Jesus, a educação prevê o impacto a longo prazo e prepara a pessoa para toda a vida. Não é subserviente à moda ou aos programas que Usam beneficiar o sistema educacional em detrimento do aluno.

Conforme o estilo de Jesus, a educação reconhece o amor como um objetivo de vida e não conhecimento por si só. Reconhece que o conhecimento de Deus devidamente transmitido produz vidas, as quais amam como Jesus amou e vivem como ele viveu.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo

Nem mais, nem menos



Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus

Por muito tempo tive uma compreensão equivocada sobre a humildade. Pensava que era uma espécie de complexo de inferioridade. Por isso adotei uma aparência apropriadamente melancólica e afirmava que eu era nada — não sabia cantar, não sabia pregar, não sabia tocar piano ou qualquer outro instrumento, tinha apenas coordenação suficiente para andar. Esperava que as pessoas reagissem, dizendo: “Nossa, você é tão humilde”. E com toda a “humildade” eu os agradecia por haver notado.

Agora, percebo que esta atitude não era humildade, era doença. Humildade não se refere a uma abordagem desprezível da vida. Humildade refere-se simplesmente a enxergar como realmente somos, nem mais alto, nem mais baixo. Significa ser honesto sobre si mesmo, olhar-se de frente. Significa saber quem você é e dominar isso. Dominar suas emoções. Significa viver sem hipocrisia.

No deserto, Moisés teve um encontro com Deus através da sarça ardente. Depois de concordar em retornar ao Egito e tirar as crianças israelitas de lá, Moisés queria ter certeza que ninguém estava brincando com ele. Pediu, portanto, para a voz se

identificar. O nome de que empresa estará no cartão de visitas? Deus respondeu-lhe: “Eu sou quem sou”. Deus é congruente. Ele é quem ele é. Jesus também disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, e: “Antes de Abraão ser, eu sou”. Humildade é ser um “eu sou”.

Uma das coisas mais carinhosas que posso fazer pelas pessoas é ser honesto (humilde) sobre mim mesmo, assim elas não têm que discernir em meio a minhas trapanças. Duvido que quando Jesus saudava os discípulos de manhã, eles tivessem que pensar sobre o que ele realmente queria dizer. O fato de ele ser o mesmo “ontem, hoje e sempre”, não significava que ele não tivesse emoções ou humores, mas podia significar que ele era sempre honesto com eles; sempre um “eu sou”.

Jesus queria muito que as pessoas o conhecessem intimamente:

Eles disseram: “Rabi” (que significa “Mestre”), “onde estás hospedado?” Respondeu ele: “Venham e verão” (Jo 1.38,39).

Note que a sinceridade de Jesus não é resultado de sindicâncias ou investigações congressionais. Sua sinceridade é resultado de sua iniciativa. Ele não seguia nenhuma filosofia do tipo “o que eles não conhecem não os machucará”.

Jesus escolheu que os discípulos estivessem “com ele”, esse é um tipo de relacionamento revelador. Em “estar com” nós vemos a realidade da vida cotidiana por trás das virtudes sociais. Quando minha esposa e eu namorávamos, nós nos vestíamos, penteávamos e perfumávamos com esmero e cuidado. Ela só descobriu todas as ações desajeitadas de meu ser físico após o “estar com” que o casamento traz e, também, começou a descobrir a natureza de minhas motivações. O tempo e o “estar com” são reveladores.

Jesus foi fiel em sua revelação aos discípulos. Em seu “sermão de graduação”, ele afirmou: “Eu os tenho chamado

amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu lhes tornei conhecido” Jo 15.15). Amizade requer revelação.

Embora grande parte da multidão se beneficiasse dos ensinamentos de Jesus sobre sinceridade e revelação, a intimidade completa era reservada aos discípulos. Ensinar sobre o Pai era a coisa mais importante para Jesus, e foi o que ele fez para as multidões. Revelar o Pai poderia ser mais bem mostrado em relações mais íntimas, as quais não poderiam ser consideradas como atirar “pérolas aos porcos”. Com muito critério, Jesus não satisfazia a curiosidade dos solicitantes. Mas aqueles que verdadeiramente desejavam alcançá-lo eram bem sucedidos.

Em nossa sociedade (quer a secular quer a eclesiástica), quanto mais alto se sobe, mais inacessível se torna. Sua vida pessoal fica mais escondida. Quanto mais Jesus mergulhava em seu ministério messiânico, mais seus amigos podiam vislumbrar as profundezas de suas emoções e sua vida.

A plena luz do dia

Estamos tão desacostumados a viver com sinceridade que as palavras a seguir provavelmente sejam algumas das mais ameaçadoras da Escritura:

Tenham cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Não há nada escondido que não venha a ser descoberto, ou oculto que não venha a ser conhecido. O que vocês disseram nas trevas será ouvido à luz do dia, e o que vocês sussurraram aos ouvidos dentro de casa, será proclamado dos telhados (Lc 12.1-3).

A humildade pode ser bem descrita como “caminhar na luz”. A humildade escolhe ser real, verdadeira, não esconder nada. Essa é realmente uma maneira adorável de ser com as pessoas. A progressão em 1João 1.7, portanto, é lógica: “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com

os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado”.

Nossas atitudes e valores provêm tão raramente dos princípios de vida ensinados nas Escrituras, que estamos totalmente afastados do poder oriundo do andar na luz. Temos medo da vulnerabilidade que isso acarreta. Conhecer as mudanças que teremos de enfrentar nos causa grande ansiedade.

Contudo, não precisamos temer que as pessoas vejam nossas imperfeições. Tê-las é fazer parte da raça humana. Tanto nossa alegria quanto nosso conforto está no fato de que fomos perdoados e estamos crescendo em semelhança a Cristo.

Todos nós somos pecadores e não sei se alguns pecadores são maiores do que outros. Acontece que alguns pecados são mais visíveis que outros. Posso enganar bem na aparência e ainda “ficar com o coração inquieto”. Jesus indicou que aqueles que são mais perdoados, amam mais. Isso pode significar que aqueles que estão completamente arrependidos dos pecados internos e externos são agora completamente visíveis e verdadeiros. Eles sentem a completa redenção de Deus, sendo capazes, assim, de gastar sua energia em amar mais. Mas os fariseus, que disfarçavam na aparência, não se penitenciavam de pecados ocultos e eram, por isso, mutilados em sua capacidade de amar.

O preço do segredo

De acordo com os psicólogos, qualquer segredo, bom ou ruim, como o pecado, produz o mesmo sentimento de culpa em nosso ser. Qualquer emoção forte, inclusive a positiva, que sentimos e guardamos em vez de ensinar como expressar-nos, funciona em nosso ser e em nosso ambiente de uma maneira nada saudável.

Nossa verdadeira natureza não foi planejada para ficar escondida. O esforço em direção à camuflagem, que começou com a degradação da espécie humana, é típico do estilo de vida

mundano. A energia que gastamos para esconder nosso ser tem um alto custo para nós. Qualquer coisa que escondemos nos força a viver de maneira a manter isso seguramente escondido. Em outras palavras, tornamo-nos falsos - falsos conosco — inadequados. Esta irrealidade está em contraposição à natureza de Jesus, que é o Deus da realidade. Nenhuma energia foi gasta para encobrir sua vida com uma máscara. Nele, não havia nenhuma escuridão.

A comovente afirmação: “Jesus chorou”, lembrada por João, é uma evidência de que, mesmo publicamente, Jesus era livre para ser verdadeiro com todo seu ser interior. Suas raivas eram expressas abertamente. A compaixão que o movia, suas alegrias, seus pesares eram tão claros, que os escritores do Evangelho podiam observar suas emoções e gravá-las.

Apenas por meio da humildade somos capazes de lidar, de forma adequada, com emoções fortes. A Bíblia nos diz para ser corajosos, não pecar e não deixar que o sol se ponha sobre nossa raiva. Tendemos a interpretar isso como não desanimar. Não revelar sua raiva. Ranger os dentes. Sorrir e suportar.

Outra resposta que ocasionalmente se manifesta quando rangemos os dentes, é o uso de violência, ou mesmo de vingança sutil. Nem a violência nem a sublimação são maneiras saudáveis de lidar com a raiva. A humildade permite-me possuir meus sentimentos, admiti-los. Agora, sou livre para dizer: “Estou com raiva”. Sou livre para admitir minhas reações. Sou livre para perguntar se raiva é o que a pessoa queria produzir em mim e pedir ajuda para mudar, se minha reação for inadequada.

Essa capacidade de expressar nossos sentimentos verdadeiros decorrentes da humildade, estende-se até nossa relação com Deus. Quando ocorrem eventos na natureza que nos frustram e enraivecem, com toda a sutileza, os rotulamos de “atos de Deus” para mostrar nossos sentimentos. Expressar nossa raiva cabal a Deus seria mais perigoso? Você acha que Deus se importa com diplomacia ou bajulação?

Uma vez que a maioria de nossas orações é basicamente reclamação sobre a maneira que Deus está gerenciando o mundo, seria a honestidade sobre os sentimentos que temos em relação a Deus ou o desapontamento que vivenciamos em nossa relação com ele que estaria fora do contexto? A beleza de relacionamentos profundos repousa no fato de eles não apenas sobreviverem às emoções expressas, mas frequentemente serem enriquecidos por elas. A relação *Aba* com Deus é muito frágil para isso, ou nós tememos retaliação por parte do autor da bênção? Mesmo Jesus gritou naquele momento de desespero: “Por que me abandonaste?”.

É notável como nós, devido à influência cultural, somos treinados a esconder nossos sentimentos. Infelizmente, em alguns grupos cristãos ensina-se que devemos sorrir mesmo sentindo a dor mais profunda. Eles até negam que essa dor exista, achando que os cristãos devem ser sempre apenas positivos, alegres e sorridentes. Quantas vezes, casais que estão passando por um momento difícil caminham sisudos para a igreja, sem trocarem uma só palavra até chegar à porta, quando colocam “o sorriso” no rosto. Quando o irmão pergunta como estão, a sorridente resposta padrão é dada: “Bem, obrigado”.

Se existe um lugar onde devemos ser capazes de ir com nossos pecados e sentimentos expostos e encontrar ajuda e cura, é a igreja. Mas, cada vez mais, está se tornando um lugar onde devemos ser muito cuidadosos para esconder nossos verdadeiros sentimentos e demonstrar uma aparência consistente de vitória jubilosa.

O corpo de Cristo, especialmente em grupos pequenos e íntimos, é o corpo mais purificador no mundo; ainda que não ajamos de acordo. Não pensaríamos em nosso relacionamento com um médico com a mesma reserva que temos com o corpo purificador de Cristo. Diríamos ao médico: “Eu tenho uma doença sobre a qual não posso falar?”. Claro que não! Mas usamos, com

frequência, o termo pedido inexprimível quando compartilhamos nossas necessidades com o corpo de Cristo. Tentaríamos enganar o médico a respeito de nossa doença? Claro que não! Diríamos: “Estou aqui em nome de meu amigo, você poderia examinar-me e fazer o diagnóstico dele?”. Claro que não! No entanto, tratamos a igreja com muita descrença e medo. Escolhemos esconder. De alguma forma pressupomos que a igreja é a instituição do indivíduo perfeito, em vez de ser a do penitente. Essa tentativa de manter a aparência levou a igreja à crise de honestidade na qual a realidade foi por água abaixo na tentativa de projetar um *fac-símile* do ideal. Enquanto isso, esperamos desesperadamente que a verdade não seja descoberta, que a fachada seja aceita. Em nome de Cristo, cobrimos nossos pecados e falhas e crucificamos aquele que ousar gritar infâmia e trazer nossos “erros” à luz.

Walter Scott falava sobre a natureza da humildade quando disse: “Oh, que teia emaranhada tecemos quando nos acostumamos a enganar”. Quando por minha incongruência, dou sinais errados às pessoas, elas respondem de acordo com isso e, portanto, de maneira errônea. Depois, eu reajo de maneira errada à resposta errada delas. E assim por diante, esse ciclo continua até que se inicie uma guerra, sem ninguém se lembrar como tudo começou.

Paulo apontou a importância da sinceridade na igreja quando escreveu aos Filipenses: “Ponham em pratica tudo o que vocês [...] viram em mim” (Fp 4.9). Para os tessalonicenses ele escreveu: “Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós” (1Ts 2.8).

Paulo, quando escreveu para os Coríntios desenvolveu um conceito mais profundo:

Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os israelitas não contemplassem o resplendor que se

desvanecia. Ora, o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. [...] E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito (2Co 3.13.17,18).

Para justificar alguns dos aspectos mais bizarros da vida na igreja, sempre uso esses versículos, que declaram haver liberdade onde o Espírito estiver. Agora, vejo que a presença do Espírito Santo me liberta para tirar meu véu (máscara) e caminhar com sinceridade. Não por que sou perfeito, mas por que agora reflito a glória do Senhor e estou sendo transformado, estou em constante melhora e crescimento.

Moisés cobria o rosto para esconder suas fraquezas. Ele escolheu fazer isso. Aparentemente não havia nenhuma razão real para isso; contudo, toda vez que agimos de acordo com os mandamentos, a fragilidade humana (talvez especialmente em face de grandes experiências espirituais) nos força a fingir, esconder, encobrir para apresentar nosso lado melhor para todos.

A graça é bem diferente quando se olha pelo prisma dos mandamentos. João nos diz (1.17) que a lei veio por meio de Moisés; a graça e a verdade por meio de Jesus Cristo. A lei exige justiça, a graça entrega a justiça. A lei exige, a graça providencia. A lei é pressão, a graça é alívio. A lei é escravidão, a graça é liberdade. A graça e a verdade só podem ser modeladas na luz, à vista de todos. Devido à própria natureza da graça, não temos razão para esconder nada: “Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus” (Jo 3.21).

Viver com uma máscara é não experimentar a liberdade do Espírito que administra o perdão e nos dá coragem de rasgar o véu e refletir a glória de Deus. Somos livres para fazer isso, não por que atingimos um estágio de perfeição que estaríamos protegidos

do olhar perscrutador e embaraçoso do mundo, mas por que, de maneira distinta de Moisés, nós não estamos “desvanecendo”, mas sim, aumentando e crescendo à semelhança de Deus.

No plano de Deus tudo que é dito, feito ou pensado será revelado. Para aqueles que escondem, será um desastre. Para os sinceros e em crescimento, será meramente a história redimida.

Recapitulação

2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade

A criança é...



Deixem vir a mim as crianças [...]; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas

As crianças ocupavam um lugar especial no coração de Jesus e, por meio delas, ele ministrou uma lição necessária aos discípulos.

Alguns traziam crianças a Jesus para que ele tocasse nelas, mas os discípulos os repreendiam. Quando Jesus viu isso, ficou indignado e lhes disse: “Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas. Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele”. Em seguida, tomou as crianças nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou (Mc 10.13.16).

A. criança não é ameaçadora. Eu não me incomodaria em encontrar uma criança em um beco escuro. Se vamos seguir as pegadas de Jesus e representá-lo de maneira correta, o mundo não deve ser mais ameaçado por nós do que o seríamos por uma criança. Jesus afirma: “Eu os estou enviando como ovelhas entre lobos. Portanto, sejam astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mt 10.16).

Há alguns anos, quando era pastor em Illinois, as senhoras da igreja vinham nas manhãs de quinta-feira para um encontro de orações. Por se tratar de um encontro de senhoras, e pelo fato de não ser convidado, eu decidi sair e passar esse período em uma escola maternal, brincando com as crianças. Eu jamais esquecerei daquele primeiro dia em que fui brincar com elas. Ao abrir a parte superior da porta do maternal, eu me inclinei e disse: “Oi crianças. O pastor Erwin está aqui. Vamos brincar?”. Uma delas correu apavorada para outra sala. As outras simplesmente continuaram o que estavam fazendo. Bem, eu pensei: *elas parecem não entender quem eu sou*. Depois, entrei na sala, andei até o meio do grupo e, mais uma vez, disse: “Oi, crianças. Vamos brincar?”. Outra criança correu apavorada para a sala ao lado. As que ficaram continuaram suas ações como se dissessem: “Alguém ouviu um barulho?”.

A essa altura meu ego começava a ficar ferido. A atendente do maternal achou graça e sorriu. Eu queria agarrar uma das crianças, chacoalhá-la e dizer: “Você vai brincar comigo e gostará, ouviu?”. Mas, nesse momento, o Espírito Santo ajudou-me ao me lembrar como eu via os adultos quando era criança. Eles me pareciam gigantes assustadores. Meu mundo ia até a altura dos joelhos. Jamais conversava com os adultos. Sobre o que poderíamos conversar? Eu não sabia nada de política. Economia estava fora de questão. Achava que uma moeda de cinco centavos era melhor que uma de dez, porque era maior. Eu era para ser visto e não ouvido.

Essa lembrança mexeu comigo; sentei-me no chão e disse: “Oi, crianças. Vamos brincar?”. Em poucos segundos, todos estavam em cima de mim, gritando, puxando minha gravata e meus cabelos, destruindo minha dignidade. Daquele momento em diante, eu não estava representando nenhum papel. Eu entrava, sentava-me no chão, e era considerado um amigo, não uma ameaça. Assim também a inocência, não ameaçadora, de Jesus não

intimidava ninguém. Tanto amigos quanto inimigos aproximavam-se dele com liberdade. Os fariseus e os saduceus atacaram-no com uma intensidade que jamais teriam manifestado se Jesus tivesse andado sobre a terra com um brilho celestial e falado com voz amplificada, utilizando recursos de eletrônica. As crianças ficavam tão à vontade ao redor dele, que mesmo um observador superficial constataria ser isso impossível sem a inocência de Jesus. No Sinédrio, eles conspiraram a respeito da captura de Jesus, mas foram refreados, não por que o temiam, mas por temer a multidão.

Não é fácil enganar uma criança. Para ser como uma criança é necessário ser verdadeiro e humilde. Somos capazes de ver quando as crianças estão felizes ou quando estão tristes. Se elas estão com medo, agem de acordo. É notório que quando duas crianças estão brincando juntas, alternam estágios de risos, gritos, corridas, tristeza e choro. As crianças, quando permitimos que sejam elas mesmas, podem ficar muito bravas com o amigo e cinco minutos depois estar brincando novamente, como se nada tivesse acontecido.

Quando meu filho tinha cerca de cinco anos, queria levar um brinquedo para fora de seu quarto, o qual devido a sua fragilidade estava proibido de sair de lá. Todavia, ele tentou. Com os braços para trás, o corpo inclinado e lançando olhares furtivos, ele se arrastou sorrrateiramente sob a vista da família inteira. Estava escrito na testa dele o que estava fazendo. Ele não sabia como trapacear! Mas dê-me um tempinho e eu o ensinarei sobre a sofisticada arte, de trapacear, a qual o adulto domina.

Nessa mesma época, ele estava interessado em truques de mágica, mas a própria execução do truque o iludia. Sempre descobríamos onde o item escondido estava - na mão “fechada”. Ele não sabia disfarçar.

A maioria de nós consegue lembrar-se de quando foi preciso

dar uma colher de xarope para o filho. Sua boca, firmemente fechada, constituía algo irredutível e insensível às nossas súplicas para abri-la. Então, dizíamos: “Olhe, é bom, está vendo? Eu tomarei um pouco primeiro para mostrar”. Dávamos uma bicada na bebida de gosto horrível, mas sorríamos como se fosse o manjar dos deuses. A criança, agora convencida, abria a boca e aprendia rapidamente que crescer significava mentir e enganar.

Se eu achasse que alguém que amo estivesse me trapaceando ou enganando de alguma forma, como isso me afetaria? Como minha relação com os outros poderia mudar ao saber que as pessoas não me enganariam? A trapaça não é compatível com a inocência, nem com o amor, nem com Jesus.

Eu gosto de contar histórias para crianças. Elas podem, com muita facilidade, mudar da descrença para a crença. Se eu contar a elas alguma coisa e disser que é verdade, elas a aceitarão como tal. As crianças aceitam as coisas com seu real valor. Ao que parece, essa é a maneira como Jesus quer que aceitemos o reino de Deus. E, antes de tudo e principalmente, uma questão de fé — nós escolhemos aceitar — antes que ele se torne parte de nossa lógica.

A. criança é inocente. Quando Jesus disse que deveríamos receber o reino como uma criança, ele estava se referindo às crianças que ainda não estavam sujeitas à lei. Somente após certa idade, uma criança era considerada responsável e sujeita às exigências dos mandamentos. Até este momento, ela era inocente. Para receber a graça e o perdão de Deus, como uma criança faria, é preciso entender que estamos agora em um estado de inocência. Como é difícil para eu aceitar o perdão de Deus dessa forma. Continuo a colocar diferentes regras e exigências tanto para mim como para os outros. Acho tão difícil aceitar o estado de como “se nunca houvesse pecado”. Fico tentando ganhar a aceitação e o perdão de Deus. Até que eu aceite esse perdão e inocência, pregarei aos outros por meio da culpa e de minhas necessidades,

Em vez de ser livre para voltar-me totalmente a eles, como também ser sensível às necessidades deles e servi-los.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto.
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...

De segunda mão



*O maior entre vocês deverá ser
como o mais jovem*

Os primogênitos sempre se dão melhor que os outros. Estatisticamente conseguem mais, chegam a posições mais altas, fazem mais pontos nos testes de Q.I., etc. Eles recebem mais atenção individual de seus pais do que os outros filhos. Delegam responsabilidades a eles mais cedo e, portanto, amadurecem com maior rapidez. Na verdade, o primogênito precisa de pouca ajuda externa. Ele já nasce feito.

O mesmo não acontece com o mais jovem. Primeiro ele tem que lidar com o problema de ter um irmão mais velho que provavelmente, de alguma forma, é arrogante, o que pode lhe trazer problemas pela vida afora. Muitas de suas coisas são de segunda mão, de um irmão que já não as quer ou não as necessita mais. O padrão pelo qual ele é julgado é geralmente o do irmão mais velho. A identidade do mais jovem está intimamente ligada à do irmão mais velho no sistema escolar: “Ah, sim, você é o irmão de fulano de tal”. Espera-se que ele se sobressaia nas mesmas áreas que seu irmão. Grande parte de sua vida torna-se uma odisseia para descobrir quem realmente ele é.

Ser o mais jovem não é, por natureza, uma posição de poder ou autoridade, nem diz respeito ao domínio. Tende a ser uma posição que espera o outros escolherem primeiro e aceita tudo o que lhe sobrar.

Quando Jesus usou a palavra *mais jovem*, ela tinha um significado mais forte do que hoje. O irmão mais jovem era, de maneira estereotipada, um rebelde — uma pessoa que não tinha nenhuma participação no *status quo*. Ele vivia submetido a um sistema opressor. Seu sucesso na vida dependia de sua capacidade e da misericórdia dos outros. A vida em geral e a tradição em particular não eram benéficas para ele. O primogênito recebia o direito de nascença e, em alguns, casos herdava todas as propriedades. Por que o mais jovem não deveria ser um rebelde? O poder estava todo do outro lado. Até mesmo um insignificante ato de autopreservação o transformaria em rebelde aos olhos dos “primogênitos”, que estavam no controle da situação.

Os primogênitos, em contrapartida, tinham total interesse em preservar o sistema existente. Eles, apenas pela ordem de nascimento, tinham assegurada sua posição futura. Para eles, o lema era: “Vamos proteger o *status quo*”. (“As coisas estão funcionando bem agora. Vamos mantê-las dessa maneira.”) Os primogênitos eram os governantes. As posições de autoridade vinham até eles. Para pôr na linguagem deste mundo em que vivemos, a posição deles era mais vantajosa.

Jesus, contudo, disse que devemos ser como os mais jovens — mesmo se formos os primogênitos. Qualquer poder ou vantagem que tivermos, se não for trabalhado como se fossemos o mais jovem, é uma violação da natureza de Jesus. Essa postura é uma declaração de guerra para o *status quo* dos sistemas de poder secular e da igreja.

Uma vez que, na lei e tradição judaica, o primogênito recebia uma parte extra da herança, Jesus, com a declaração para ser como o mais jovem, recomendava com insistência para não nos apegar

bens materiais. Jesus, com esse mandamento, de certa forma, enfraquecia o desejo de poder e a ganância.

Achava que tinha esse aspecto de minha vida, referente à ganância, sob controle, até que eu e minha esposa, em um verão, mudamos duas vezes de casa. Eu não podia acreditar na quantidade de caixas que enchemos. Muitas caixas eram simplesmente identificadas como “coisas”. Percebi, nessa época, que era um colecionador de coisas. Eu tinha coisas com mais de trinta anos. Tinha três peças de mobília que eu não conseguia identificar o que eram. Pareciam tão bons para se jogar fora... já estavam comigo há trinta anos.

Por que Jesus quer que viajemos sem bagagem? Porque assim não seríamos gananciosos e poderíamos ser mais flexíveis para ir aonde ele quisesse nos usar. Eu viajo muitos quilômetros por ano. Descobri que a alegria de minha jornada está diretamente relacionada ao tamanho de minha bagagem. Quanto mais bagagem, menor a alegria. Quanto menos bagagem, maior a alegria.

Portanto, ser como o filho mais jovem tem suas alegrias. Embora este estivesse em desvantagem e, talvez, fosse o mais pobre, se formos como eles, somos mais livres, como também aquele que veio salvar o mundo está em nosso time.

Recapitulação

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem

Educando para ser o último



*Se alguém quiser ser o primeiro,
será o último, e servo de todos*

O último — como essa realidade está no estilo de vida daquele que quer ser um servo! Mas como isso é distinto de nossa natureza humana.

Quando meus filhos eram pequenos, viajávamos juntos durante os verões em uma perua Volkswagen e acampávamos em barracas pelo caminho, em lugares onde eu tinha compromissos pastorais. Combinava muito bem negócios e laser. Após percorrer trezentos quilômetros ou mais, começávamos a ficar com os ossos cansados e escolhíamos um lugar para parar e descansar — ocasionalmente, um pequeno parque na redondeza. Vocês podem imaginar meus filhos pulando na perua, apostando corrida até o único balanço que havia no parque e, o tempo todo, gritando: “Eu sou o último, eu sou o último, eu sou o último”? Não se esforce muito para vislumbrar esse quadro, pois isso não aconteceu e não acontece. A natureza de nossa humanidade nos leva a querer ser o primeiro.

Essa é uma época competitiva, mas a competição não tem significado a menos que haja o melhor ou o primeiro lugar a ser ganho e um competidor a ser batido. E muito difícil competir

com alguém que escolhe ser o último, que recusa juntar-se à corrida para provar ser superior.

Quer queira ou não, ser o primeiro significa relegar posições inferiores a outros, minha superioridade existe em detrimento de alguém. Assim eu tenho uma escolha — serei egoísta ou amarei e servirei aos outros? Meu egoísmo é tão poderoso que farei todo o possível para provar que as Escrituras me permitem ser assim, que Deus apenas “escolhe” alguns de nós para arrebatá-los o anel de bronze. E quem sou eu para discutir com Deus? (Eu sempre me encontro em primeiro lugar na arte da racionalização.)

Rivalidade fraterna

Grande quantidade de hábitos, por parecerem bons em nossa sociedade secular, foi trazida para a igreja sem questionamento. A competição é um deles. Somos bombardeados, desde cedo em nossa vida, com o conceito de ganhar, chegar lá primeiro, conseguir o máximo, receber distinções. A escola fornece uma dose diária de espírito competitivo. Proporciona muita diversão para o que, de outra maneira, seria um período insuportavelmente longo. Isso é, sem dúvida, uma boa forma de motivação. Trabalhamos mais se houver uma boa dose de competitividade. Mas quais são as implicações da competição no corpo de Cristo?

Nenhum corpo pode sobreviver se suas partes competem entre si. Um corpo é projetado para ser saudável, mas isso depende de que cada parte esteja fazendo seu trabalho de forma totalmente cooperativa. A competição, devido a sua natureza, serve a si mesma — é o oposto do servo, da natureza servil de Jesus. Alguns atributos específicos da competição deverão comprovar nossa colocação.

Para a competição funcionar, deve haver um prêmio — tanto de valor material como de valor moral — como simples prova material da superioridade sobre os outros e de que se é o número um.

Primeiro, buscar um prêmio material como resultado por se fazer o trabalho de Deus é não compreender ou desobedecer às Escrituras: “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17).

Segundo, o desejo de ser superior aos outros é desobediência à ordem formal de se ser o último a fim de beneficiar outros. Procurar e alcançar uma posição acima de outros é alimentar o próprio orgulho. Sem o orgulho, a conquista para ser melhor que outros não tem significado.

Em consequência do valor do prêmio e de nossa trajetória em direção a ele, a competição tende a aumentar o logro. A competição, em vez de promover os melhores atributos, faz aflorar o materialismo e o orgulho.

Descobri que sou um mau vencedor. Quando ganho de alguém, regozijo-me. Não posso evitar, é natural em mim. Algumas vezes, em uma brincadeira “amigável”, eu o lembrarei do fato de tê-lo vencido. Posso me tornar bem chato.

Mas se sou um mau vencedor, sou um perdedor ainda pior. Depois de perder, reconsidero meu reservatório de racionalizações. Meus sentimentos de inveja e ressentimento escapam desenfreados em direção a qualquer pessoa que seja tão arrogante a ponto de me vencer. A partir do momento que perco, início uma fase de maquinação, na qual planejo o momento de empatar o placar. Um dia percebi que minhas atitudes tanto quando ganhava como quando perdia eram pouco cristãs.

Outro problema da competição é que ela só mede nossas ações menos significativas. Nunca se ganha um prêmio por espiritualidade ou fé ou amor, pois essas coisas não podem ser mensuradas. Ao invés disso, medimos ações físicas específicas como o número de visitantes trazidos para a escola dominical ou a maior quantia em dinheiro recolhida para as missões. O prêmio ofertado por essas ações, dá-nos uma boa indicação da motivação real das pessoas.

Qualquer concurso deve ter regras. Quem decide as regras? Alguém elabora uma série de regras, dependendo do tipo de resultado que se deseja. Essa é uma forma bem arbitrária de deixar nossas vidas serem guiadas.

Talvez o maior problema para a saúde do corpo de Cristo é que a competição cria muitos perdedores e poucos vencedores. Pertencer a Cristo é ser um vencedor no que se refere à eternidade. Qualquer atividade que não enalteça essa realidade, mas, ao contrário, reforce o sentimento humano comum de ser um perdedor não está dentro do padrão da natureza de Jesus.

As pessoas argumentam, com veemência, comigo que a competição é boa para o corpo, que o divertimento e a motivação fazem valer a pena. A única coisa que tenho percebido é que as pessoas acostumadas a vencer — aquelas que por razões de nascença, não escolha, foram abençoadas com corpos e mentes fortes e com boa coordenação — defendem, com fervor, a competição. Isso parece provar o caso todo para mim.

Acredito que a competição possa ser redimida. O primeiro passo seria desvalorizar o prêmio ou apenas dar a ele o valor apropriado em relação a ação (tal como a simples alegria de realizar a atividade ou de estar com amigos). O segundo passo seria escolher jogos em que a proeza atlética não tenha valor e todo mundo, a despeito da capacidade, esteja em pé de igualdade. C) terceiro passo seria criar situações que enfatizem o espírito de camaradagem mais do que o espírito competitivo. O quarto passo, como indica Paulo, em 1Coríntios 12.22-25, seria dar aos “membros que pensamos serem menos honrosos” tratamento “com especial honra”.

Um pequeno problema pode surgir, ao qual devemos estar atentos para resistir a ele. Não devemos dizer: “já que sou o maior, você será o primeiro. Eu serei o último”. Que absurdo! Não, se amamos os outros como Jesus o faz, nos regozijaríamos em vê-los alcançar e desfrutar da posição de ser o primeiro.

Nós mal notaríamos que em nosso esforço para ajudá-los, acabamos em último lugar. Esse é o resultado da sujeição totalmente direcionada aos outros.

A grande pergunta a ser considerada é: “O que aconteceria à igreja se tratássemos uns aos outros dessa maneira?”. Creio que essa sujeição adorável dentro do corpo de Cristo inspiraria os membros da igreja e cativaria os corações dos que buscam de tal forma que as massas viriam nos procurar. O amor é irresistível. Eu anseio para que o comentário das pessoas, ao redor do mundo, seja: “Nossa, como esses cristãos amam uns aos outros!”

O espírito de competição entre os discípulos, o desejo que tinham de ser um maior do que o outro, fez com que Jesus começasse a ensinar o oposto — as características do que é considerado maior no Reino. Se eu desejo viver de acordo com o padrão de Jesus, ele deve tocar toda minha vida, incluindo o orgulho inato que me leva a derrotar meus irmãos.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último

Um lugar na manjedoura



*Pois aquele que entre vocês for o menor,
este será o maior*

Que eu saiba, não há prêmios para aqueles que são menos importantes. Os menos importantes não estão lá pela glória oferecida. O desejo de ser o menos importante é possível apenas se estamos confortáveis conosco e com quem somos. Se nos for prejudicial perder o prestígio, então jamais escolheremos ser o menos importante. Se tivermos uma necessidade doentia de reconhecimento e de elogios por nossa realização, então, não iremos em direção do menos importante.

Líderes com necessidade desesperada de sucesso consideravam prêmios e honras uma maneira lucrativa de manipular seus seguidores. Nobres estadistas da igreja estão se comprometendo vergonhosamente pelo benefício potencial do reconhecimento.

Assim como a competição funciona somente devido à busca pela auto-exaltação, o fogo de nosso desejo por glória é abastecido por uma razão diferente da que motivou Jesus. Ele “esvaziou-se a si mesmo”. Nossas violações de sua natureza em relação às glórias e ao reconhecimento são tão óbvias, que escolhi apenas algumas para chamar sua atenção.

A sociedade em que vivo é voltada para as relações públicas

e para os comerciais. A página semanal da igreja local no jornal está repleta dos mesmos superlativos que Hollywood usa para apresentar seu produto. Na verdade, o justo seria essa ser a página menos lida do jornal! A divulgação de atividades da igreja, privada ou corporativa, enumera conquistas e glórias da mesma maneira que o mundo o faz. Ouvir as apresentações feitas em convenções e festivais cristãos é uma dolorosa experiência de demonstração de exaltação. A utilização por parte de faculdades cristãs do recurso de se conceder honras honorárias por arrecadar doações ou em troca de algum outro tipo de benefício, é um escândalo. Alguns projetos de distinção acadêmica são planejados para tirar proveito da vaidade e vender livros para o homenageado. Alguns profissionais de relações públicas de certas denominações têm como tarefa fazer com que a alta hierarquia de sua igreja ganhe honrarias públicas. Para minha desonra, trabalhei intimamente com outras pessoas em esquemas de concessão de honrarias, em que devíamos manipular essa fraqueza humana e fazer com que os “honrados” agissem de acordo com nossos objetivos.

Há uma pergunta, que é perigoso deixar sem resposta: Como podemos ignorar os avisos das Escrituras e continuar a usar as honrarias para manipular as pessoas e ainda proclamá-las?

O ensinamento de Jesus sobre o que fazemos para os outros verem é muito claro:

Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial. Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa (Mt 6.1,2).

Jesus nos convida a dar sem alarde, e algumas sentenças

depois, a orar sem alarde para que o Pai fique livre para nos recompensar abertamente. Contudo, devemos deixar que o Pai negocie a recompensa, não os homens. Uma vez que somos parte de um sistema que exalta o glorificar-se a si mesmo, não conseguimos racionalizar que a glória vem do Pai, pois é o sistema que nos glorifica e não nós a nós mesmos. Paulo traça, com firmeza, a linha demarcatória em 2Coríntios 10.17,18: “Contudo, ‘quem se gloriar, glorie-se no Senhor’, pois não é aprovado quem a si mesmo se recomenda, mas aquele a quem o Senhor recomenda”.

Dois exemplos nos quais Jesus aparentemente estava dando uma recomendação, não fornecem razões adequadas para nossos sistemas de recomendação. Lucas 2.52 diz: “Jesus ia crescendo [...] diante [...] dos homens”. Contudo, essas pessoas diante das quais ele crescia foram as mesmas que mais tarde zombariam dele e o rejeitariam, fazendo Jesus declarar que um profeta não está sem honra a não ser em seu próprio país. Esse fato é retratado em Mateus 21, na passagem referente à entrada triunfal em que a multidão que o glorificava com palmas e ‘hosanas’, mais tarde pediu por sua crucificação. Não importa a maneira como são alcançadas, as glórias dos homens são vazias e volúveis. O único prêmio que nos legitima em sua busca é “o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.14). Este “chamado celestial” é o chamado para a sujeição.

Quando o hotel está lotado

Não é que ser o *menor* seja o porão no qual a ralé indolente, inadequada e apática encontra-se recolhida. Na natureza de Jesus, ser o menor é uma escolha que você faz quando tem uma visão tão superior à dos outros que deseja fazer tudo o que puder para elevá-los, acabando, assim, em último lugar. E você nem percebe.

Poucas pessoas conseguem chegar ao topo neste mundo.

Algumas ficam contundidas; outras são desencorajadas. Mas mesmo se for possível, há tão pouco espaço no topo que mesmo os capazes e merecedores ficarão frustrados. O hotel, chamado fama e fortuna, está sempre lotado exatamente no momento em que você acha que conseguirá um lugar. Há tantos concorrentes para os melhores empregos e preços tão altos para as melhores casas — não há realmente espaço.

Mas existe um lugar onde o quarto adequado parece estar disponível. Esse lugar é chamado de manjedoura. É pequeno, sujo e habitado por animais, mas é o lugar onde o Filho de Deus, o maior no reino, o servo, nasceu. E parece haver espaço suficiente quando se trata de sujeição. Não há muita gente brigando para ficar na manjedoura. Se você realmente ama as pessoas e quer servi-las, sempre haverá espaço. Talvez não haja nenhuma glória ou prêmio humano, mas há muito espaço.

Quando ouviu do anjo que seria mãe do Messias, Maria entendeu sobre o orgulho e a humildade e talvez até sobre manjedouras. E Maria disse:

Minha alma engrandece ao Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador,
pois atentou para a humildade da sua serva.
De agora em diante, todas as gerações me chamarão
bem-aventurada, pois o Poderoso fez grandes coisas
em meu favor; santo é o seu nome.
A sua misericórdia estende-se aos que o temem,
de geração em geração.
Ele realizou poderosos feitos com seu braço;
dispersou os que são soberbos no mais íntimo do coração.
Derrubou governantes dos seus tronos,
mas exaltou os humildes.
Encheu de coisas boas os famintos,
mas despediu de mãos vazias os ricos.
Ajudou seu servo Israel, lembrando-se

da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre, como dissera aos nossos antepassados (Lc 1.46-55).

Assim, encontramos Jesus em lugares humildes — em manjedouras, entre os pobres, como servo, homem humilde, um exemplo a ser seguido, inocente como uma criança, como o mais jovem, como o último e o menos importante. E onde quer que ele esteja, será servo.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último
8. **O menor**

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.

h, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!

Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai
(Fp 2.5-11).

Adeus à violência



Cristo Jesus [...] não considerou que o ser igual a Deus era algo a que deveria apegar-se

Paulo investiga profundamente a pessoa e a natureza de Jesus em sua carta à igreja de Filipos. Ele usa algumas das descrições que Jesus mesmo usou em seus ensinamentos sobre o maior no reino. Mas também acrescentou uma nova percepção: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se” (Fp 2.5,6). Na interpretação mais simples desta passagem, constatamos que apesar de merecer a igualdade com Deus, Jesus não tentou tomar o reino à força.

Hoje, no mundo, grandes somas de dinheiro estão sendo gastas em armamentos, mas Jesus valorizava muito as pessoas para violá-las por meio do uso de força. Com certeza ele tinha o poder de convocar legiões de anjos para resgatá-lo da cruz e vingar-se da multidão que o havia maltratado. Mas não o fez.

Com certeza ele poderia ter vagado pelo campo, agarrando as pessoas pelo pescoço e ameaçando-as com a aniquilação cósmica se elas não o seguissem. Mas não o fez. Ele se recusa a fazer qualquer coisa que destruía ou inibia nossa capacidade de escolha

O amor trabalha dessa maneira. Mateus cita Isaías para mostrar a gentileza de Jesus:

Eis o meu servo, a quem escolhi, o meu amado, em quem tenho prazer. Porei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará justiça às nações. Não discutirá nem gritará; ninguém ouvirá sua voz nas ruas. Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante até que leve à vitória a justiça. Em seu nome as nações porão sua esperança (Mt 12.18-21).

Não temos uma expressão comparável para as referências caniço rachado e pavio fumegante. O significado mais próximo que conseguimos obter sobre o que ele está falando é: “Ele não chutará um homem que estiver caído e procurará uma fagulha de esperança nas pessoas para tentar transformá-las em chama”.

Quando fui escoteiro fazíamos fogo com pedras ou gravetos, esfregando-os. Pegávamos um punhado de material de fácil combustão, conhecido como mecha, e o colocávamos em um lugar onde as faíscas da pedra caíssem por sobre ele ou o calor dos gravetos desse início ao fogo.

Uma ação rápida logo provoca uma faísca que acende a mecha. Nunca vi ninguém olhar para uma simples faísca e extingui-la, reclamando todo o tempo que era somente uma faísca. Ao contrário, assoprariam a mecha, protegendo-a com as mãos, em um esforço de conseguir mais oxigênio e criar uma chama. Isso parece descrever muito bem a maneira como Jesus nos trata e é tão contrário à maneira como tratamos uns aos outros.

Por ser professor de faculdade, fui chamado para fazer uma avaliação de alunos. E o que menos gosto no magistério. De acordo com o sistema, se os alunos não atingissem, ao menos, 65% de meu gabarito, não seriam merecedores de permanecer em minha presença. Deveriam procurar outro curso.

Infelizmente, a classificação, consciente ou inconsciente, ocorre normalmente ao avaliar as pessoas. Se não corresponderem

aos nossos critérios de qualidade, não nos preocuparemos em dar-lhes outra oportunidade para ser nossos amigos. Na igreja, se alguém não conseguir viver de acordo com nossos dogmas de comportamento pelo menos 80% do tempo, então não teremos mais tempo para essa pessoa.

Como o convite gentil de Jesus é diferente dos discursos condenatórios, verbalizados ou não, que eu despejava sobre as pessoas cansadas e oprimidas: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11.28-30). Ele não nos extingue por existir apenas uma fagulha de esperança em nós. Não, ele gentilmente nos ergue e sopra o grande vento de Deus sobre nós até que seu fogo nos batize.

O fim justifica os meios?

Outro significado (adicional, não alternativo) em Filipenses 2.5,6, o qual fala que Jesus esvaziou-se a si mesmo, é que ele não era movido por egoísmo ou ambição cega. Quando os objetivos são os mais elevados e representam valores eternos, é difícil manter os métodos para alcançá-los em equilíbrio saudável. Todos nós ouvimos a pergunta: “O fim justifica os meios?”

Com certeza Jesus, que tinha o objetivo mais elevado, deveria ter a liberdade para usar quaisquer meios necessários para alcançar seu objetivo; contudo, ele se recusou ser conduzido às cegas. Qualquer um que trabalhe nas fileiras da indústria ou qualquer sistema econômico humano está familiarizado com os métodos criminosos usados pelos ambiciosos para galgar postos ou multiplicar ganhos. Essa conquista geralmente vem às custas de outros. Na igreja, também, as pessoas tornam-se instrumentos e degraus para os objetivos de outros, mesmo em relação a objetivos totalmente aceitáveis como a evangelização.

Maneiras de conquistar

Muito da evangelização tem a ver com o ato de devorar freneticamente a comida, atitude típica de tubarões esfaimados. Desferimos golpes a nossa volta e produzimos muito sangue, de tal modo que saciamos nossa fome por estatísticas. Existe um padrão de pensamento que diz: “O importante é fazer com que eles digam a oração dos pecadores. Não importa muito como conseguimos isso, o importante é que o façam. Não importa se eles entendem muito bem o que estão fazendo, o importante é que o façam”.

Consequentemente, usamos toda forma de abordagem para atingir os pecadores carentes de amor e nos relacionarmos com eles. Somos ensinados a abordá-los como um vendedor o faria, sem revelar nosso objetivo até o momento psicológico propício, e neste momento, quer haja, ou não, um convite para isso, passamos para a “conclusão”. Após cumprir o ritual, deixamos literatura apropriada e desaparecemos da vida da pessoa. Nós abandonamos nosso novo filho e esperamos que ele encontre seu caminho até a porta de alguém ou que alguém mais se lembre de visitá-lo.

No Novo Testamento, a única passagem relacionada ao atual chamado para o altar, ocorreu no dia de Pentecoste quando, após o sermão de Pedro, três mil pessoas aceitaram Cristo. A diferença significativa é que Pedro não emitiu o chamado, a multidão sim. Que diferença de hoje em dia! Quer o Espírito Santo comova as pessoas quer não, isso é imaterial — nós tentamos fazer tudo de nossa maneira e por nós mesmos. Os evangelizadores trocam segredos sobre a melhor maneira de, quando estão no altar, comover o maior número de pessoas. Por fazer parte da igreja durante toda minha vida, acho que estive sujeito a todas as formas de manipulação e me dói pensar nelas novamente, mas vamos examinar algumas.

Com frequência, eu ouvi encerramentos de sermões que eram totalmente desassociados da mensagem que acabara de ser dada. Muitas vezes, uma história, bem colocada, sobre uma pessoa em seu leito de morte, a qual pretendia apenas trazer à tona as emoções das pessoas, precedia o chamado para o altar.

Todos de cabeça inclinada, com os olhos fechados, ouvindo o órgão tocar suavemente — isso cria uma atmosfera irreal que pode destruir a capacidade das pessoas de fazer uma escolha verdadeira. Nessa atmosfera em que as emoções são induzidas, forças psicológicas, que não estão relacionadas à escolha a ser feita, podem se manifestar e confundir a questão da escolha.

Uma vez, quando estava apresentando as boas novas para uma pessoa e dando-lhe a oportunidade de tomar uma decisão sobre Cristo, ela me fez uma pergunta que me paralisou e me fez imaginar o tipo de ensinamento que ela havia tido. Essa pessoa perguntou-me: “Você ainda será meu amigo, se eu disser não?”.

A evangelização no estilo de Jesus nunca viola ou desrespeita a liberdade de alguém. Ele aumenta a capacidade das pessoas de fazer uma escolha, em vez de arrancá-la delas.

A evangelização no estilo de Jesus nunca usa meios ilusórios ou qualquer forma de desonestidade para realizar conversões. Deus é a verdade e a realidade. Qualquer método que necessite enganar uma pessoa ou que funcione apenas sob uma nuvem de mistério é uma violação do estilo de Jesus.

A evangelização no estilo de Jesus tem o próprio Jesus como foco, não qualquer doutrina ou estilo de igreja.

A evangelização no estilo de Jesus origina-se em nossas vidas e pede-nos para estar dispostos a nos revelar, mesmo aos pecadores.

Novamente, Jesus, que veio nos redimir e não nos usar, recusou-se a tirar proveito dos outros em seu calvário para a cruz. Ele facilmente poderia ter tirado proveito de um Zacarias

arrependido, ou de um rico jovem que estava em busca, ou da multidão que ele alimentou, os quais queriam coroá-lo rei. Mas Jesus, dedicado ao objetivo mais importante, era igualmente dedicado ao método mais importante. Ele era conduzido pelo amor e pela obediência, não pela ambição cega.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último
8. O menor
9. **Sem usar a força**
10. **Sem Ambição Cega**

Olá, eu sou o reverendo...



Cristo Jesus [...] esvaziou-se a si mesmo

Ele veio a ser servo, tornando-se semelhante aos homens; esvaziou-se a si mesmo — a grande *kenosis* (esvaziamento). Fez-se como aquele sem reputação, sem nenhuma posição reconhecida.

Eu me lembro de meu pai, balançando a cabeça e repetindo várias vezes para si mesmo: “Se ao menos eu soubesse o que isso significa. Há algo poderoso aqui. Se ao menos eu conseguisse entender”. Talvez seja essa a razão da Escritura ter se colado em minha mente e, dessa forma, importunar-me. A reputação é muito importante para mim. Eu quero ser visto com as pessoas certas, lembrado da maneira correta, ver meu nome anunciado com ortografia correta, morar na vizinhança certa, dirigir o tipo certo de carro, usar o tipo certo de roupas. Mas Jesus se fez sem reputação!

A construção de imagem é uma indústria significativa nos Estados Unidos. Candidatos à presidência e outras pessoas que necessitam de real indicação de apoio público, gastam milhões de dólares na simples construção da própria imagem. As empresas de publicidade gastam milhões só para informar que seus clientes estão circulando e para construir uma imagem confiável deles a despeito da qualidade do produto. Para os estado-unidenses, a imagem tem uma importância suprema.

A imagem ou a reputação é um simples meio para se ter controle sobre os outros ou de manipulá-los para nosso proveito. Muitas pessoas são culpadas por isso. Com certeza, nós, do clero, somos. Se me apresentasse a você dizendo: “Olá, eu sou o reverendo, sr. Gayle Dean Erwin”, eu o intimidaria de imediato. Você modificaria sua conduta, não blasfemaria, esconderia determinado material de leitura, tornar-se-ia irreal.

Ou, mesmo se eu não me apresentasse a você, o fato de eu usar terno escuro e camisa branca faria com que você pensasse de imediato que eu fosse um juiz, um agente funerário ou um pregador. O resultado seria o mesmo.

Ou eu poderia simplesmente falar com minha voz de púlpito, com tom de santuário e uma lágrima em cada palavra, você saberia de imediato que somente os pregadores falam desta maneira. Uma vez mais, eu o intimidaria.

Certa vez, no avião entre Los Angeles e Dallas, tive a oportunidade de compartilhar as boas novas com o dono de uma fábrica de eletrônicos. Quando ele estava próximo de aceitar o Senhor, ele parou e perguntou-me qual era minha profissão. Eu disse que era ministro da igreja. Seu cérebro começou a pensar, tentando lembrar o que ele havia dito para esse clérigo. Uma senhora sentada do meu outro lado, ouvindo que eu era um clérigo, gritou de alegria, dizendo que sempre quis encontrar um para poder fazer-lhe algumas perguntas. A seguir, perguntou-me algo como quantos anjos podem realmente sentar-se na cabeça de um alfinete. A partir deste momento, a conversa com o executivo tornou-se “formal”. O peso dessa imagem irreal, que ajudamos a construir, caiu sobre mim.

Ainda me admiro de livros que li, escritos por grandes homens, que me recomendavam com insistência que deveria, como ministro, manter uma imagem profissional. Aconselhavam-me a não deixar meu povo aproximar-se de mim, verme com o cabelo desarrumado ou chamar-me pelo meu nome de batismo.

Os livros afirmam que é necessário ensinar-lhes a respeitar o ofício de pastor e honrá-lo como profissão. Talvez esse seja o motivo de eu ter encontrado tantos pastores solitários e frustrados em minhas viagens. Mas Deus não nos designou para viver dessa maneira. E, de acordo com Lucas, Jesus tampouco viveu dessa maneira: “Todos os publicanos e ‘pecadores’ estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: ‘Este homem recebe pecadores e come com eles’” (Lc 15.1,2).

Jesus continuou a fazer coisas em detrimento de sua reputação. Ele não se importava com quem era visto. Uma ex-prostituta era companhia constante de seu grupo. Ele faria o que fosse necessário para ir ao encontro do que melhor e mais interessante fosse para o indivíduo, a despeito do custo para si mesmo:

Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa. Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma ‘pecadora’, trouxe um frasco de alabastro com perfume, e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou- os e os ungiu com o perfume. Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma ‘pecadora’” (Lc 7.36-39).

Um bom fariseu jamais teria deixado uma mulher sequer tocá-lo em público, especialmente uma como essa. Mas, nesta cena, uma mulher com reputação maculada começa a acariciar os pés de Jesus da única maneira que lhe fora ensinada. Jesus, ao invés de censurá-la, condena o julgamento do fariseu e honra essa penitente mulher, que beijara seus pés desde o momento de sua chegada.

Um amigo meu mora em uma grande cidade do exterior onde a prostituição é legal e as mulheres exibem-se em salas para que os

clientes possam escolher as que desejam. Ele é um pastor respeitado, que recebeu de Deus como fardo a situação angustiosa dessas mulheres. Ele percebeu que ninguém se importava com elas. Qualquer um que poderia tê-las ajudado evitava passar pelo local onde elas estavam para não macular sua reputação. Ele começou a entrar nessas casas e a conversar com as mulheres. No começo tentaram usar de erotismo, mas logo perceberam que ele não queria tirar proveito do corpo delas e começaram a conversar com ele sobre Cristo e a realidade da vida. Esse pastor arriscou sua reputação e imagem em favor desse fardo de amor. Creio que Jesus fez o mesmo.

Se não sou nada mais que um peregrino e estrangeiro neste mundo, não preciso agarrar-me a nada que garanta meu sucesso, minha reputação e minhas posses.

As posses são nove décimos...

Paulo, em 2Coríntios 8.9, nos dá uma visão mais profunda, na qual demonstra a importância que tinha para Jesus o tornar-se um nada: “Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos”.

Quer interpretemos isso como ser pobre espiritual quer como ser pobre financeiramente, o resultado é uma enorme sacudida em nossa natureza. Após adquirir uma nova percepção da natureza de Jesus, posso começar a entender por que ele disse: “E mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19.24). Ter riqueza material é provavelmente o maior impedimento para se crescer conforme a natureza de Jesus e seu estilo de vida. Um homem rico tem que abdicar de muitas coisas.

Quando Jesus conversou com um jovem e rico governante, o qual se esforçou honestamente para viver e pensar de maneira correta, e ele reconheceu que estava possuído por suas riquezas, as

instruções finais de Jesus foram: “Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres”.

Fico fascinado pelas inúmeras pessoas (inclusive, eu) que racionalizam o desejo de ser rico, afirmando que desejariam ser ricos para poder ajudar às pessoas financeiramente. Entretanto, eles não se dedicam a nenhuma atividade que indique o mínimo desejo de servir às pessoas.

Ah, sim, Jesus conhecia o coração dos homens e sabia como melhor resistir à tentação. Suas instruções não eram: “Vá e venda o que você tem e dê para Deus por intermédio de minha organização”. Nem: “Mostre seu amor e devoção, vendendo o que tem e dando o resultado da venda para mim, o Senhor”.

O jovem e rico governante parecia fazer tudo o mais de maneira correta. Talvez, cumprir as instruções de Jesus fosse o único passo que lhe faltava para ser capaz de se tornar um amante das pessoas. Contudo, aparentemente Jesus não disse para todos seus amigos ricos que eles deviam vender tudo e dar aos pobres, como fez com o jovem e rico governante. File tem um senso aguçado de onde está nosso tesouro e nosso coração.

Jesus, apesar do forte impacto que causou, não recuou daquilo que ele tinha a dizer sobre riqueza, muito embora não fosse sempre compreendido pelos discípulos e não fosse particularmente apreciado pelos fariseus. Estes últimos achavam que suas posses indicavam que Deus estava contente com eles e que a pobreza era um sinal do descontentamento de Deus. Jesus consistentemente reverteu o sistema de valores do mundo:

Os fariseus, que amavam o dinheiro, ouviam tudo isso e zombavam de Jesus. Ele lhes disse: “Vocês são os que se justificam a si mesmos aos olhos dos homens, mas Deus conhece o coração de vocês. Aquilo que tem muito valor entre os homens é detestável aos olhos de Deus (Lc 16.14,15).

Os valores dos homens: a abominação de Deus. Que acusação ao nosso sistema!

A natureza de Jesus, contudo, opõe-se à natureza caída do homem, mas também a redime. Jesus nos fez ver a real prioridade de valores na seguinte conversa:

“Mestre, sabemos que falas e ensinas o que é correto, e que não mostras parcialidade, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. II certo pagar imposto a César ou não?” Ele percebeu a astúcia deles e lhes disse: “Mostrem-me um denário. De quem é a imagem e a inscrição que há nele?” “De César”, responderam eles. Ele lhes disse: “Portanto, dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Lc 20.21-25).

O dinheiro fica sob o domínio de César, quer esteja quer não escrito na moeda: “Em Deus confiamos”. Isto é matéria deste mundo — o símbolo em torno do qual nossa ganância se reúne.

Hoje em dia, o desejo por “mais” tem levado pais a ter vários empregos para prover suas famílias com os mais altos padrões de vida. Nesta trajetória, privam seus filhos do bem mais precioso — eles mesmos. Eu rezo por uma nova geração que aceitará um padrão de vida mais baixo para se dedicar a suas famílias e aos outros.

As pessoas são o reino de Deus. Sua marca está em nós. Ele nos criou a sua imagem e somos dele. Ele não se fez pobre para criar um *show* dramático e, dessa maneira, impressionar o mundo ou para simplesmente provar a ele mesmo que podia fazê-lo. Não, ele se fez pobre para nosso benefício — para que por meio de sua pobreza pudéssemos ser ricos.

Construindo estábulos maiores

É fácil não enxergar as reais prioridades em decisões práticas da vida. Por exemplo, veja as escolhas que devemos fazer em relação às construções de igreja. As instalações das igrejas, como as conhecemos hoje, não existiam nos primórdios da igreja e certamente não foram ordenadas por Jesus. Tornaram-se

compatíveis com a natureza de Jesus apenas por esforço e conhecimento diligente.

Quando escolhemos a localização geográfica de uma igreja, tomamos uma decisão sociológica - que camada social se sentirá à vontade para vir a ela. Quando decidimos sobre o estilo arquitetônico, tomamos outra decisão sociológica - quem se sentirá à vontade dentro dela. Cada escolha reduz o número de pessoas. Ao escolher a liturgia que usaremos, tomamos mais uma decisão sociológica - quem irá tomar parte do culto religioso conosco. Nossa escolha sobre o estilo de roupa, material de leitura e normas e regulamentos limitam ainda mais o número de pessoas que virá ao culto. Toda a abordagem de Jesus parece ser para remover tais limites. Ele abria os braços para os fracos e oprimidos. Qualquer coisa que façamos que feche as portas para tal grupo está fora de compasso com a natureza de Jesus.

Uma das abominações mais poderosas, que penetram furtivamente em nosso processo de decisão referente às instalações da igreja, está na declaração: "Jesus merece o melhor". Eu concordo, ele merece o melhor, mas o problema é que não temos a menor ideia do que seja o melhor até que entendamos totalmente e persigamos a natureza de Jesus. De outra forma tentaremos impingir opulência material a ele, que evitava exatamente glorificar a si mesmo. Acho que o que estamos dizendo é: "Nós merecemos o melhor".

Como pervertemos o evangelho a ponto de comprometer a maior parte da receita da igreja com as instalações em vez de com as pessoas? O mundo se levanta e grita: "Egoístas!". Se realmente somos peregrinos de passagem por este mundo, que propósito há em gastar tanto tempo, energia e recursos em um edifício enquanto as necessidades do povo permanecem sem ser tratadas?

Se fôssemos trancados em um edifício, precisaríamos questionar alguns aspectos. Ele nos capacitará a ser melhores servos? Fará com que sejamos os senhores absolutos? Que

exemplo daríamos por estar neste edifício? Podemos ser humildes aqui? Podemos ser como uma criança neste edifício? Este edifício é produto de nossa ambição? Se tivéssemos que pagar individualmente por ele, nós o faríamos? As pessoas achariam que fizemos de nós mesmos pessoas sem nenhuma reputação por estar neste edifício? Morreríamos por este edifício ou ele é pode ser sacrificado? O que faríamos para impedir que as pessoas estraguem este edifício? Vamos deixá-los sujar o carpete? Vamos permitir pés descalços aqui? Esses pés descalços estariam confortáveis aqui? Existe qualquer acessório que honre a memória de outras pessoas, além da memória de Cristo? Existem bancos ou áreas que são “entendidos”⁷ como sendo reservados para certas pessoas? De que maneira podemos perceber a diferença entre o rico e o pobre neste edifício?

Se nós devemos ter edifícios, devemos acabar com os projetos teatrais, tão característicos dos últimos séculos, nos quais o desempenho no “palco” era a coisa mais importante e em que todos os assentos eram voltados para a direção do “palco”. Vamos projetar edifícios que intensifiquem a interação com o corpo de Jesus, dando-nos a chance de cumprir o chamado para amar uns aos outros. Vamos deixar que todos saibam que a congregação está onde a ação está e que Deus, não nossa estrutura, é o centro da louvação. Vamos pular a página do jornal de sábado, que nos dá informações sobre os espetáculos em cartaz, em nosso esforço para atrair peixes de outro aquário.

Quaisquer que sejam nossos edifícios, vamos utilizá-los completamente, sete dias por semana, a fim de ser bons administradores. E o que quer que construamos, devemos nos apegar pouco a isso, conscientes de que as coisas que podem ser abaladas serão abaladas, pois apenas o permanente restará.

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último
8. O menor
9. Sem usar a força
10. Sem ambição cega
11. **Sem reputação**

Pés no chão



Vindo a ser servo, tomando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana

Certa vez, um administrador da igreja, do alto escalão, expressou seu temor de que eu estivesse descrevendo Jesus em termos muito humanos. Ide sentia que eu estava perigosamente perto do humanismo. Pouco provável. O humanismo não reconhece nenhuma divindade a não ser a espécie humana. Mas Jesus é totalmente Deus e totalmente homem. Se Jesus fosse totalmente homem, então seria como eu, um homem com as mesmas paixões e tentações que eu tenho.

A epístola aos Hebreus nos revela que: “Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado” (Hb 4.15).

Tentado de todas as formas, assim como eu? O Filho de Deus? É um pouco difícil de acreditar, mas é verdade. Ocasionalmente, eu acredito ter tentações originais — as que Jesus jamais poderia ter enfrentado, mas ele as enfrentou.

Tiago escreve que: “Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido” (Tg 1.14).

Isso significa que a estrutura de desejos ardentes de Jesus era

igual à minha? Aparentemente sim, pois essa é a fonte da tentação, quando somos dissuadidos de nossa luxúria. Ainda que não tenha pecado. Isso me encoraja, pois embora fosse igual a mim, foi perfeitamente capaz de obedecer a seu Pai e agora partilha comigo essa capacidade, assim como sua pureza. Totalmente humano — suado, cheirando mal, banhando-se, fazendo necessidades fisiológicas. Inteiramente humano e inteiramente Deus.

Isso me liberta para ser humilde, possuir minha humanidade, não tentar esconder isso na presença de amigos, não tentar colocar uma máscara de espiritualidade, aprender a ser honesto sobre mim mesmo, ser livre para perdoar e ser perdoado.

Viver sem pesos

Não há nada mais normal do que pagar contas. A maioria de nós jamais escapa desse fardo embora desejássemos nos ver livres delas. Da mesma forma, por volta dos trinta anos de idade, somos capazes de relacionar uma longa lista de coisas que desejaríamos não ter dito ou feito — transgressões contra outros pelos quais carregamos um fardo de culpa. E também por volta dos trinta anos, somos capazes de listar as injustiças que sofremos cujas lembranças despertam nossa ira, acrescentando amargura ao nosso fardo.

O fardo do débito, das transgressões e da amargura são pesos que destroem nossa paz e nosso relacionamento com os outros — pesos que só podem ser removidos por meio do perdão. A sujeição sabe que a amargura incapacita o escravo e o torna inútil, e a sujeição quer a liberdade que vem deste perdão para todos. Jesus escolheu o perdão como a característica mais importante daqueles que o seguiam:

Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: “Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?”

Jesus respondeu: “Eu lhes digo: Não até sete, mas até setenta vezes sete” (Mt 18.21,22).

Normalmente, consigo perdoar três vezes, embora fique mais cuidadoso após a primeira vez que assim faço. Mas Jesus quer que eu me identifique com o irmão lutador que deseja mudar e nem sempre consegue. Jesus quer que eu o ensine como perdoar, sendo perdoado, assim como ele ensinou aos discípulos dizendo: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lc 23.34).

E como se Jesus, a despeito das terríveis cicatrizes e profundas feridas que lhe causamos, conspirasse com o Pai para ficar quites conosco, dizendo: “Vamos dar-lhes uma lição. Vamos perdoá-los”. Que Deus me ajude a amar o pecador em seu pecado e que ele saiba disso! O pecado é uma distorção de nossa natureza que foi criada em nós. O perdão tem um poder incrível de corrigir tal distorção.

O perdão também é uma maneira de encurtar a distância entre as pessoas, trazendo-nos perto o bastante para nos tocar e nos abraçar — ações importantes para manter a sujeição. O perdão também nos liberta de ser vítimas, pois ninguém pode controlar nossa vida se os perdoamos.

O amor envolto em pele

Poucas coisas demonstram aceitação e calor humano como o toque. Até uma criança conhece seu valor. Uma noite, uma mãe entrou no quarto de sua filha mais nova para confortá-la em meio a uma tempestade. A mãe disse: “Não se preocupe, Jesus está aqui e protegerá você”. A menina retrucou: “Está bem, você dorme aqui com Jesus, e eu vou dormir com o papai!”. A criança queria o toque!

Parece muito oportuno que a encarnação nos trouxesse um rei servil que nos tocasse e nos deixasse tocá-lo. As Escrituras estão repletas de referências nesse sentido. Pelo fato de seu amor

pela espécie humana ser tão completo, até os leprosos, os intocáveis, sentiram o aconchego de suas mãos. As crianças, os animais, o chão que ele criou todos receberam os benefícios de seu toque. Não é de admirar que no Novo Testamento tantos expressem uma intimidade recíproca, que necessita de toque. Não é de admirar que o toque do lava-pés tenha sido um requisito para o relacionamento entre Jesus e Pedro. Não é de admirar que o toque (até mesmo da borda da veste) proporcionava a cura. Não é de admirar, portanto, que a ordenação de ministros exija a “imposição de mãos”. Não é de admirar que dons e direito hereditários eram passados de um para outro pela imposição de mãos. Não é de admirar que a epístola de Hebreus considerava essencial a doutrina da imposição de mãos.

Jesus, enquanto esteve na Terra, foi amor envolto em pele! E mesmo agora, a saga da encarnação continua quando Jesus intercede por nós diante do Pai. O livro de Hebreus lembra-nos que ele ainda é tocado pelo sentimento de nossas enfermidades (4.15).

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último
8. O menor
9. Sem usar a força
10. Sem ambição cega
11. Sem reputação
12. **Ser humano**

Tal Pai, tal Filho



Humilhou-se a si mesmo e foi obediente

A obediência sempre teve um significado distorcido em minha mente. Para mim, representava um chefe inoportuno, uma demanda que você faz, embora não a queria nem ache correto fazê-la, mas é obrigado a fazer por alguém maior e mais forte do que você. Isso não parece ser o significado de obediência na vida de Cristo. Qual é a diferença?

A obediência era um prazer para ele, pois ia ao encontro da natureza original, a natureza feita “à imagem de Deus”, que Adão e Eva poluíram com suas escolhas. A marca especial da vida de Jesus foi a total obediência a seu Pai: “Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz. Pois o Pai ama ao Filho e lhe mostra tudo o que faz” (Jo 5.19,20).

Pelo fato de Jesus revelar a natureza de Deus, então devemos presumir que as características discutidas nessas passagens descrevem o Deus de toda a criação. Deus e seu Filho são servos, exemplos, humildes, como uma criança, como o mais jovem, o último, o menor, sem usar a força, esvaziando-se. Essas características que falam totalmente de amor eram princípios

orientadores, até mandamentos, para a vida de Jesus. Ele foi completamente fiel a elas.

Jesus foi obediente a esse amor servil de homem mesmo no Getsêmani, quando o preço a ser pago aumentava astronômicamente. No momento mais crucial, ele escolheu a ação que nos demonstraria com mais amor a realidade do Pai.

No meu próprio egoísmo, geralmente falho nesse exato ponto — minha capacidade de fazer escolhas sempre amando aos outros. Mas Jesus conhecia o segredo da obediência que produz a alegria. Em Mateus ele dá a seus discípulos o que pode ser o segredo mais resumido de Deus, o átomo a partir do qual tudo mais fora construído:

Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará (Mt 16.24,25).

Se eu pudesse por em prática esse princípio por completo em minha vida, todos os outros princípios discutidos aqui se encaixariam no lugar certo. Essa é a essência da forma como Deus opera, a essência do que mantém o universo unido, meu corpo andando, o corpo de Cristo funcionando; portanto, ativá-lo na minha vida, revela-me o poder de Deus mais do que qualquer outra coisa. De forma alguma é misterioso ou mítico. “Perder minha vida” não tem o apelo que outros versículos têm, portanto eu facilmente o negligencio.

Trabalhar com o princípio de renunciar a mim mesmo proporcionou-me resultados maiores no aconselhamento do que qualquer outro princípio. Alterou toda minha vida de maneira drástica. Todas as forças egocêntricas que criam as anormalidades e os sofrimentos na vida vão por água abaixo, quando entro em contato com Deus — a vida, o átomo que me conduz a agir com amor em relação aos outros.

Os dons carismáticos, em tomo dos quais há tanto entusiasmo, estão sujeitos a esse princípio. Nenhum deles deve ser usado com propósitos de busca pessoal, mas apenas para a edificação do corpo. As dádivas ministeriais devem ser usadas para equipar os outros. Qualquer ato que não beneficie o outro é desobediência e prejuízo para o corpo.

Nossa devoção foi contaminada, como também muitas de nossas exigências de santidade, as quais se tornaram puramente pessoais e têm pouco que ver com o modo como nos relacionamos com as outras pessoas.

Em uma festividade cristã, após uma palestra que fizera à tarde, tive uma conversa com dois casais, um dos quais era budista. Durante a conversa, o homem cristão acendeu um cigarro, depois se desculpou dizendo que queria parar de fumar, porque isto maculava seu testemunho.

A mulher budista fez uma declaração que continua a mexer comigo. Ela disse: “Quando algum de nós torna-se cristão, nós, não-cristãos, não o observamos para verificar seu desempenho com relação ao padrão de piedade auto-imposto. Nós os observamos para ver como eles começam a tratar as pessoas”. Senti como se já houvesse ouvido a palavra do Senhor por ela. Os fariseus poderiam acusar Jesus de ser um glutão e um bebedor de vinho, mas não poderiam acusá-lo de não amar as pessoas. Ele conseguiu. Ele foi obediente ao Pai.

Um estranho lema

O poder pela obediência ao Pai veio a Jesus pela unção do Espírito que vem do Pai. A unção, contudo, não é sempre bem entendida. No passado, segundo ouvi, os pastores utilizavam um estranho lema. Quando um ministro sentia que ele tinha a unção, os resultados físicos eram imediatos. O volume da voz subia. A movimentação no púlpito aumentava. De maneira semelhante, quando uma congregação falava de um pregador ungido, isso não

respeito ao que ele estava dizendo; ao contrário, era uma forma de descrever seu estilo de pregação.

Mas veremos o que a unção fez a Jesus. Primeiro, ele é conduzido ao deserto pelo Espírito onde, enquanto jejuava, sofre grande tentação do demônio. Lá ele vê a força das coisas que nos fazem cair. Ele percebe pelo que passamos e descobre o quanto somos insignificantes. Depois, com a batalha ganha, vai a sinagoga onde recebe um rolo de pergaminho de Isaías e o lê:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor (Lc 4.18,19).

Foi isso que a unção fez a Jesus. Fez com que ele cumprisse sua natureza — ser obediente.

A unção sagrada, diferente da unção social ou medicinal, tem um significado específico — dedicar a Deus, separar-se para um propósito específico e habilitar-se para esse propósito. A palavra Messias, ou Cristo, significa “o ungido”. Em outras palavras, Jesus foi totalmente dedicado, separado e habilitado, não por um aumento no volume da voz ou gestos de eloquência, mas por aquilo que fez: anunciar as boas novas, proclamar a liberdade, dar visão e libertar. Isto é o que a unção deve produzir em mim se eu seguir os passos dele.

Junto com o que a unção o levou a fazer, perceba a clientela para a qual ele foi enviado: os pobres, os prisioneiros, os cegos, os oprimidos — dificilmente estes poderiam ser considerados um tipo de companhia atraente. Nenhuma dessas pessoas seria capaz de pagar por seus serviços de maneira apropriada. Eles podiam apenas receber. A obediência pensa mais sobre o dar do que o receber.

Portanto, ao ungir Jesus, o trabalho do Espírito Santo foi totalmente consistente com a natureza de Jesus e de seu Pai —

resultou em dedicação e obediência, em dar-se totalmente aos outros e em servi-los. A unção fará menos por mim?

Recapitulação:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último
8. O menor
9. Sem usar a força
10. Sem ambição cega
11. Sem reputação
12. Ser humano
13. **Obediência**

Pastores não correm



Humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.13). Esse foi o teste de amor definitivo. Será que eu quero ir tão longe em meu sacrifício? É importante percebermos que Jesus não foi coagido a nada disso. O amor é sempre uma escolha. Ninguém jamais é forçado a amar. Ser escravizado é uma coisa, mas escolher servir — isso é amor. Portanto, até mesmo o passo para morte foi uma escolha que Jesus fez com amor.

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. O assalariado não é o pastor a quem as ovelhas pertencem. Assim, quando vê que o lobo vem, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo ataca o rebanho e o dispersa. Ele foge porque é assalariado e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la.

Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai (Jo 10.11 18).

O poder para tamanha doação de si mesmo só pode ser alcançado se soubermos como é o Pai e se escutarmos a sua voz. Assim, é de suma importância que seu rebanho ouça sua voz, saiba que tipo de sons o Pai faz, ouça o chamado da natureza servil, entenda que obediência a ele significa nunca violar os outros, mas dispor-se a servir. Jesus sabia que a morte não era o fim de tudo — apenas o começo de todo um novo mundo.

Uma vez que a maioria das pessoas que lerá este livro vive em culturas que oferecem pouca ameaça à vida dos cristãos, devemos, portanto, fazer-nos as seguintes perguntas básicas:

Pelo que estou disposto a morrer? Um lugar ou lugares? Uma coisa ou coisas? Uma crença ou um conjunto de crenças? Um indivíduo ou um povo? Onde devo me colocar para dizer: “Aqui estou, que Deus me ajude, mesmo se isto custar minha vida”? Nossa resposta a essa questão definitiva determina a profundidade de nossa sujeição.

Recapitulação'.

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança...
6. Como o mais jovem
7. O último
8. O menor
9. Sem usar a força
10. Sem ambição cega
11. Sem reputação
12. Ser humano
13. Obediência
14. **Doar sua vida!**

Descobertas felizes feitas por acaso



Por isso Deus o exaltou

Examinar a natureza de Jesus, como estamos fazendo, deixa meu eu natural um pouco assustado. Nenhuma das características do homem Jesus foi útil para conquistar o mundo, no entanto Jesus nos deixou o mandamento de fazer discípulos em todas as nações. Como podemos tornar seu nome conhecido sem usar poder, influência ou dinheiro? Como um sistema nada voltado para o ser servil pode realizar esta tarefa?

Aqui, Deus revela as linhas básicas desta lista de características de Jesus. Ele deixa-nos saber em que seu interesse repousa. Na passagem de Filipenses 2, Paulo fornece os resultados obtidos quando se vive conforme a natureza de Jesus, a natureza de obediência ao Pai:

Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Fp 2.9 11).'

Agora percebo claramente. Se vivermos de acordo com a conduta de Deus, obteremos os resultados de Deus. Não podemos vencer o mundo com nossa própria força, portanto

devemos nos aproximar de Deus de uma forma que ele possa usar seu poder em nosso benefício.

Nos círculos religiosos, já vi pessoas ser bem sucedidas, embora não seguissem muito o estilo de Jesus. Isso me deixava perturbado, até que pude ver esse fenômeno sob outra perspectiva. O sucesso deles era pequeno comparado ao que poderia ser. Podemos ser bem sucedidos por nossa conta, mas o sucesso será restrito aos limites de nossa capacidade humana e jamais terminaremos por completo o trabalho deixado para nós. Mas quando vivemos conforme o estilo de Jesus, nosso sucesso será limitado apenas pelo propósito de Deus.

“Viver para dar” jamais se encaixa à lógica mundana, mas serve à fé e, inquestionavelmente, exige que confiemos nele. Mas ele é fiel e promete cumprir sua parte no trato. Ele nos diz: “Já não os chamo servos, porque o servo não sabe o que o Senhor faz. Em vez disso, eu os tenho chamado amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu lhes tornei conhecido” (Jo 15.15).

Este é o resultado glorioso. Agora sabemos como orar. Agora sabemos como amar. Agora conhecemos a fonte do poder. Agora sabemos como usar o poder.

O detentor do poder



Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder

Estava assistindo a um programa de televisão, em que os candidatos a um determinado título de fisiculturismo estavam sendo entrevistados. À medida que entravam no palco, os músculos ondulavam sob a pele besuntada de óleo, da mesma maneira como tantos animais pequenos competem uns com os outros. O show de força foi impressionante. Quando o apresentador lhes perguntou o que faziam com toda aquela força, a resposta foi apenas algumas poses a fim de mostrar novamente a forma de seus músculos. Quanto mais o apresentador insistia na questão, mais poses os candidatos faziam. O que você faz quando tem todo esse poder?

Durante o último quarto do século, o super-homem fez parte da cultura americana. Embora começasse como uma revistinha de histórias em quadrinho e depois passasse a ser uma série de televisão, suas aventuras agora fazem parte de uma série de filmes caros. Somos arrebatados pela ideia de ser mais rápidos do que uma bala, mais poderosos do que uma locomotiva e capazes de transpor altos edifícios com um único salto. Amamos o poder, e o Super-homem cabe perfeitamente em nossas fantasias mais

profundas. Mas o que você faz com todo esse poder?

O que Jesus faz? Em João 13, Jesus sabia que o tempo havia chegado. Ele se prepara para mostrar aos discípulos “a dimensão total de seu amor”. Jesus tinha plena consciência que viera de Deus e voltaria para Deus, como sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder. O que devemos esperar agora? Fogos de artifício? Um show impressionante de poder em estado bruto?

Imagine Jesus, os bíceps formando uma saliência sob uma veste sem costuras com um manto esvoaçante, recostado no jantar com seus discípulos. As forças do mal que se acumularam por meses estão prestes a matá-lo, mas você não deve se preocupar, pois todo o poder do mundo percorre seu corpo. Ele se levanta — esse homem cercado pelas forças esmagadoras do mal — caminha até os discípulos e com todo esse poder incrível... começa a fazer o que? “Levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura. Depois disso, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés de seus discípulos...” (Jo 13.4). Isso foi o que ele fez com o poder: lavou pés!

Não temos nenhum costume para comparar com o lava pés. O lava pés era um ato hospitaleiro, sempre realizado por um escravo ou pelo chefe da casa, se ele fosse muito pobre para ter um escravo. Era uma tarefa servil, que pessoas importantes jamais realizavam, pois representava uma perda de *status*. Equivaleria ao presidente dos Estados Unidos limpando os banheiros da Casa Branca, ou a um rei varrendo ruas.

Uma pessoa não faria tal tarefa servil, arriscando-se a perder seu *status*, a menos que estivesse completamente confortável com sua própria identidade. Jesus sabia quem era e, consequentemente, não tinha de provar nada. Ele podia realizar a tarefa mais servil.

Se fosse comigo, eu teria segurado um pé ligeiramente elevado

para que todos os discípulos vissem e tossiria nervosamente, sinalizando que algo importante não havia sido feito. Teria sido indigno de mim, fazer tal trabalho.

Pedro reconheceu que esse comportamento era indigno da grandeza de Jesus. Não se sentindo capaz de receber tal presente, disse a Jesus que não permitiria que seus pés fossem lavados. A resposta de Jesus tem grande importância sobre nossa relação com ele e vice-versa, como também revela muito sobre sua natureza: “Se eu não os lavar, você não terá parte comigo”. A menos que entendamos a verdadeira natureza de Jesus e deixemo-lo ser conosco o que ele é, talvez jamais possamos compreendê-lo nem venhamos a ser verdadeiramente parte dele. Podemos ser membros de seu clube ou empregar o vocabulário correto, mas, a menos que ele nos sirva, não temos parte nem comunhão com ele.

A resposta de Pedro é típica da forma que abordamos um ao outro. Ponderamos: “Acima de tudo, você não deve ver o meu verdadeiro eu. Lavarei meus próprios pés e você pode enxaguá-los ritualmente”. Talvez, assim como o fato de não deixar Jesus lavar nossos pés nos exclua da comunhão com ele, o fato de não cumprir o mandamento de Jesus de lavar os pés uns dos outros nos exclua da comunhão com outros. Devemos ser os agentes de limpeza uns dos outros, removendo a poeira de nossas viagens diárias de maneira a nos preparar para sentar à mesa do Senhor.

Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua veste e manto e voltou ao seu lugar. A seguir, perguntou-lhes: “Vocês entendem o que lhes fiz? Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou. Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo-lhes verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu

Senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou” (João 13.12-16).

Alguns interpretam essa passagem como se Jesus estivesse instituindo um novo tipo de ritual, um verdadeiro culto de lava pés. Não tenho nada contra isso. Estive em cultos de lava pés, e eles podem ser um momento de alegria e satisfação. Contudo, nunca estive em um culto em que houvesse pés sujos. Nós os limpamos cuidadosamente antes de exibi-los ao olhar, ao olfato e ao toque dos santos.

Pessoalmente, eu duvido que Jesus estivesse apresentando uma nova liturgia. Ele definitivamente estava nos dizendo como devemos nos relacionar uns com os outros. Se não é para literalmente lavar os pés, então o que fazemos para cumprir esse mandamento? A resposta poderia ser esta pergunta: “O que nos faz sentir mais limpos e mais adequados à mesa do Mestre?”.

Quando alguém reserva um tempo para me escutar, eu sinto como se meus pés estivessem sendo lavados. Quando sou elogiado, meus pés são lavados. Quando alguém compartilha uma alegria comigo, meus pés são lavados. Quando alguém valoriza meus ouvidos o suficiente para compartilhar um fardo ou uma confissão, meus pés são lavados. Existem inúmeras maneiras de lavar os pés. Precisamos apenas aprender a perceber de onde se origina a sujeira em nossa própria vida para depois poder oferecer purificação aos outros.

Esse pensamento alterou minha abordagem para a pregação dominical. Comecei a perceber que pessoas nos bancos, embora bem vestidas e sentadas de maneira elegante, não se sentiam tão elegantes por dentro. A maioria brigava com companheiros de trabalho não cristãos, alguns escutavam constantes sucessões de blasfêmias e histórias impróprias. A maioria das mulheres recebeu convites indecorosos durante a semana. Famílias, cheias de ira e imersas no silêncio, sentam-se compostas. A culpa, tanto a real

como a irreal, paira sobre eles e os golpeia profundamente em seu íntimo.

Devo açoitá-los com palavras ameaçadoras? Devo censurá-los por não viverem melhor? Devo culpá-los por um coração despedaçado? Não! Eles, assim como eu, precisam ter os pés lavados.

Não podemos descobrir a verdadeira comunhão até que os momentos que passamos juntos como cristãos sejam momentos de lava pés.

“Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem” (Jo 13.17).

Vivendo o estilo

O doce e o amargo



Quando estamos seguindo um mapa, precisamos primeiro saber onde estamos antes de saber para onde ir. Agora que já vimos o contraste entre Jesus e nós mesmos, pelo menos temos alguma ideia de onde estamos. Já deveria ser óbvio que a nossa jornada levará a vida toda, mas chegaremos lá!

Quando foi dito a Ezequiel, após receber a revelação de Deus, que comesse suas palavras após tê-las escrito, ele as achou doces em sua boca e amargas em seu estômago. Há um paralelo a isso nas palavras que eu tenho compartilhado com vocês. Apesar de soarem tão boas, elas são difíceis de digerir simplesmente por que elas são tão opostas a nossas inclinações naturais. Começamos a temer e tremer quando praticamos esta salvação.

Graças a Deus, temos ajuda. Veremos isto claramente quando olharmos para o corpo de Cristo e para o envolvimento de Deus em nosso crescimento pessoal. Tornar-se-á óbvio também que os convites de Deus trazem um aviso de R.V.S.P.¹ neles.

¹ Nota do Revisor: Do francês, “Répondez s’il vous plaît”, que significa: “Responda por favor”.

O osso do tornozelo ligado ao do pé



Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo (1Co 12.24-27).

Deus escolheu com propriedade o corpo como analogia para seus seguidores. O corpo é orgânico, flexível e tem a capacidade de crescer. Ele só consegue sobreviver se viver de acordo com a natureza de Jesus. Nenhuma parte do corpo natural existe sozinha. Cada uma das partes do corpo humano foi projetada e colocada lá para servir ao restante do corpo. Se uma parte do corpo natural torna-se centrada em si mesma e começa a existir somente para si, torna-se o que os médicos chamam de câncer. Tanto meu corpo natural quanto o corpo de Cristo só sobrevivem enquanto cada uma de suas partes trabalha como serva das outras partes restantes.

A analogia de ser um corpo pode nos levar a algumas conclusões lógicas. Nenhum corpo tem partes ambiciosas. Você nunca ouviria meus artelhos dizerem para mim: “Se eu sou

realmente um bom dedo do pé, posso subir pelo corpo e tornar-me um joelho, um cotovelo ou um nariz?”. Ridículo! Meus dedos passam a maior parte de suas vidas no escuro. Foram vistos por poucas pessoas. Trabalham sob grande pressão e em uma atmosfera não muito agradável. Ainda assim, não reclamam do fato de que nunca experimentaram sorvete, ou que o rosto recebe maior atenção. Nunca disseram: “Se esse é todo o agradecimento que eu recebo, juntar-me-ei a um outro corpo”.

Se um tornozelo sofre uma torcedura e não pode carregar sua parte do peso, o corpo não ameaça cortá-lo porque ele leva o corpo todo a mancarr. As outras partes do corpo estão contentes, pois podem ter uma folga enquanto a parte machucada é reparada.

Quando estou batendo um prego e, acidentalmente, acerto meu dedo, minha mão machucada não agarra o martelo e bate no dedo da outra mão para ficar quites.

Minha mão direita não repreende a esquerda apenas porque ela é mais fraca e não tem a mesma destreza da direita.

Fazer a barba retira uma camada de minha pele que faz com que os corpúsculos sanguíneos tenham de reparar o dano. Esses corpúsculos fazem isso todos os dias. Nenhuma vez reclamam nem fazem ameaças de que, se a pessoa não aprender a lição e parar de danificar sua face, não mais atuarão na cura da área onde a barba foi feita.

Meu punho não acerta meu estômago se ele dói, nem meu rosto quando este está queimado; ele faz exatamente o oposto. Meu corpo cuidadosamente protege a si mesmo. Sem se preocupar com sua própria segurança, minha mão cobrirá meu rosto para proteger os olhos.

Ocasionalmente, partes de meu corpo reclamarão se tiverem sido trabalhadas demais, mas em nenhuma ocasião tenho de lidar com uma lista de queixas das partes do meu corpo, em que dizem que elas se ressentem por ser quem são.

E óbvio o que isto tudo quer dizer. Se somos membros do

corpo de Cristo, fomos designados a servir uns aos outros. Esta é a única maneira que Jesus aceita que as coisas sejam.

Prisioneiros da história



Se é para nossa vida individual refletir a natureza de Jesus, logo, as estruturas que o conjunto de nossos indivíduos formam — nossas organizações, nossos grupos religiosos — não pertencem a uma categoria isenta. No prazo de um ano após a fundação de quase todos os grupos religiosos, eles passam a ter características de uma corporação de negócios mediana. Eles têm a forma de uma pirâmide em sua estrutura hierárquica. Especialistas em eficiência começam a determinar as funções dos membros da igreja, mais do que sua estrutura corporal ou dons espirituais. O nepotismo reina; eles tornam-se fechados em si mesmos e seus pensamentos completamente distantes de seus constituintes. Declarações corporativas diferem totalmente das expressões particulares dos membros individualmente.

Em conversas pessoais com um número de pessoas distintas em importantes reuniões religiosas, achei homens basicamente progressistas que se preocupavam com as pessoas e tinham dúvidas profundas sobre várias teologias e sobre seus próprios papéis. Mas, quando estavam juntos em uma reunião, o produto dessa reunião é o oposto de suas opiniões expressadas em particular. Imagino se não estão recebendo seus sinais de algum outro lugar, uma vez que entram no sistema que se assemelha com o do restante do mundo. Se o sistema de uma organização

priva ou inibe as pessoas em sua habilidade de ouvir a Deus e tomar decisões baseadas nisso, então alguma coisa está drasticamente errada. Este não é o estilo de Jesus.

A natureza de Jesus foi de dar-se às pessoas. A natureza das organizações é de dar-se à autopreservação. Fechar-se em si mesmo é violar as palavras de Jesus: “Quem tentar conservar a sua vida a perderá, e quem perder a sua vida a preservará” (Lc 17.33).

Após algum tempo, as estruturas começam a sofrer o “endurecimento das categorias”, e essas categorias tornam-se mais importantes para eles do que as pessoas a quem eles servem. O mito grego de Procrusto descreve bem a situação.

Procrusto tinha uma casa a meio caminho entre duas importantes cidades e a um dia de jornada de cada uma delas. Por sua localização, viajantes o procuravam regularmente para pernoite ou refeições. A hospitalidade na casa de Procrusto era superior a qualquer outra que os viajantes já tivessem experimentado anteriormente. As refeições eram suntuosas, os quartos espaçosos. Nenhum pagamento era aceito. Procrusto permitia-lhes o uso da casa e informava-os que não havia regras com que eles precisassem se preocupar. Havia apenas uma exigência pela noite. Alegria e contentamento espalhavam-se pela casa. Depois, a exigência era revelada. Cada pessoa que lá pernoitasse, teria de caber na cama. Se fosse muito baixa, seria esticada. Se fosse muito alta, seria cortada.

Muitas pessoas cabiam perfeitamente na cama, dormiam bem e iam embora elogiando a hospitalidade de Procrusto para com seus amigos em várias cidades, instigando-os também a ir passar uma noite quando por lá passassem. Mas muitas pessoas morriam na casa de Procrusto. Ninguém ouvia os relatos destes.

Quando denominações e outras organizações religiosas se estabelecem, suas teologias e estruturas sociais tendem a ser rígidas. Qualquer um com pensamentos novos ou uma palavra

profética é apedrejado verbalmente ou excluído do grupo de Jerusalém (sedes). Somente aqueles que se moldam ao padrão prescrito sobrevivem. Também, como os sistemas de escolha de pessoal são refinados, somente aqueles que têm possibilidade de subir são aceitos. A liderança espiritual fica de lado, enquanto o caminho rígido da habilidade política vence. Os primeiros tempos da maioria dos novos movimentos são marcados por uma liderança marcante, que é escolhida, com frequência, simplesmente por ser marcante. Mais tarde, quando um movimento começa a morrer, a liderança da instituição resultante segue um modelo mais burocrático.

Em várias ocasiões, tenho pedido às pessoas que estão estudando para o pastorado que listem as pessoas às quais eles procuraram para liderança espiritual na igreja. Nunca nenhum dos pastores oficiais de nenhuma igreja foi nomeado. De alguma forma, os direitos de uma liderança verdadeira são deixados de lado em favor do poder.

O que uma estrutura pode fazer para prevenir tais falhas? Basicamente, ela não pode fazer nada. Essa é a natureza da fera, e a única maneira de lidar com ela é matando-a. Aqui está uma proposta drástica.

Toda organização religiosa deveria ter em sua primeira constituição a irrevogável cláusula de que deveria ser destruída e mudada após cinquenta anos de existência. Para alguns, este limite deveria ser de vinte e cinco anos. Isso faria com que os constituintes ficassem livres para estar em contato mais constante com Deus e, assim, aumentar a abertura para uma renovação. Isso libertaria a organização de procurar riqueza e proeminência. Seus fundos seriam canalizados para as pessoas. As estruturas que não são ao estilo de Jesus morreriam, e a igreja não seria tão culpada por causar danos às pessoas.

De qualquer forma, tal ponto de vista estaria simplesmente reconhecendo a maneira pela qual o Espírito Santo trabalha. Ele

continua erguendo novos movimentos que estão vivos e em contato com ele, enquanto as estruturas mais velhas ficam ofendidas e expulsam os novos movimentos. O novo movimento mostra sua vitalidade, ao crescer mais rápido do que qualquer coisa a sua volta e até que ele possa se tornar tão grande quanto o grupo do qual foi expulso. A seguir, o novo grupo torna-se rígido como seu antecessor, e um novo movimento, mais em contato com o Espírito Santo e as pessoas, surge, o qual por sua vez é expulso por um novo grupo que foi expulso pelo primeiro, e assim por diante. Por que não seguir com o Espírito Santo e garantir nossa morte para que assim possamos multiplicar como o grão de trigo?

A humildade de Jesus exige que sejamos tremendamente honestos sobre nós mesmos; ainda assim, sistemas que procuram preservar a si próprios contam somente o suficiente da verdade em seus materiais promocionais para encorajar as pessoas a continuar apoiando-os. Alguns materiais promocionais fazem com que um sistema, muito após ele já ter morrido e acabado, pareça bem vivo e saudável. Seguir o estilo de Jesus é recusar a tentação de autopromoção e glorificação. Significa aceitar somente o apoio daqueles que ofereceram voluntariamente seus recursos porque estão gratos por servir a eles. A partir do momento que uma estrutura começa a promover a si mesma, ela viola a natureza de Cristo e bebe o veneno de sua morte.

Organizações religiosas deveriam limitar a quantia de fundos que mantêm em reserva. Quanto maior o fundo em reserva, menos temos de nos apoiar no Espírito Santo e menos temos de servir as pessoas. Até mesmo as religiões não deveriam guardar seus tesouros onde a ferrugem corrói e os ladrões arrombam e roubam. A natureza de Cristo não é feita para possuir grandes somas de dinheiro. Sempre que você vir uma organização com grandes somas, você pode ter certeza que haverá um escândalo prestes a ser descoberto.

Nenhum sistema deveria violar a natureza de Jesus exigindo qualquer coisa das pessoas para o benefício do sistema. O reino de Deus é formado de voluntários. A pessoa que trabalha como escravo, criança e a menor de todas, dificilmente pode exigir qualquer coisa dos outros. Sistemas que fazem exigências estão em desespero e morrendo.

Todo sistema deveria ter como primeira prioridade a construção de relacionamentos que preencherão o mandamento do amor. Nenhuma estrutura deveria ser construída de forma que exigisse autoridade e obediência acima do amor e da unidade. Nenhuma pessoa nessa estrutura deveria estar mais do que a um passo de distância da posição de autoridade e do contato com os constituintes. Nenhum poder deveria ser dado simplesmente fundamentado na posição. Toda a autoridade deve residir nas pessoas escolhidas por Deus e, a menos que sua vida e habilidade já lhes tenham dado reconhecimento, então nenhuma posição deveria decretá-la. A autoridade institucional nunca pode substituir satisfatoriamente a autoridade dada por Deus, a qual acompanha tais dons.

Nós devemos nos libertar de formatos culturais, tais como as eleições (também chamadas de divisões da casa) e aprender a tomar decisões provenientes da unidade produzida por decisões baseadas em relacionamentos carinhosos e abertos de líderes que, por ter renunciado às decisões fundamentadas na construção de um império, buscam decisões cuidadosamente planejadas a fim de não violar ninguém.

Precisamos nos libertar da visão de que o clero é um corpo de elite com privilégios que vêm da ordenação. A maioria dessas estruturas são meramente sindicatos de pastores que têm pouca relação com o ser servo.

Quando William Stringfellow declarou para todo o mundo que todas as instituições conhecidas eram demoníacas, pois faziam

às pessoas as mesmas coisas que os demônios, ele estava próximo da verdade. Acho difícil refutar sua colocação.

Jesus andou entre o povo. Ele nunca se tornou parte de nenhuma estrutura religiosa de seus dias, exceto em áreas como as sinagogas, onde as pessoas estavam e onde a parte mais baixa da pirâmide do poder estava. Este fato deveria ser uma forte orientação para o mundo religioso.

Quando examinamos a vida de Jesus, descobrimos que sua ira era muito inflamada por aqueles aninhados dentro de instituições que serviam a si próprias, aqueles que haviam perdido a percepção das necessidades das pessoas e que há muito haviam deixado de ser servos. Mesmo os grandes mandamentos do passado, tais como: “Guardar o dia de sábado”, haviam se tornado políticas institucionais. Jesus coloca-os novamente em perspectiva: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2.27).

Todo o amor de Cristo foi dirigido à redenção do homem para permitir que a humanidade conheça a verdade e seja livre, não à tentativa de classificar as ações humanas e a vida. A lei tem de ser subserviente ao amor. Jesus ficava enraivecido com qualquer pessoa ou sistema que degradasse ou ignorasse as pessoas e suas necessidades:

“Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade.” “Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno? Por isso, eu lhes estou enviando profetas, sábios e mestres. A uns vocês matarão e crucificarão; a outros açoitarão nas sinagogas de vocês e perseguirão de cidade em cidade” (Mt 23. 23,33).

Aparentemente, os fariseus sofreram tal lavagem cerebral do sistema que eles haviam construído que agora só sabiam somente destruir as pessoas com ele. Não devemos ser tão cegos e pensar

que aquelas palavras de denúncia de Cristo eram dirigidas somente às pessoas daquela época remota. Elas são para hoje.

De alguma forma, Deus tem de apagar séculos de incompreensão de nossas mentes para ajudar-nos a ver que as instituições e estruturas do mundo, e os sistemas de gerenciamento que as acompanham, não têm nenhuma relação com o corpo orgânico, de Cristo. Não importa quão eficiente seja o sistema mundial, ele não pode ser automaticamente aplicado à igreja.

Uma outra Escritura que eu gostaria de incluir fala sobre nosso entendimento de como Jesus viveu em relação ao sistema mundial (religioso e secular) de seus dias. Deixo a vocês e ao Espírito Santo aplicar:

O sumo sacerdote leva sangue de animais até o Santo dos Santos, como oferta pelo pecado, mas os corpos dos animais são queimados fora do acampamento. Assim, Jesus também sofreu fora das portas da cidade, para santificar o povo por meio do seu próprio sangue. Portanto, saíamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. Pois não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir (Hb 13.11-14).

Unindo-nos



Se há uma coisa sobre a qual todo o mundo cristão concorda é que Jesus é o Senhor. Facções doutrinárias e diferenças culturais, como também ambições individuais, separam-nos e levam-nos a formar esse grupo fragmentado que somos hoje. Se for para existir a unidade que Jesus pregou, ela só acontecerá em torno dele e nele.

Em um encontro de irmãs católicas, eu era um dos poucos pastores protestantes a quem foi pedida uma palavra sobre a perspectiva do ecumenismo e sobre o que eu imaginava que nos separava. As convoluções da história e tradições da igreja foram discutidas com tal grau de conhecimento e eloquência que eu comecei a me sentir envergonhado pela simplicidade da abordagem que escolhera. Quando chegou meu momento, disse: “Sou membro de uma denominação religiosa muito jovem que, no entanto, desenvolveu tradições próprias que nos separam. Não quero lhes falar sobre elas, nem vocês querem ouvir sobre elas. Vocês são membros de um grupo muito antigo e com muito mais tradição, mas creio que nenhum de nós gostaria de se aprofundar nesse assunto hoje. Uma mudança desses padrões não nos levará a uma resolução nem nos unirá. Entretanto, a qualquer hora que vocês quiserem se reunir e conversar sobre Jesus, podem contar comigo!” Com isto, sentei-me. No fechamento fui inundado de pedidos para ir a suas escolas e dizer a mesma coisa.

Há poucos anos, compareci a uma conferência, em Cingapura, cujo objetivo era explorar as perspectivas de união da igreja e ouvir o que Deus estava transmitindo a cada um de nós. Quatrocentas pessoas de quarenta denominações diferentes compareceram. Após uma semana de intensa interação, uma declaração a qual todos estavam conectados era: “Jesus Cristo é o Senhor!”

Provavelmente, nunca haverá uma igreja mundial orgânica e, se houvesse, seria mais um objeto de temor do que de reverência. Mas a unidade viva está chegando, pois o Pai responde às preces de Jesus: “Pai santo, protege-os em teu nome, o nome que me deste, para que sejam um, assim como somos um [...]. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste” (Jo 17.11,23).

Tenho a oportunidade de habitualmente ver uma boa porção da unidade da igreja. Ela está sempre presente quando as pessoas estão vivendo o estilo de servir de Jesus. Tenho também a oportunidade de habitualmente ver muitas separações da igreja, mas fica óbvio que nenhuma igreja se separou porque as duas facções estavam discutindo para ver qual delas seria a mais servil, ou qual seria a menor, ou qual seria a última, ou quais seriam aqueles sem reputação, ou qual seria a última a usar a força!

A unidade vem do amor que temos uns pelos outros, assim como Jesus nos ama. Esta é a razão pela qual nos foi dada uma descrição de sua natureza, a saber, para que saibamos o quanto ele nos amou, para saber como podemos amar uns aos outros e para saber como a igreja pode ser unida.

Em casa com o Corpo



Se você está pronto para começar o estilo de vida servil, eu gostaria de oferecer um lugar para começar e uma direção a seguir. As recomendações aqui certamente não são orientações exclusivas, entretanto a sujeição plena exige intimidade com a qual muitos não estão habituados; portanto compartilho com vocês a experiência de alguns pequenos grupos para que possam começar suas próprias jornadas.

A igreja primitiva descobriu que os lares eram lugares perfeitos para que a dinâmica do cristianismo acontecesse. Não havia espaço para a armadilha dos rituais. O tamanho fazia com que uma completa participação fosse possível e regulada. Todos conheciam uns aos outros, portanto manter bons relacionamentos era de suma importância. Haveria tempo disponível para orar e ministrar para cada uma das pessoas. As Escrituras poderiam ser aprendidas por meio dos diálogos e aplicadas imediatamente.

Jesus escolheu doze para seu primeiro grupo de pregação. A natureza de Jesus era a do amor, o que exigia relações interpessoais muito próximas. A sujeição é difícil de ser praticada em grandes agrupamentos impessoais. Descobri que em pequenos grupos consegue se ser bem sucedido, quando a natureza de Jesus é usada como uma força orientadora.

Um líder que procura ser um servo em um pequeno grupo,

controlaria sua própria participação a fim de dar oportunidade aos outros. Ele seria sensível às necessidades expressas, a fim de guiá-los. Por exemplo, ele não esperaria que outros membros do grupo compartilhassem pensamentos em qualquer área nem respondessem a qualquer questão que ele não tivesse partilhado ou respondido primeiro. Ele lideraria o caminho, ouvindo e reafirmando e expressando seus sentimentos honestamente.

Por meio da humildade, ele realmente compartilha seus sentimentos verdadeiros e, quando necessário, confronta os outros carinhosamente. Como uma criança, aceita as pessoas incondicionalmente e não julga sua vida, mas alegra-se e chora com elas. Sendo um sem reputação, ele está disposto a deixar que o grupo veja, de forma genuína e sincera, suas próprias faltas e lutas.

Como o mais jovem, ele é sensível aos abusos sofridos por outros e os protege.

Em todos os meus estudos e na participação em pequenos grupos, ainda estou por ver uma ação de liderança apropriada que não estivesse sob o manto da natureza de Jesus. Eu a considero o segredo da vida da igreja nas relações de pequenas comunidades. As três próximas sessões deste capítulo discutem as técnicas para ajudar esses relacionamentos a crescer.

Compartilhar nosso ser

O pensamento da “quinta emenda, direito à privacidade” transformou o corpo de Cristo em um grupo de indivíduos separados que se reúnem, mas permanecem em suas conchas protetoras. A fim de quebrar isso, devemos conscientemente compartilhar nosso ser com os outros. Apesar do que é possível conhecer por meio da observação, você só pode saber verdadeiramente quem sou quando relato minha história com suas lutas e sentimentos. Compartilhar minha história e mostrar-me vulnerável diante de outros, certamente são atitudes voltadas à submissão.

Andar sob o sol

Se você estivesse envolvido em um grupo que não foi construído ao redor dos princípios do corpo, sua auto-revelação poderia bem ser seguida pela confrontação ou uma forma de ataque verbal — catarse. Mas estes não são os caminhos do corpo. A resposta do corpo a um membro ameaçado ou ansioso é a proteção. Nossa resposta àquele que se auto-revelou é a reafirmação.

Toda estrutura e processo do corpo de Cristo são compreendidos em uma única afirmação de Paulo em 1Coríntios 12.7, quando ele declara que os dons do Espírito são dados a *cada um* de nós para a edificação ou crescimento e para o bem comum.

A mais forte declaração de Paulo sobre como deveríamos ver e responder a cada um de nós está em 2Coríntios 5.16,17:

“De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano. Ainda que antes tenhamos considerado Cristo dessa forma, agora já não o consideramos assim. Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram, eis que surgiram coisas novas.”

Em outras palavras, eu preciso agora vê-lo como a nova criatura que você é. Eu preciso ser capaz de discernir o melhor. Não posso mais dizer: “Você é uma boa pessoa, mas...”, e depois, lançar-me em uma crítica severa sobre suas dores. Sua posição como criança de Deus deve ser afirmada por mim.

Algumas vezes ouço um protesto a tal afirmação o qual normalmente tem esta forma: “Mas como as pessoas saberão como melhorar, se eu não lhes digo o que está errado com elas?”. A resposta é simples: Jesus afirma que nosso coração já nos condena, portanto ele não veio para condenar, mas para oferecer vida abundante.

Se eu pedisse que você escrevesse em um pedaço de papel cinco coisas que você não gosta em você, provavelmente

terminaria em sessenta segundos. Depois, se eu pedisse que virasse o papel e escrevesse cinco coisas que gosta em você, certamente precisaria de horas. Nós somos dolorosamente conscientes de nossas insuficiências.

Um conto de fadas (muitos deles parecem próximos à inspiração) expressa isso muito bem: O Sol e o Vento Norte observavam um homem caminhando, que usava um pesado casaco. Eles decidiram ver quem conseguiria fazer o homem tirar o casaco. O Vento Norte decidiu tentar primeiro. Ele soprou uma imensa ventania sobre ele, mas quanto mais forte o vento, mais forte o homem apertava o casaco em volta de si. A seguir, o Sol disse: “Agora é minha vez!”. Assim, ele lançou raios quentes sobre o homem, e logo o homem tirou, por decisão própria, o casaco e caminhou alegremente sob a luz do sol.

Quando envolvemos pessoas com calor, elas se revelam e removem, por escolha e esforço próprios, os pesados fardos desnecessários que usavam como proteção.

Quando compartilhamos nossas histórias com os outros, depositamos a coisa mais valiosa para nós, nosso íntimo revelado, aos pés dos que ouvem esses relatos. Como respondemos a este depósito com afirmação, um marcante desenvolvimento ocorre. Compreendemos que nosso depósito é seguro e que podemos arriscar ir até mais longe; pois podemos agora confiar.

A libertação do compromisso

Armados com esta nova confiança, agora somos livres para arriscar o compromisso que antes teria sido muito doloroso e, talvez, até mesmo improdutivo.

A primeira libertação de nosso novo compromisso é a confissão. Tiago 5.16 proclama: “Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados.” Se não houver confiança, é possível confessar os pecados dos outros ou, quem sabe, confessar os pecados socialmente aceitáveis e comuns tais como: “Não ter fé suficiente

ou não orar regularmente”. Mas com confiança, posso compartilhar as coisas que verdadeiramente me retardam e, consequentemente, posso esperar assim, alívio por meio das preces. A confissão é como os processos diários de eliminação do corpo. Com a confissão, podemos andar com conforto, sem carregar produtos desnecessários. A confissão esporádica cria um acúmulo de detritos cuja eliminação pode realmente ser traumática.

Tais confissões também criam uma forma apropriada de disciplina. Por meio da confissão, autorizo os outros a orar por mim e também a voltar mais tarde para verificar como estou me saindo. Tal preocupação e responsabilidade gentil e regular estão lamentavelmente faltando na igreja. Como resultado, somos patologicamente independentes e corrompidos.

Nossa segunda libertação é a aproximação pessoal com a Palavra de Deus por meio do estudo aplicado da Bíblia. A aplicação do estudo da Bíblia é basicamente confessional já que responde a duas questões pessoais: o que a Bíblia me diz?; e o que farei com isso? As respostas a essas questões são confissões de nossa convicção por intermédio do Espírito Santo. Jesus e Tiago chamam-nos claramente para tal aplicação: “Portanto quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mt 7.24); “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (Tg 1.22).

A terceira libertação de nosso compromisso é a confrontação. Geralmente, não esperamos até depois do processo de construção da confiança para confrontar áreas de nosso relacionamento que poderiam prejudicar este relacionamento. Quando não esperamos, entretanto, podemos não desfrutar dos bons frutos. Com o processo que constrói a confiança, ganhamos o direito e a necessidade de confrontar. Para relembrar o contexto da confrontação, releia as seções sobre humildade e manipulação.

A quarta libertação do compromisso é para a intimidade que o Novo Testamento chama de *koinonia*. Não somos mais meros passageiros juntos em um ônibus que chamamos de igreja, mas somos leais uns aos outros de forma profunda, duradoura e íntima. Nossos sonhos e visões, como também nossos bens, tornam-se propriedades uns dos outros. Nós “deixamos de lado nosso crescimento individual pelo conjunto”.

Neste estágio, encontramos a conclusão de nossa sujeição. O amor que a sujeição expressa dá e recebe na interação constante, e muitas vezes inconsciente, da vida do corpo.

Dentro de um pequeno grupo, descobrimos que o corpo de Cristo, como nosso próprio corpo, muda vagarosa e gentilmente, mas de forma segura, mesmo em chamados radicais como os apresentados neste livro. Se você estiver lidando com um velho odre de vinho, o processo de amaciamento, se bem sucedido, deve ser lento e cuidadoso. De qualquer forma, o que é importante e deve ser preservado é o vinho.

Compartilhando a dor



Um grupo de pastores, com os quais eu havia compartilhado os princípios da sujeição e que vinha progredindo na vivência desses princípios, pediu-me que voltasse por um fim de semana para um retiro e discussões. Um deles abriu o fim de semana com esta questão: “Você sabe quanta dor você nos causou?”. Eu admiti que não sabia, desculpei-me por ter-lhes causado dor e incentivei-os a voltar a ser como eram anteriormente. Eles responderam: “Nunca!”.

As dores começaram a se afastar das frustrações relacionadas às buscas pessoais para caminhar em direção à dor da solidariedade proveniente do caminhar com outros. Embora esta dor fosse maior, nunca pensavam em voltar a ser o que eram antes.

Muitos sofrimentos, comuns a todos, são simplesmente o produto de nosso estado humano decaído, ferimentos acidentais, doenças, desapontamentos. Mas tais sofrimentos não são necessariamente do tipo que redimem.

Paulo declara em Filipenses 3.10: “Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos...”. Estou bem mais próximo do desejo de conhecer o poder de sua ressurreição. Hebreus 5.8 diz-nos que Jesus aprendeu a obediência por meio de seu sofrimento. Todas as passagens que encontrei, indicam que os sofrimentos de Jesus foram suportados em nosso

favor e, se não fossem para *nosso favor*, ele muito provavelmente não teria tido nenhum outro sofrimento que não os comuns.

Como Jesus disse que seríamos tratados como ele o foi, é lógico que seguir na prática os passos de Jesus seria sofrer em favor de outros.

Mais ainda, tive uma compreensão do que deixou Jesus bravo. Eu fico bravo quando as pessoas ficam no *meu* caminho ou fazem algo que aborreça a *minha* vida e *meus* sentimentos. Jesus, por outro lado, demonstrava sua raiva em favor de outros. Mesmo suas iras eram centradas no favor de outros.

Quando Jesus virou as mesas dos cobradores no templo, foi em favor de todos aqueles que queriam orar ou sacrificar ou se converter e eram deixados para fora por práticas monopolizadoras de homens avarentos. Quando Jesus olhou para os fariseus com raiva, quando ele se aproximou do homem cuja mão era atrofiada para socorrê-lo, sua raiva foi em favor do homem necessitado de ajuda e de todos aqueles que sofrem nas mãos não caridosas dos legalistas. Outras confrontações com os fariseus que obviamente produziram ira foram devidas ao fato de eles terem trancado os portões dos céus aos outros.

Apesar de meu aprendizado ter sido lento, não posso deixar de pedir a Deus para ajudar-me a limitar minhas iras aos momentos e lugares em que ele ficaria irado e a focar meus sofrimentos naquelas necessidades que chamariam sua atenção.

Uma palavra segue a outra



Após ter absorvido o abrangente conceito da submissão da natureza de Jesus e começar a ver todas as coisas através destas lentes, tenho percepções reveladoras em relação a áreas das escrituras que poderiam parecer nebulosas anteriormente. Portanto, eu aqui proponho um novo sistema de interpretação bíblica que, embora seja profundo, é bastante simples.

Se aceitarmos que há uma concordância interna básica ao longo da Bíblia, então teríamos de ir um passo à frente e concordar que a Palavra escrita *nunca* será contrária à Palavra viva, Jesus. A verdadeira harmonia interna da Bíblia significa que ela é receptiva à natureza de Jesus, a completa revelação de Deus.

Por conseguinte, nenhuma interpretação de qualquer passagem deveria incluir uma mudança na natureza de Jesus, em que nos exemplifica como servir, ser obediente como um servo, dar o exemplo, ser humilde, ser criança, o mais jovem, o último, o menor, o sem reputação, o que não utilizava força, etc. Qualquer passagem, cuja interpretação traga uma alteração da natureza de Jesus, deve ser colocada de lado até que tenhamos luz suficiente para interpretá-la apropriadamente. Ida permanece como escritura. Assim, ao admitir que, em virtude da forma como nós atualmente a vemos, ela não está em harmonia com a natureza de

Jesus, devemos ter em mente que não a entendemos bem o suficiente para proclamá-la.

Por ora, você pode reconhecer que algumas passagens, utilizadas atualmente para doutrina e estilo de vida, apresentariam problemas se tentássemos harmonizá-las com a natureza de Jesus. Isto deveria simplesmente fazer-nos saber que nós a interpretamos de maneira errada.

É importante, também, que não caiamos na armadilha de pensar que a Bíblia é o quarto membro da divindade. A Bíblia é uma revelação escrita de Deus, mas, sem levar em conta o que acreditamos sobre ela, nunca devemos violar aquele a quem ela revela por meio de seus textos.

O estilo de todas as épocas



As renovações deste século têm sido principalmente de natureza pentecostal ou carismática. A redescoberta dos dons do Espírito pelos pentecostais e seu marcante fervor, levaram-lhes a acreditar e ensinar que sua renovação foi a renovação final. Eles sentiram que nada mais havia para ser redescoberto nas Escrituras, assim seu fenômeno carismático representava a última palavra, a renovação das renovações.

Apesar de os pentecostais terem recuperado para a igreja um princípio poderoso, embora bastante negligenciado e, até mesmo, perdido, eles não inundaram a igreja e o mundo com a unidade e efetividade que se esperaria do que é superior. Apesar de sua reverência e entusiasmo estar centralizados em Jesus, a maior ênfase pela qual eles se tornaram conhecidos, não foi este conhecimento de Jesus, mas sim sua comunhão com o Espírito Santo. É a ênfase na glossolalia que fica imediatamente aparente, em vez da cristológica, apesar de que tanto para os pentecostais como para os carismáticos a força de seu relacionamento com Cristo é inquestionável.

Talvez o grande esquema esteja se desdobrando e mostrando que o Espírito Santo, após ter chamado a atenção de grande espectro da igreja e do mundo, esteja se preparando para colocar de lado tanto emaranhamentos mitológicos quanto o Jesus da

nostalgia a fim de exercer sua função mais esperada, a da glorificação de Cristo.

No Evangelho segundo João, Jesus predisse o que estava por vir e a ação do Espírito Santo:

“Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, [...] lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo que eu lhes disse.”

“Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês [...] ele testemunhará a meu respeito.”

“Ele os guiará a toda a verdade.”

“Ele me glorificara, porque receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês” (Jo 14.26; 15.26; 16.13; 16.14).

A conclusão mais evidente a ser tirada é que o Espírito Santo, como função principal, revelará a natureza de Jesus a nós e convencerá o mundo sobre ele. As renovações com ênfases no Espírito Santo violaram este mesmo princípio quando focaram o Espírito Santo sem permitir que ele falasse a nós e ao mundo sobre a pessoa de Jesus.

Eu acredito que a grande renovação final para o mundo será a renovação cujo centro seja Jesus e sua natureza. O mundo não viu poder maior do que aquele de Jesus, e a igreja não exerce nenhum poder maior do que aquele de viver o amoroso estilo de vida de Jesus.

Nós não podemos escapar ao chamado e à ordem dada por Jesus a sua igreja: “Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio” (Jo 20.21).

Podemos honestamente acreditar que temos de ser *parcialmente* enviados, como o Pai enviou Jesus? Certamente que não. Temos de aceitar que somos enviados com a mesma natureza, as mesmas exigências de atitude que foram dadas a Jesus.

A função dos dons do corpo de Cristo é equipar-nos para pregar uns aos outros de uma maneira que nos leve a uma semelhança com Cristo: “Até que todos alcancemos a unidade da

fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.13).

Nossa maturidade é fazer-nos como Cristo. Nosso ministério é fazer com que outros amadureçam para ser como Cristo. Para ser como Cristo, temos de absorver sua natureza e ter sua mente.

A graça vence

Se as coisas ditas sobre a natureza de Cristo neste livro são verdadeiras, então o Espírito Santo as vivificará em você e ajudá-lo-á a aplicá-las de uma maneira que lhe é própria e única. As implicações enumeradas em capítulos anteriores são coisas sobre as quais o Espírito Santo tem tratado comigo em minha vida. Elas não precisam ser seus incentivos. Quer estas implicações estejam confirmadas em sua mente quer não, você ainda tem de responder de alguma forma ao chamado para ser como Jesus, para experimentar seu poder, para compartilhar seus sofrimentos e para se tornar como ele em sua morte.

Para que você não termine este livro sentindo um fardo de culpa e desesperança sobre se você algum dia alcançará a maturidade e a plenitude dele, eu gostaria de compartilhar uma palavra de encorajamento das Escrituras:

Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Fp 2.13).

Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos (Ef 2.10).

Certa vez, trabalhei em um escritório onde os homens tiravam a hora do almoço, às terças e quintas-feiras, para jogar basquete em um ginásio do outro lado da rua. Bem, basquete não é minha especialidade. Quando tínhamos de escolher os times, quase sempre as coisas eram solucionadas da seguinte forma:

“Senhores, nós ficamos com Gayle da última vez. E a sua vez de ficar com ele...”.

Portanto, como vocês podem perceber, eu estava lá principalmente pelo exercício e comunhão. Entretanto, havia um rapaz chamado Dave, que tinha cerca de dois metros de altura. Eu adorava ficar em seu time. Nós sempre ganhávamos. Tudo que eu tinha que fazer era entregar a bola para o Dave e ele marcava. Quando nós pegávamos a bola novamente, eu batia um pouco a bola, simplesmente para manter as aparências, passava-a para o Dave, e ele a enterrava para mais dois pontos. A seguir, dizia: “Nós somos realmente bons, não é mesmo?”.

Isto é mais ou menos como o relacionamento que temos com Jesus. Estamos em seu time. Ele não tem um segundo time, nem reservas. Somente um corpo, um time. Em seu time, só tenho um trabalho, *passar a bola para Jesus*. Depois, bato a bola pela quadra, arremesso-a para Jesus e ele marca os pontos. Satanás enfurece-se, mas, mesmo quando ele está com a bola, ele perde a metade de seus arremessos. A seguir, é minha vez novamente. Eu trago a bola da vida para a quadra, bato por um tempo, somente para aparecer, e depois passo para Jesus. Ele marca os pontos para mim, e a seguir digo: “Nós somos realmente bons, não é mesmo?”.

Não há *nós* nisto. Tudo é Jesus. Ele é aquele que está trabalhando em nós para ajudar-nos a querer fazer sua vontade e depois ajudar-nos ainda mais quando tentamos fazê-la. Nós somos sua criação. Ele é o “autor e o consumidor de nossa fé”. Ele é aquele que é fiel para completar o que começou em nós. O que somos é de sua inteira responsabilidade, responsabilidade essa que ele aceita. Nosso trabalho é procurar ficar no mesmo time que ele, passar nossas preocupações para ele e deixá-lo marcar os pontos contra Satanás por nós: “Aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo” (1Jo 4.4).

Portanto, esteja disponível a ele. Permita que seu Espírito

Santo torne-o consciente da mente de Cristo à medida que ele faz os seus caminhos em sua vida. Doe-se e continue crescendo!

Tendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus (Hb 12.2).

Guia de estudo



O principal tema de *O estilo de Jesus* é que Jesus é a revelação completa do Pai, e a mais clara definição de sua natureza é encontrada nos ensinamentos de Jesus em passagens como *o maior do Reino* e outras que abordam este tema. A primeira característica que flui por intermédio deste livro é a da “sujeição”. O tema é mais tarde condensado para ser “centrado nos outros”, e a maior parte do conteúdo, com suas aplicações, pode ser mais bem compreendido se essa expressão, “centrado nos outros”, for entendida ou mantida em mente.

Escrito em capítulos curtos e não numerados, *O estilo de Jesus* é ideal para grupos de estudo ou devocionais. Se for utilizado em um grupo, sugere-se que o líder prepare a apresentação de antemão. Para manter o tema geral diante de você, enquanto percorre o conjunto de perguntas, copie a lista das catorze características, encontradas tanto na recapitulação, à página 125, quanto nas perguntas deste guia de estudo, intitulado *O estilo de Jesus ao nosso alcance*. Depois, distribua uma cópia a cada aluno ou faça um pôster, listando essas características, o qual será colocado em sua área de estudos.

Apesar de exigir algumas horas de dedicação para compilar as informações neste guia de estudo, a maioria das questões é voltada à aplicabilidade e perfeitamente ajustada para um pequeno grupo de estudo.

Um estilo próprio - Jesus, sim

1. João Batista e os apóstolos de Jesus pareciam estar presos em uma maneira tipicamente cultural de pensar. Fundamentado em sua leitura deste livro e em seu conhecimento de outros textos da Bíblia, quais fatos do Novo Testamento parecem indicar a você que as pessoas esperavam que Jesus se ajustasse a certo estilo de vida ou de ensinamentos?

2. Se fosse para Jesus vir hoje pela primeira vez, que coisas ele deveria fazer para ser mais aceito por você e por outros? Como você imagina que ele se vestiria hoje? Que país você acha que seria mais receptivo a seus ensinamentos? Por quê? Que país você acha que tentaria bloquear seu trabalho mais rapidamente?

3. A cultura do Reino e as culturas do mundo parecem estar em constante conflito. Para tentar fazê-lo compreender quanto facilmente isso ocorre, pense em qualquer pessoa de um país estrangeiro que tenha vindo a sua vizinhança. Quanto diferente ela é? Que ajustes teve de fazer em relação às roupas, alimentação, língua e costumes? Se já visitou algum país estrangeiro, quantos ajustes você teve de fazer para se adaptar? Em que situações você se sentiu confortável ou desconfortável?

A aproximação de Jesus

1. Pense cuidadosamente sobre a seguinte lista deste capítulo e marque cada expressão que faria com que você, ou outras pessoas, tivesse muito cuidado antes de seguir uma pessoa que se ajuste à descrição abaixo:

Nascido em um celeiro

Nascido em um vilarejo insignificante

Nascimento de legitimidade questionável

Ancestrais nada recomendáveis

Apenas as pessoas das classes mais baixas foram convidadas a celebrar seu nascimento

Não era bonito

Cresceu em uma vizinhança ruim

Era pobre e parecia contente com isso

Seu predecessor era rude e um tanto estranho

Seus seguidores mais próximos eram ineptos e controversos

O governo o colocou no vergonhoso corredor da morte

2. Qual dos itens acima você acha que faria com que um candidato a um cargo oficial renunciasse à candidatura se a imprensa o publicasse?

3. Aprendemos neste capítulo que Jesus não era “ameaçador nem manipulador” em seu intuito de libertar-nos para que fizéssemos uma decisão genuína sobre ele. Anote em seu caderno algumas das pessoas ou forças que influenciam suas decisões e coloque um sinal de + ao lado das que o deixam mais “ansioso”. Quando você sente que tomou as decisões mais “honestas” — aquelas que verdadeiramente brotaram de seu coração e desejos?

4. Anote uma descrição de sua herança espiritual. Que influência isso tem em suas decisões? que áreas da aventura espiritual você se recusou a perseguir graças a essa herança? Como sua herança o levou à aventura espiritual?

O formador de estilo - o número um

1. Este livro, e especialmente este capítulo, sustenta firmemente que Jesus foi tudo o que Deus é e que ele é a revelação total e final de Deus. Faça duas listas, lado a lado, em seu caderno. De um lado, enumere as coisas que você sente que sabe sobre Jesus, e do outro, as maneiras pelas quais você sente que realmente o experimentou.

2. Leia Colossenses 1.15-2.10. Veja o número de vezes que Paulo usa as palavras “toda(s)”, “tudo”, “todos” e outros superlativos. Em que áreas de sua vida, você gostaria de usar estas palavras em relação a Jesus?

3. Com o conjunto das características de Jesus (que você preparou no primeiro grupo de perguntas) diante de você, leia Colossenses 2.8 em voz alta e enumere quaisquer “tradições ou filosofias” que você acredita que não estejam de acordo com a natureza ou os princípios de Cristo.

4. Habitualmente, as pessoas acham desconfortável falar sobre Jesus. Você acha que isso é verdade? Com quais amigos você acha que poderia quebrar a barreira e manter uma conversa sobre Jesus?

5. Quais ministérios bem sucedidos incomodam você, pois algumas coisas sobre eles não estão de acordo com a natureza de Jesus? Faça uma pausa agora e ore por eles.

O formador de estilo - um por todos

1. Este capítulo faz afirmações poderosas sobre a necessidade de amar uns aos outros conforme afirmado em João 13.34,35. De que maneira você normalmente pode saber se alguém é cristão? Como esses sistemas para saber se alguém é cristão podem ser comparados aos mandamentos expressos na Bíblia?

2. Jesus diz-nos para amar uns aos outros como “eu [Jesus] amei vocês”. Com a lista de características de Jesus diante de você (do primeiro grupo de perguntas), medite sobre cada característica, tendo em mente se esse caminho de Jesus é seguido por você. Como isso se encaixa em sua definição de amor?

3. Quem são algumas das pessoas que você sente que expõe estas características de “sujeição” (ou apenas algumas delas) diante de você? Como você tenta fazer o mesmo para os outros?

O formador de estilo - todos por um

1. Este capítulo faz colocações mais fortes sobre o amor, ao alegar, fundamentado em Mateus 22.40, que a Bíblia apenas trata de assuntos relacionados ao Deus amoroso e ao próximo. Você está satisfeito com isso ou isso lhe perturba de alguma maneira? Se lhe perturba, expresse o porquê disso e anote em seu caderno.

2. Leia todas as profissões de fé (credos) que você encontrar e, se estiver prontamente disponível para você, leia a declaração de doutrinas da organização de sua própria igreja. Que referências ao amor que deve existir entre os seguidores de Jesus você encontrou? ‘Amem uns aos outros’ é um critério para ser membro de sua igreja? Como você faria para saber se alguém é uma pessoa amorosa?

3. Este capítulo contém duas listas sobre o amor. Escreva cada lista em folhas de papel separadas. Se você estiver em um grupo, dê a cada membro uma cópia de cada uma das folhas. Agora, com essas duas listas, mais a sempre presente lista de características de Jesus que você guarda consigo, leia todas elas em voz alta e em uníssono, se estiver em grupo, e depois compartilhe os pensamentos que lhe vieram à mente enquanto as lia. Como cada uma das listas pode ser uma ferramenta para ajudá-lo a completar a outra?

4. Você pode ter um momento fascinante e inspirador, se, a partir das três listas da pergunta anterior, as usar como guias para

escrever uma profissão de fé ou um conjunto de crenças teológicas como se você fosse um “pai modelador” de uma instituição espiritual.

O formador de estilo — um entre muitos

1. Este capítulo é construído ao redor da magnífica oração sacerdotal de Jesus, em João 17. Partes desta marcante oração são bastante perturbadoras à luz da visível situação da nossa igreja, especificamente aquela que diz que “devemos ser um”. De que maneira você tem visto esta oração ser obedecida? Para você, de que modo ela parece não estar sendo obedecida? Faça uma pausa e ore por aquelas situações em que ela não está sendo “obedecida”.

2. Nestes mesmos capítulos nos quais Jesus falou sobre o amor (Jo 13-17), ele também falou sobre o fruto. Se o fruto é o nosso amor e seu resultado, qual fruto de nossa vida poderia ser mais visível ao nosso próximo? E aos companheiros, membros de nossa igreja?

3. Jesus liga o evangelismo bem sucedido ao nosso “ser um” ou ao “amem uns aos outros”. Entre reuniões, faça com que cada membro de seu grupo pergunte a dez pessoas como eles se tornaram cristãos. Compare as anotações e observe quantos deles foram convencidos ou quantos deles foram trazidos por alguém que os “amava”. Conte sua história em seu caderno ou para seu grupo de como você se tornou um seguidor de Jesus.

4. Agora que você tem três listas sobre as características do amor e os frutos desse amor, faça uma lista sobre em quais dessas características e fruto você precisa especificamente de força e peça para alguém orar por você, pedindo particularmente por essas áreas de dificuldade.

O estilo de Jesus - ao nosso alcance

1. Este capítulo leva-nos a pensar novamente no capítulo intitulado *A aproximação de Jesus*. Como aquela lista sobre as maneiras pelas quais Jesus se revelou provavelmente não pode ser pessoalmente nossa, compartilhe as coisas de sua vida que seriam a “sua lista” — aquelas coisas que permitem que os outros se aproximem de você e o tornam vulnerável a eles.

2. As escrituras mencionadas neste capítulo começam a apresentação à lista das características de Jesus que você tem usado desde o início deste livro.

Leia as escrituras em voz alta ou em uníssono, anotando os pontos de união contidos nela.

3. A seguir, vem a lista de características de Jesus. A parte mais importante de conhecimento neste livro é esta lista das características de Jesus. Copie-a e memorize-a — ela ser-lhe-á muito útil. Também será necessária em outros conjuntos de perguntas. As primeiras oito características vêm dos Evangelhos, e as últimas seis, de Filipenses, mas estas serão discutidas mais tarde. A lista completa está apresentada aqui para você faça uso dela:

1. Servo
2. Não seja o senhor absoluto...
3. Exemplo
4. Humildade
5. Como uma criança
6. Como o mais jovem
7. O último
8. O menor
9. Sem usar a força
10. Sem ambição cega
11. Sem reputação
12. Ser humano
13. Obediência
14. Doar sua vida

4. Nos ensinamentos de João 13-17, Jesus tinha muito a dizer sobre o papel do Espírito Santo, a saber, revelar Jesus. Que experiências você teve com o Espírito Santo, e de que maneira elas afetaram seu conhecimento e sua visão de Jesus?

O estilo de Jesus - a suas ordens

1. Este capítulo começa o cerne do livro e estabelece a primeira característica da natureza de Jesus: a sujeição. Outra expressão usada para sujeição pode ser “centrado nos outros”. O que normalmente a palavra ‘servo’ lhe traz à mente?

2. Quem são as pessoas que tornam sua vida melhor? Para quem você torna a vida melhor?

3. Se você pudesse perceber completamente suas ambições, que tensão isso criaria em termos do chamado para a sujeição?

4. O autor diz que a sujeição é uma escolha feita por nós, não o resultado de coerção. Depois, ele passa a maior parte do capítulo falando sobre os problemas criados pela manipulação. Para aquele que é “centrado nos outros”, um perigo constante é manipulação a que está sujeito. Pense em algumas maneiras em que outros levaram vantagem sobre você. Como você se sente e reage quando isso lhe acontece?

5. Você talvez tenha notado que busca evitar uma pessoa que tentou lhe manipular. Se uma pessoa é bem sucedida em tirar vantagem de você, pode ser que você passe a não mais gostar dela em virtude do que aconteceu, como também fica desgostoso consigo mesmo por ter caído na armadilha. Aqui estão algumas colocações que podem ser úteis para se evitar a manipulação:

“Não me sinto confortável com a escolha que tenho de fazer aqui, portanto terei de lhe dizer ‘não’.”

“Nessas circunstâncias, não sinto que tenha a habilidade de fazer uma escolha com amor, portanto devo dizer ‘não’.”

“Estou fazendo isso porque escolhi. Acho que é o certo e o melhor...”.

6. Peça a um amigo ou membro do seu grupo para representar uma situação de manipulação com você e pratique usar as colocações acima até que você se sinta confortável com elas.

7. Sujeição e escravidão não são a mesma coisa. Sujeição é resultado de uma escolha, e escravidão é o resultado da força. Usando “sujeição” e “escravidão” como título de duas diferentes colunas, leia os seguintes versículos e anote as partes que combinam com cada uma das colunas: João 10.17, 18; 1Coríntios 9.19; Mateus 5.38- 42.

8. Quais são as necessidades e torças que verdadeiramente o movem? Discuta-as com alguém e descreva como sua habilidade de escolher pode ser usada.

O estilo de Jesus - a pirâmide do poder

1. Este capítulo estabelece a segunda característica da natureza de Jesus — não ser senhor absoluto. Poucas ações na vida são mais claras do que a tendência do homem de exercer poder sobre os outros.

Ações dessa tendência enchem as páginas de nossos jornais. Pegue uma cópia atual de seu jornal local e veja quantos artigos foram gerados por um indivíduo, ou grupo, tentando exercer algum poder sobre os outros.

2. Este capítulo conta-nos que aqueles que são senhores absolutos de outros, fazem isso por meio do sacrifício da honestidade, dos seus subordinados. Para testar isto, enumere alguns homens de negócios, políticos ou líderes religiosos que você conhece. Pense nas coisas que são ditas sobre eles e que você acredita que eles não saibam sobre elas. Você acha que seria fácil contar-lhes isso? Ore sobre o papel de pessoa honesta que pode ter em suas vidas.

3. De que maneira a submissão à autoridade espiritual em sua vida trouxe crescimento a você? De que maneiras, conforme sua observação, as autoridades espirituais são ofendidas?

4. A maior parte deste capítulo aplica a natureza de Jesus ao casamento e à família. Se você vê seus filhos como filhos de Deus pelos quais você é responsável, que coisas você gostaria que eles soubessem sobre Deus, seu Pai, e o que você gostaria de dizer-lhes sobre sua própria responsabilidade? Como você interpretaria o “edificar” seus filhos em Efésios 4.12? Enumere as coisas mais importantes na ordem em que você quer que seus filhos as obtenham ou as conheçam.

5. Se você é marido, com a lista das características de Jesus diante de você, anote em seu caderno algumas maneiras que esta lista poderia ser aplicada ao amar “sua mulher, assim como Cristo amou a Igreja”. Se você é esposa, anote algumas maneiras pelas quais você sente que se submete ao Senhor e perceba como isto pode ser aplicado em seu relacionamento com seu marido.

6. Quais são algumas coisas que você faz e as quais promovem seu “senso de casal”, isto é, a submissão mútua? Como as ações deste “senso de casal” podem ser comparadas em número a suas tentativas de expressar sua individualidade?

7. Que sistemas de autoridade firme você tem observado a sua volta?

8. A quem você tende a ouvir e como você descreveria a autoridade deles sobre você?

9. Quando você está no comando, como você descreveria seu desempenho?

O estilo de Jesus - eu prefiro um sermão

1. Este capítulo desenvolve a terceira característica da natureza de Jesus — o exemplo. Volte a sua infância e pense em algumas pessoas que lhe “mostraram como” fazer as coisas. Descreva como você se sentiu quando aprendeu estas novas habilidades. Para quem você é uma pessoa que “mostra o como fazer”?

2. Em pastor uma vez pregou um sermão sobre *Algumas coisas que me aborrecem e me cansam*. Ele apresentou os seguintes pontos: “Estou aborrecido e cansado de esperar que você ore quando eu não oro. Estou aborrecido e cansado de esperar que você dê quando eu não dou. Estou aborrecido e cansado de esperar que você dê o testemunho quando eu não o dou”. Não é bom ouvir isso? Quais “habilidades espirituais” você sente que tem e quem lhe “mostrou como” tê-las? Quais habilidades espirituais você gostaria que alguém lhe ensinasse?

3. Este capítulo faz algumas fortes colocações sobre a educação e os sistemas educacionais. Como você se sente sobre a educação da forma como a conhece? A educação verdadeiramente faz um estudante gostar de seu professor. Como é que você faz para escolher um professor para seus filhos? Você conhece algum lugar que escolhe os professores primeiramente porque suas vidas são dignas de ser copiadas? Se você fosse (ou é) um professor, quanto você gostaria que seus alunos soubessem sobre sua vida?

4. Em Deuteronômio 6.6,7, Deus diz aos israelitas para ensinar a seus filhos os mandamentos que ele dá *hoje* a seus filhos. O que Deus está dizendo a você *hoje*? Alguma outra pessoa, especialmente seus filhos, sabe sobre isto? Anote em seu caderno ou compartilhe com seu grupo algumas coisas que Deus está dizendo a você *hoje*.

5. Com a lista das características de Jesus diante de você, veja se consegue notar um sistema educacional que copiaria Jesus de perto e que faria com que estas características fizessem parte da vida dos alunos.

6. Descreva algumas coisas que você aprendeu e que acha que poderiam ter sido aprendidas somente por meio da observação.

7. Que coisas você aprendeu simplesmente por tê-las ouvido ou lido sobre elas?

8. Quanto você aprendeu espiritualmente por ter visto exemplos que não quer seguir, e quanto, por intermédio do exemplo adequado?

9. Em que áreas do crescimento você agora enfrenta lutas e precisa de um bom exemplo a ser seguido?

10. Quais são as pessoas cujas vidas podem ser afetadas pelo seu exemplo?

11. Quais as áreas que você acha que são as mais fortes e as quais você pode ensinar por meio do exemplo?

O estilo de Jesus - nem mais, nem menos

1. Este capítulo trata da quarta característica da natureza de Jesus - a humildade. O que vem a sua mente quando você ouve a palavra “humilde”?

2. A humildade pode ser descrita como um princípio de “honestidade e abertura”. Seria difícil ensinar muito por meio do exemplo (conforme discutido no capítulo anterior) sem a humildade ou vontade de ser honestamente visto pelos outros. Qual é a imagem que você tenta passar aos outros? Quais são as maneiras que você usa para manter esta imagem? Qual o custo e o tempo gasto para isto? Quão precisa é a imagem que você quer transmitir?

3. O direito à privacidade é constitucionalmente garantido nos Estados Unidos, isto é ótimo para nossa comunhão, mas resulta em algumas armadilhas reais ao corpo de Cristo. Que coisas sobre você mesmo não gostaria que seus amigos cristãos soubessem? Pare um momento agora para confessar estas coisas ao Senhor e, se puder, compartilhe-as com um amigo de confiança para que ele possa orar por você.

4. Em 2Coríntios 3.17,18 há um princípio pouco notado, mas poderoso — o de estar com a face descoberta diante de Deus — o que faz com que Deus estenda sua glória sobre nós e transforme-nos à sua imagem. Escreva em seu caderno e compartilhe com seu grupo algumas áreas em que você tem confessado a Deus e que agora, em consequência disso, sua vida se modificou para melhor.

5. Se seus sentimentos (não os pensamentos) fossem projetados em uma tela, quão surpresas você acha que as pessoas ficariam? Quais os sentimentos que você imagina mais as surpreenderiam?

6. Quando, especialmente nos cultos na igreja, você acha que seus sentimentos diferem dos sentimentos das outras pessoas? Como você se sentiria se tivesse de revelar esta diferença?

7. Quaisquer que sejam os temores que você tem quanto ao ser descoberto, enumere-os e peça diretamente a Deus para que ele expresse sua graça sobre você e remova esses temores.

O estilo de Jesus - a criança é...

1. Este capítulo desenvolve a quinta característica da natureza de Jesus - ser uma criança. Gaste algum tempo aventurando-se em sua infância; lembre os jogos, os amigos, os natais, os divertimentos. O que você consegue lembrar sobre sua fé se desenvolvendo quando você era uma criança? Aventure-se mais jogando um velho jogo infantil com o seu grupo: jogo das varetas, bolinhas de gude, ludo, etc. Observe seus próprios sentimentos e os risos do seu grupo.

2. Passe algum tempo com as crianças para que estas o ajudem a crescer em suas habilidades conforme a natureza de Jesus. Se você puder, fique no chão com elas. Dê-lhes espaço ou elas podem ficar assustadas, mas elas rapidamente se sentirão confortáveis a sua volta. Quando você vê uma criança nos braços de sua mãe, olhe nos olhos da criança e tente fazê-la sorrir.

3. Ser não ameaçador arranha nossa imagem. Gostaríamos de ser mais conhecidos como fortes, cheios daquele sentimento do tipo: “Não pise em mim”. Como o poder político da igreja do Brasil poderia ser comparado com o de outros países? Qual o comprometimento e crescimento que você esperaria ser melhor, o nosso ou o deles? Você responderia de maneira diferente (mais honestamente talvez?) em relação às pessoas das quais não tem medo? Pense em algumas pessoas pelas quais você poderia ser intimidado e descreva como você procura proteger-se delas.

4. Uma criança é descrita como um ser incapaz de enganar. Como você se sente à volta de pessoas que você sabe que estão escondendo algo de você? O que acha que aconteceria na igreja se nós, de repente, fôssemos incapazes de esconder qualquer coisa?

5. Quando lê a história de Gênesis sobre Adão e Eva, você percebe que, após pecar, a primeira coisa que fizeram foi esconder-se. Jesus, nosso novo Adão, diz-nos que somos “uma cidade colocada sobre uma colina, a qual não pode ser escondida” e que somos “a luz do mundo”. Discuta com seu grupo, ou escreva em seu caderno, algumas coisas que estas afirmações podem significar para você.

6. Quais são, de acordo com sua opinião, as características positivas e negativas em uma criança?

7. Pense em algumas ordens que ouvem alguns adultos dar a você. Como estas palavras soariam a você se elas estivessem vindo de uma criança?

8. Quem são aqueles que conseguem fazer com que a criança que existe dentro de você ou suas qualidades infantis venham à tona, e como eles fazem isso?

O estilo de Jesus - de segunda mão

1. Este capítulo nos traz a sexta característica da natureza de Jesus — ser como o mais jovem. Uma das melhores palavras para descrever a posição de “mais jovem”, como concebida por Jesus, seria peregrino. Um peregrino é passageiro; ele não tem nenhum interesse neste mundo nem em seus sistemas. Leia Hebreus 11.8-10 e Hebreus 11.13-15 em voz alta. Agora faça duas listas em seu caderno: uma lista daquelas coisas que um indivíduo provavelmente faria e as que não faria se fosse peregrino, e outra lista daquelas coisas que um indivíduo faria e as que não faria se fosse um cidadão de um país ou residente. Agora, a pergunta difícil é: “espiritualmente, em qual dessas listas você tende a cair?”. Discuta com seu grupo ou faça uma outra lista de coisas das quais você gostaria que Deus o livrasse.

2. Qual é sua posição de nascimento (primeiro, segundo, terceiro, etc.) em sua família? E como acha que isso lhe afetou?

3. Que privilégios você tem dos quais detestaria abrir mão?

4. Como se sente quando ouve grupos protestando por seus “direitos”? Você protestaria por seus próprios direitos? Protestaria para proteger os direitos de outros cristãos? Quão consciente você é da liberdade dos cristãos em outras terras? Discuta isso com seu grupo.

5. Você já levou muita coisa em uma viagem e gostaria que tivesse levado menos quando teve de carregar o pesado fardo? Que coisas você tem e que sente que são o mínimo necessário para viver como cristão? Em seu caderno, escreva todas as coisas que acha que a igreja primitiva não possuía, mas que temos agora na igreja.

O estilo de Jesus - educando para ser o último

1. Este capítulo nos traz o sétimo item da natureza de Jesus

ser o último. Ser o último é a “última” coisa que queremos que aconteça conosco. Já que isso não significa ser o último somente para demonstrar quão bom somos, exatamente o que isso significa para você? Como você acha que teria de se comportar para obedecer a esta afirmação de Jesus para ser o último? E quando você geralmente tenta ser o primeiro?

2. Em quais situações você tenta ser o último em benefício de outros?

3. Este capítulo afirma que a competição dentro do corpo de Cristo é impensável. Como você se sente sobre isso? Em que competições você esteve e como o vencedor foi escolhido? Quantos perdedores havia nessas competições? Você se considera um vencedor ou um perdedor? Se você se considera um vencedor, como se sente em relação às competições? Se sente que é um perdedor, como se sente em relação às competições?

4. Só como diversão, veja se você pode visualizar uma competição na qual os maiores atributos julgados são o amor, a fidelidade e a sujeição.

5. O autor afirma que ele acredita que as competições podem ser redimidas de certa maneira. Veja se consegue inventar um jogo que redima as competições.

6. Gayle Erwin escreveu uma profissão de fé para os atletas e times cristãos. Escreva sua reação a ela em seu caderno ou discuta-a com seu grupo. Quão diferente você acha que as ligas atléticas da igreja seriam, se todas seguissem esta profissão de fé?

PROFISSÃO DE FÉ DO ATLETA

Sou seguidor de Jesus Cristo e membro de seu corpo acima de todas as outras associações.

Em todas as atividades procurarei construir e fortalecer o Corpo de Cristo.

Procurarei a recreação que vem do companheirismo e faz com que este cresça.

Procurarei seguir os princípios do reino em todas as áreas do esporte e terei mais estima pelos outros do que por mim mesmo.

Agirei em minhas atividades de recreação de maneira que todos meus irmãos ganhem, sem levar em consideração o placar.

Jogarei como se Jesus fosse tanto meu companheiro de time quanto meu oponente.

7. Quando há risco, ser o primeiro é como ser o último. Quando você foi o primeiro a se arriscar em benefício dos outros?

O estilo de Jesus - um lugar na manjedoura

1. A oitava característica da natureza de Jesus — ser o último — é discutida neste capítulo. Nosso anseio dentro da igreja por honra, reconhecimento e elogio levam o autor a usar palavras fortes, como “escândalo” e “vergonhosamente comprometido”. Como você se sente sobre os sistemas de reconhecimento na igreja? O que acha quando ouve sobre alguém recebendo um grau honorário?

2. O autor afirma que “o último” não é o porão para os indolentes e inadequados, mas é o resultado de uma escolha feita com amor. Existe alguém que você esteja tentando colocar em primeiro lugar porque o ama e acha que isto faria um bem a esta pessoa? Pense com calma e, em particular, sobre essas coisas secretas que você faz para tentar abençoar e honrar alguém.

3. Leia em voz alta a canção de Maria cantada em resposta à anunciação feita pelos anjos sobre o nascimento de Jesus (Lc 1.46-55). Com este tipo de entendimento, que tipos de coisas você acha que Maria deve ter ensinado a Jesus enquanto ele crescia?

O estilo de Jesus - adeus à violência

1. O foco muda dos Evangelhos para a carta de Paulo aos Filipenses e para a grande canção “a mente de Cristo”, em 2.5-11. Comece esta seção lendo em voz alta esta passagem. Este capítulo acrescenta, à lista de sua natureza, as características nove e dez - sem usar a força e não ser guiado pela ambição cega.

2. Alguma vez desejou que Jesus usasse todo seu poder para simplesmente parar com todo o crime e toda a maldade? Como você se sentiria se fosse forçado a fazer algo que não quisesse fazer? Jesus escolheu não usar a força sobre ninguém. Geralmente, quando alguém sente que foi forçado a fazer algo, tem a tendência a tentar sabotar a situação. Discuta as vezes quando tentou mostrar resistência a uma situação “forçada”.

3. Consegue pensar em uma época em que foi lhe realmente dada a liberdade para fazer uma escolha sem que esta exercesse uma influência externa sobre você? Descreva.

4. Quando foi que viu uma pessoa sendo explorada? Como se sentiu? Você se viu compelido a fazer alguma coisa?

5. O evangelismo é apresentado como uma área repleta de ambição cega. Habitualmente, utilizamos quaisquer táticas à mão, divinas ou não, para recuperar os perdidos, pois precisamos das estatísticas. Este é um exemplo de como obter um ótimo “fim”, mas usando “meios” duvidosos. Veja se consegue enumerar algumas maneiras pelas quais, usando os meios apropriados, possamos efetivamente testemunhar. Anote ou discuta quantas delas você pode fazer e fará.

6. Conforme sua observação dos fatos, que outros métodos questionáveis são usados para alcançar o que parece ser um bom objetivo ministerial? O que você acha que leva pessoas boas a usar meios questionáveis? Alguém já tirou vantagem de você, embora estivesse tentando alcançar um bom objetivo? Como?

7. Satanás, como procurava conquistar o mundo, tentou mudar o foco de Jesus, de Deus para Satanás, mas Jesus permaneceu fiel. O que você considera como seus objetivos na vida? Como tem trabalhado para consegui-los? De que maneira tem sido tentado a usar meios inapropriados para conseguir seus objetivos?

O estilo de Jesus - alô, eu sou o reverendo...

1. A décima primeira característica da natureza de Jesus traz um golpe forte — ele se fez sem reputação ou fez de si mesmo um nada. Gosto de ser visto com pessoas que melhoram a minha imagem. Presto atenção aos nomes a minha volta. Perturbadoramente, Jesus se comprazia na presença dos inconvenientes. Claro que isto era para que os inconvenientes sentissem também prazer na presença de Jesus. Jesus se aproximou das pessoas mais baixas — mesmo aos acorrentados, possuídos pelo demônio. Quem são algumas das celebridades ou pessoas poderosas com as quais tem encontrado ou as quais estão a sua volta? Quão intimidado você se sentiu na presença deles? O que poderia ter mudado este sentimento de intimidação?

2. De quem você tem dificuldade de se aproximar agora em razão de sua reputação ou fama?

3. Quem você consideraria ser as pessoas de “reputação mais baixa” em sua cidade? Quão confortável acha que elas se sentiriam com você? Consegue imaginar algo que as faria sentir-se mais à vontade com você?

4. Como acha que as pessoas o vêem? O que faz para que eles o vejam dessa maneira? Que cargo você tem (ou título) ou qual item possui que imagina que pode causar ciúmes nas outras pessoas?

5. Jesus também fez de si mesmo um nada, apresentando-se como um pobre para que pudéssemos ser ricos. Como se sente próximo de pessoas ricas? E a mesma coisa que estar próximo dos famosos? Se você é rico, como as pessoas saberiam disso? Se você é rico, o que faz para que as pessoas pobres sintam-se bem próximas de você?

6. Quanto tempo você passa tomando conta do que possui? Já sentiu vontade de abandonar tudo? Por que às vezes se sente assim? O que você faz quando ganha um “dinheiro extra”?

7. Como você sente que a ostentação de riqueza de uma igreja (como, por exemplo, um prédio imponente) combina com a natureza de Jesus?

O estilo de Jesus - pés no chão

1. É realmente difícil pensar em Jesus como ser humano; parece que isso viola algo em nossas mentes para reduzi-lo ao nosso nível, mas ele era humano e este é o décimo segundo item de nossas características de Jesus. Quais são algumas das atividades humanas “normais” que você nunca imaginaria Jesus fazendo? Você consegue imaginar que ele precisava que suas roupas fossem lavadas?

2. Pense em algumas de suas próprias tentações. De que maneiras você imagina Jesus sendo tentado pela mesma coisa?

3. Quão diferente você imagina que Jesus realmente era de você? Por que você imagina isso?

4. O que significa para você ser “totalmente humano”?

5. O autor usa este capítulo para falar de perdão sob o título de *Viver sem pesos*. Por que acha que este tema esteja aqui? O que significa para você, como ser humano, “identificar-se” com outra pessoa? De que maneira o reconhecer sua própria humanidade lhe ajuda a perdoar os outros?

6. Alguns estudos interessantes e inspiradores têm sido feitos sobre o poder do toque. A Bíblia revela-nos que Jesus foi a toda parte “tocando” as pessoas - mesmo os intocáveis. O que tocar significa para você e como isso se relaciona com o fato de Jesus ser humano? Se você sentir vontade de fazer uma outra lista, tente encontrar pessoas no Novo Testamento a quem Jesus tocou e anote.

O estilo de Jesus - tal Pai, tal Filho

1. A décima terceira característica de Jesus nos diz que ele era obediente. Jesus nos diz que ele somente disse o que ouviu o Pai dizer e somente fez o que viu o Pai fazer. Isto significa que esta lista de características de Jesus foi também uma descrição do Pai, e Jesus foi obediente a essa natureza. Leia Mateus 16.24,25 em voz alta e discuta ou escreva o que isso significa para você agora que tem as características da natureza de Jesus diante de você ou em sua memória. O que significa “siga-me” para você?

2. O que acha que aconteceria em sua vida se sentisse que é “ungido”? A unção do Espírito Santo, a que Jesus se refere em Lucas 4.18, aparentemente deu-lhe o poder de ser obediente ao seu Pai. Como a lista dos beneficiários de sua unção se compara à lista de características de Jesus?

3. De um lado da página de seu caderno faça uma lista das ações resultantes da unção. Ao lado de cada ação coloque um número de zero a dez para indicar como você sente que está agindo em relação a elas. Você pode querer usar várias versões da Bíblia e também ler Isaías 61 para aumentar sua lista tanto quanto quiser (veja a lista abaixo).

A UNÇÃO

Levar boas novas aos pobres.	0-10
Cuidar dos que estão com o coração quebrantado	
Anunciar liberdade aos cativos	
Liberdade para os prisioneiros	
Recuperar a visão aos cegos	
Consolar a todos que andam tristes	
Libertar os oprimidos	
Proclamar o ano da bondade do Senhor	

4. Como você expressaria a bondade do Senhor para alguém? Fim sua opinião, por que Jesus não disse que a unção o fez expressar a ira do Senhor?

O estilo de Jesus - pastores não correm

1. Jesus pagou o mais alto preço da sujeição, sua vida, e isto nos leva a décima quarta e última característica de nossa lista — a morte. Este pensamento leva a perguntas bem evocativas: C) que realmente me move? Pelo que eu realmente morreria?

2. Muitas pessoas morreram no passado para alcançar ou garantir certos privilégios para nós. Existe alguém que venha a sua mente por cuja morte você é agradecido?

3. Quais de seus sonhos morreram e foram ressuscitados?

4. A morte de Jesus não foi simplesmente um evento “natural”, mas a morte como resultado de sua sujeição. Tome algum tempo para falar ou escreva sobre este assunto, habitualmente considerado um tabu — sua morte física e as preparações que você tem feito para ela. Agora, separe um tempo para escrever ou compartilhar suas razões para permanecer vivo.

O estilo de Jesus - descobertas felizes feitas

por acaso

1. Seria razoável pensar que tudo estaria acabado quando Jesus morreu, mas Filipenses 2.9-11 arremessa nossas almas para o alto com uma canção de exultação. Leia-a em voz alta.

2. Obviamente, o sucesso da sujeição pode apenas ocorrer por intermédio de Deus. Separe algum tempo para procurar outras passagens em que a humildade e a sujeição valem a pena.

3. Esta passagem, enquanto a lemos, evoca a reverência. Faça um outro estudo — Apocalipse, em especial, o último livro do Novo Testamento ou de outras passagens de reverência, como esta, as quais parecem explodir de alegria e exultação.

4. Como Deus tem honrado a você por trabalhar secretamente ou nos bastidores ou com um coração servil?

O estilo de Jesus - o detentor do poder

1. Jesus usou o ato servil do lava-pés para ensinar-nos três importantes lições:

- A. O que fazer para demonstrar amor total.
- B. O que faremos quando soubermos quem somos.
- C. Como lidar com o poder para que ele não nos corrompa.

Como o lava-pés era o trabalho mais baixo na casa, a primeira lição nos traz uma questão natural: por quem você gostaria de fazer o trabalho sujo? Qual é o trabalho mais baixo em sua casa? Quem o faz?

A segunda lição traz esta questão: Se alguém lhe perguntasse apenas quem você é, o que diria? Como passou a acreditar nessas coisas sobre você mesmo? De que maneira você poderia perder a dignidade? Diria que os discípulos pensaram que Jesus perdeu a dignidade ao lavar seus pés? Se não, por quê?

Você ouviu a afirmação: o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente, para responder à terceira questão, enumere as maneiras pelas quais você tem poder. Lembre-se que coisas como seu dinheiro, cor de pele, passaporte são símbolos de poder. De que maneira você está usando essas formas de poder para “lavar pés”? Discuta esta afirmação: A única maneira de usar o poder de modo que ele não o corrompa nem machuque aos outros é por meio de ações centradas no outro realizadas por um coração servil.

2. A disposição dos lugares à mesa na Última Ceia foi por posição (o que pode ter sido a razão das frequentes discussões entre os apóstolos). Que posição você ocupa agora e como isso lhe afeta? Alguma vez você senta à “mesa principal”? Você se perguntaria se algumas das pessoas sentadas à “mesa principal” realmente merecem estar lá?

3. Discuta ou escreva sobre suas próprias ambições agora.

Vivendo o estilo - o doce e o amargo

1. Até agora, como se sente em relação a este estudo sobre a natureza de Jesus? Quão confortável ou desconfortável se sentiu com as perguntas feitas a você até agora?

2. Você acha que a mensagem está sendo bem aproveitada, mas vivê-la realmente é mais difícil? Quais áreas você achou mais difíceis até este momento?

3. É possível que este estilo de vida seja impossível? Por que acha que sim, ou que não?

Vivendo o estilo - o osso do tornozelo ligado ao do pé

1. O autor acredita que a única maneira do corpo de Cristo obter sucesso, até mesmo viver, é quando cada parte torna-se uma servidora do restante do corpo. De que maneiras você vê este conceito funcionando ou não em sua experiência?

2. Várias ilustrações engraçadas são utilizadas neste capítulo para demonstrar quão ridículas certas ações da igreja seriam se as partes do corpo humano funcionassem desta maneira. Veja se consegue pensar em mais algumas ilustrações na mesma linha.

3. Se o câncer é uma célula egoísta que serve somente a si mesma e cresce às custas do corpo, como você pode usar este entendimento para discernir sobre as ações no corpo de Cristo? Você consegue reconhecer quais ações em seu círculo de experiência poderiam ser cancerosas?

4. Quanto tempo seu corpo gasta tomando conta de si mesmo? Quanto tempo o corpo de sua igreja gasta tomando conta de si mesmo?

Vivendo o estilo - prisioneiros da história

1. Este é um dos capítulos mais controvertidos do livro, uma vez que o autor declara que as denominações e outras instituições religiosas, por sua própria natureza, tendem a violar as características de Jesus. Ele sente que novos movimentos organizam-se por razões benevolentes, mas depois falham pelo seu comportamento de isolamento e de propaganda pessoal. Como você se sente quanto a este dilema? Qual você acha que é o papel das denominações hoje em dia? Como a sua denominação aproximou-o de algumas pessoas ou características e afastou-o de outras?

2. Você acha que a sua denominação age com um coração servil? De que maneira tentou fazê-la agir com um coração mais servil, se é que já tentou? Funcionou? Se sim, por quanto tempo?

3. O autor propõe a absurda ideia de fazer com que todas as novas organizações se dissipem após algum tempo, de vinte a cinquenta anos, e que seu patrimônio seja doado aos pobres.

Como esta ação provavelmente nunca acontecerá, o que acha que pode ser feito para preservar o fervor ou a revitalização ou o novo movimento que tipicamente parece esmorecer após um período de vinte a cinquenta anos?

4. Você já se encontrou em uma situação em que era mais leal a uma organização do que a Jesus ou ao corpo de Cristo? Como você relaciona “exclusividade” com a natureza de Jesus?

Vivendo o estilo - unindo-nos

1. Você está lendo um livro excepcionalmente “neutro” apesar de nossas descobertas no capítulo anterior. Sob um ponto de vista organizacional ou denominacional, você não pode determinar de qual “lado” o autor está. Ao contrário, estes estudos têm focado nossa mente em Jesus e em nossa resposta a ele, razão pela qual este livro tem sido usado tão largamente por diferentes grupos. Agora que você já viveu isto, se desejar uma experiência espiritual verdadeiramente criativa, veja se consegue reunir de oito a doze pessoas com formações denominacionais diferentes e comece o estudo novamente.

2. Faça uma lista de todas as igrejas em sua comunidade e ore por uma diferente a cada dia.

3. Um dos paradoxos infelizes das igrejas, sob qualquer título, é que muitas delas estão em um estado de conflito interno. Km seu grupo ou de memória, faça uma outra lista dessas igrejas que estejam sofrendo tal conflito. Com a lista das características de Jesus diante de você para guiá-lo, ore pela unidade e “cura” dessas igrejas.

4. Analise seu próprio conjunto de crenças e veja se há segmentos que alguém tem de acreditar antes que você possa confraternizar-se com esse indivíduo. Estes segmentos dizem respeito a Jesus? Bem, existem quaisquer itens que não estejam em sua lista e que se uma pessoa acreditar “neles”, você não pode confraternizar-se com ela? Esta crença inaceitável tem alguma coisa que ver com Jesus? Se você deseja discutir estas respostas, faça isso, mas especialmente ore pela posição que escolheu.

3. Chame alguns membros ou pastores de outras igrejas e diga-lhes que você aprecia o trabalho que estão fazendo por Deus e que está orando para que Deus esteja muito presente na vida deles e para que seus ministérios cresçam.

6. Pense em alguns temas religiosos que tenham causado discussões “acaloradas” em sua vida. Fias eram sobre alguma outra coisa que não Jesus? Na próxima vez em que estiver envolvido em uma discussão religiosa faça a seguinte declaração: “balemos sobre Jesus”. Reporte ao seu grupo o resultado.

7. Ande em volta do quarteirão e ore pelos ocupantes de cada casa pela qual passar.

Vivendo o estilo - em casa com o corpo

1. Se acreditamos nas declarações de Jesus em João 13.34,35, “amem-se uns aos outros”, então os relacionamentos são a pedra fundamental do cristianismo. O que você faz para tentar construir relacionamentos? O que você faria se soubesse que um de seus vizinhos é um recém convertido?

2. Neste capítulo, o autor faz menção do uso de grupos menores para o estudo da Bíblia e confraternizações. Que experiência você tem com grupos menores?

3. O autor, neste capítulo, empresta de Lyman Coleman a progressão na construção dos relacionamentos. Estes passos de sucessão são primeiramente para revelar-nos uns aos outros (contar nossa história, etc.), para depois nos reafirmar uns aos outros e, a seguir, comprometer-nos uns com os outros. Quem conhece sua história de vida ou testemunho? Reserve um tempo para ouvir a história de alguma outra pessoa e para contar a sua. Isso levará algumas horas, portanto dê tempo suficiente. Se estiver começando um novo pequeno grupo, separe uma hora ou um pouco mais a cada reunião para escutar a história de uma das pessoas. Certifique-se de expressar mais tarde à pessoa que contou sua história de que maneiras você viu Jesus nela.

4. O terceiro estágio dos relacionamentos — o compromisso — permite-nos ser ainda mais abertos ou confessionais uns com os outros. Se você chegou a esse estágio, perceberá que a oração é muito mais poderosa e honesta. Escreva ou compartilhe os nomes daquelas pessoas que conhecem suas verdadeiras necessidades e estão orando por você. Também enumere as pessoas cujas necessidades você conhece e pelas quais está orando.

5. Com Mateus 20.1-16, experimente fazer um estudo aplicado

da Bíblia. Procure respostas com seu grupo ou sozinho para as seguintes questões, nesta ordem: a) O que esta passagem revela a mim sobre Deus? b) O que esta passagem revela a mim sobre mim mesmo? c) Que mandamentos eu sinto que estão aqui para que eu siga? Seu relacionamento com seu grupo determinará o grau de profundidade que você alcançará em seu estudo.

6. Em sua oração particular, pratique revelar-se a Deus, como indicado em 2Coríntios 3.18. Conte a Deus tudo sobre seus sentimentos e desejos atuais. Se você sente que suas orações não funcionam, conte-lhe isso. Se sentir-se impotente para vencer certos problemas, conte isso a ele. Não deixe de revelar nada a ele.

Vivendo o estilo - compartilhando a dor

1. Viver por outros provavelmente aumentará sua dor. Você agora perceberá as dores dos outros mais do que antes, e isso tornará você tremendamente consciente da agonia diária do mundo. Se isso já começou para você, descreva a seu grupo ou em seu caderno.

2. Qual o papel do sofrimento em sua vida?

3. De que maneiras você sente que realmente “sofreu por Cristo”? Ore por aqueles que estão sofrendo por ele agora.

4. Conta-se uma história que em um certo Natal, William Booth teve um desejo ardente de comunicar uma mensagem de encorajamento para todos seus colaboradores do Exército de Salvação do mundo todo. Eles estavam passando por tempos difíceis, principalmente na área financeira, portanto ele consultou seu assistente.

Seu assistente veio mais tarde a ele com as novas de que era possível enviar um telegrama para cada membro no mundo, mas, devido aos custos, a mensagem, na verdade, poderia ter somente uma palavra. Ele, portanto, retirou-se para orar e mais tarde voltou de sua hora de comunhão com o Senhor com “a” palavra a ser enviada: Outros!

baça mais um cartaz para você. Coloque a palavra “outros” no centro dele e coloque-o onde poderá vê-lo regularmente.

Vivendo o estilo - uma palavra segue a outra

1. A lista das características da natureza de Jesus é uma lente através da qual podemos ver tudo sobre a vida, incluindo as escrituras.

Tente um outro estudo aplicado da Bíblia, Mateus 18.21-35, sem esquecer de fazer três perguntas: a) O que esta passagem me diz sobre Deus? b) O que isso me diz sobre mim mesmo? c) O que ela me diz para fazer? Agora, pegue lista com as características de Jesus e veja se alguma de suas respostas para essas três questões não se encaixa com essas características. Lembre-se que a Palavra escrita não deve violar a Palavra viva. Se, quando você estiver estudando as escrituras, encontrar áreas que pareçam violar Jesus, lembre-se que esta Palavra é válida. No entanto, esta aparente incongruência simplesmente significa que precisamos estudar mais profundamente para aprender como uma passagem específica completa sua natureza.

2. Separe um tempo para estudar as referências sobre Jesus no Antigo Testamento. O que você supõe que Jesus disse aos dois homens no caminho de Emaús, em Lucas 24.13-27?

3. Veja quantos textos você pode encontrar em que Jesus citou o Antigo Testamento.

4. Agora que você se familiarizou com as características da natureza de Jesus, enquanto lê o Novo Testamento, anote as características expressas em cada passagem.

Vivendo o estão - o estilo de todas as épocas

1. Agora que chegamos ao último capítulo, descreva as mudanças de pensamento e ação que ocorreram a você enquanto estudava este livro.

2. Como se sente sobre si mesmo em relação à lista das características de Jesus? Ela parece excessiva?

3. De que maneiras você percebe o papel do Espírito Santo em sua vida após este intenso estudo de Jesus?

4. Que ministérios você está planejando? Quais novas maneiras de se doar estão guardadas em sua mente?

5. Leia em voz alta as duas últimas páginas do livro, começando com os versículos das escrituras de Filipenses e de Efésios. Que esperanças isto lhe dá?

6. Leia em voz alta Judas, os versículos 24 e 25 e celebre seu “descanso” em Jesus.

MAIOR PARA ACEITAR A JESUS DO QUE PARA VIVER COM O ESTILO DE JESUS".

RUSSELL P. SHEDD

EM "O ESTILO DE JESUS", GAYLE ERWIN AJUDA-NOS A VER, SENTIR E OUVIR JESUS COMO SE FOSSE PELA PRIMEIRA VEZ, SEM QUALQUER PRECONCEITO, PRE-DISPOSIÇÃO OU PARCIALIDADE. OS APÓSTOLOS SABIAM MUITO POUCO SOBRE JESUS, MAS O CONHECIAM. NÓS HOJE TENDEMOS SABER MUITO SOBRE ELE, MAS NÃO SABEMOS COMO GOZAR DE UMA ÍNTIMA RELAÇÃO COM ELE.

A QUESTÃO CRÍTICA, PORTANTO, É QUEM FOI JESUS, O QUE ELE DISSE E FEZ EM SUA PEREGRINAÇÃO TERRENA. GAYLE ERWIN COLOCA-NOS FACE A FACE COM O HOMEM JESUS, A PESSOA REAL QUE CAMINHAVA PELAS EMPOEIRADAS ESTRADAS DA GALILÉIA, VIVIA UMA VIDA REAL, EM SITUAÇÕES REAIS, COM PESSOAS REAIS E COMUNICAVA AS MAIS PROFUNDAS VERDADES EM TERMOS MAIS SIMPLES.

COMO RESULTADO DE SUA EXPERIÊNCIA PASTORAL, E SE PODERIA ACRESCENTAR ALGUNS TROPEÇOS INICIAIS, O AUTOR FORÇA SEUS LEITORES A CONSIDERAR HONESTAMENTE, OU TALVEZ SEJA AINDA MELHOR DIZER RECONSIDERAR, OS SIMPLES ENSINAMENTOS DE JESUS COM OS QUAIS JÁ ESTAMOS MUITO FAMILIARIZADOS.

NESTE LIVRO, SOMOS APRESENTADOS A UM JESUS, DO NOVO TESTAMENTO, DE UMA MANEIRA QUE PENETRA EM NOSSAS VISÕES TRADICIONAIS E EXIGE QUE ABANDONEMOS AS RACIONALIZAÇÕES QUE TEMOS CRIADO PARA NOS PERMITIR PROFESSAR SERMOS DISCÍPULOS DE JESUS, QUANDO AO MESMO TEMPO, ESTAMOS DANDO A ELE APENAS OBEDIÊNCIA PARCIAL, COM SOMENTE PARTE DO CORAÇÃO ENVOLVIDO.

RICHARD C. HALVERSON (1916-1995)
CAPELÃO, SENADO DOS ESTADOS UNIDOS

GAYLE ERWIN TRABALHOU QUARENTA ANOS COMO PASTOR, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, EVANGELISTA, CRIADOR E EDITOR DE REVISTA. ATUALMENTE, DEVOTA SEU TEMPO A ENSINAR E ESCREVER SOBRE A NATUREZA DE JESUS.